

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Expressões emocionais de desprazer no primeiro ano de vida:
manifestações e processos de transformação**

Ludmilla Dell'Isola Pelegrini de Melo Ferreira

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências. Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP
2013

LUDMILLA DELL'ISOLA PELEGRINI DE MELO FERREIRA

**Expressões emocionais de desprazer no primeiro ano de vida:
manifestações e processos de transformação**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área: Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia de Souza Amorim

Versão corrigida

RIBEIRÃO PRETO - SP
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ferreira, Ludmilla Dell'Isola Pelegrini de Melo

Expressões emocionais de desprazer no primeiro ano de vida: manifestações e processos de transformação. Ribeirão Preto, 2013.

188p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Amorim, Kátia de Souza

1. Psicologia do Desenvolvimento. 2. Bebê. 3. Expressão emocional.
4. Emoção.

Ferreira, Ludmilla Dell'Isola Pelegrini de Melo
Expressões emocionais de desprazer no primeiro ano de vida: manifestações e processos de transformação

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca examinadora

Profa. Dra. Kátia de Souza Amorim
Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Profa. Dra. Maria Clotilde Rossetti-Ferreira
Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Profa. Dra. Maria Isabel P. C. Pedrosa
Instituição: Universidade Federal de Pernambuco

Assinatura: _____

*Dedico às pessoas amadas do meu coração.
E a todos – especialmente bebês e pais – que possam se beneficiar deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

São muitas histórias que compõem essa história. A realização de um mestrado é muito mais do que a produção aqui escrita... É a vida acontecendo nos arredores de uma universidade, em meio à construção do conhecimento... São o sopro da existência e da sabedoria, juntos, divinos e infinitos. Por isso, começo agradecendo ao meu bom e amado Deus! Sou imensamente grata por esses anos, pela minha vida e história, e principalmente por todos que colocastes em meu caminho, aos quais continuo agradecendo de todo o meu coração...

Aos meus queridos pais, Romes e Eduarda. Grandes mestres do amor, que sempre me ensinaram e incentivaram a estudar, a ser ética e justa, a seguir os meus sonhos e fazer, acima de tudo, o que eu gosto, porque só assim eu seria feliz. Vocês estavam certos! É grande a alegria dessa conquista! Obrigada pela confiança, por acreditarem na minha capacidade, e, principalmente, pela vida tão leve, alegre e inspiradora que me proporcionam todos os dias.

À minha irmã, Jessiquinha, com quem aprendi as alegrias e as dificuldades da parceria e da amizade. Obrigada por estar sempre presente e por me ensinar a viver o amor fraterno, que busca o bem do outro acima de qualquer coisa.

A todos os meus familiares, avós, tios e primos, dos quais fiquei ausente em diversos momentos para estudar, e que sempre sentiram a minha falta e me apoiaram em tudo.

Ao Rafael, pela companhia e incentivo durante esses anos tão especiais da minha vida.

Aos colegas e professores da UFU, lugar onde dei meus primeiros passos na psicologia. Agradeço especialmente à Paula Cristina Medeiros, professora querida, que conquistou o meu coração para a pesquisa através da sua curiosidade e perguntas instigantes, seu olhar atento ao outro e jeito acolhedor... Estar com você foi essencial para que eu investisse nas flores e pedras do pesquisar.

À minha orientadora Kátia Amorim, que me ajudou a pisar firme na terra da pesquisa. A sua ética, seu cuidado com as pessoas e seu olhar sensível e simples para a vida me ensinaram muito mais do que qualquer livro. Obrigada pela escuta sempre atenta, por compreender o meu jeito e as minhas histórias, por legitimar que afetivo e cognitivo andam de mãos dadas; e por todas as orientações, sugestões, perguntas e elogios que sempre me ajudaram a buscar o melhor para a nossa pesquisa. Você é uma profissional impecável, em quem tenho alegria e orgulho de me inspirar!

À Lúcia e sua família, que abriram as portas da sua casa para mim. Obrigada por tudo, principalmente por me permitirem acompanhar momentos tão especiais de vocês.

Aos participantes dessa pesquisa, que mesmo sem me conhecerem foram fundamentais para a minha investigação científica. Adorei estar com vocês!

Aos colegas e professores do CINDEDI. Foi em um encontro de vocês que pude ver acontecer, literalmente, a construção do conhecimento. E como foi bom ver isso com os meus próprios olhos; e, hoje, ser uma de vocês! Agradeço às meninas do meu grupo de pesquisa, pelos momentos que (com)partilhamos teorias, pesquisas, dúvidas, aprendizagens e festas: Kátia Colus, Gabi, Luciana, Carol, Fernanda, Natália, Luiza, Cris, Flávia, Manu, Rosárea, Lúcia e Cláudia, e seus respectivos ‘bens’ e filhos.

Ao Ronie, pela ajuda com os materiais de pesquisa, sempre disposto a ajudar; e pelas prosas e poesias que nos convidam à sua sala.

Especialmente à Clotilde, que com grande maestria e amor conduz o Cindedi há tantos anos. Obrigada por participar da minha banca de qualificação, juntamente com a Profa. Adriana Laplane. A análise e contribuições de vocês foram essenciais para o desenvolvimento e finalização do trabalho.

À Profa. Maria Isabel Pedrosa, que carinhosamente aceitou o meu convite para participar da defesa de mestrado. Saiba que o seu olhar sensível nos encontros do Cindedi e seus textos colaboraram muito para a construção da minha dissertação.

À FAPESP e CAPES, pelo financiamento, cujo apoio foi fundamental para a realização desta pesquisa.

Finalmente, a cereja do bolo: aos meus queridos amigos! Como vocês são especiais e foram fundamentais nesse processo. À Kátia Alessandra, minha amiga de olhar e coração poéticos, você foi um porto seguro para mim. Obrigada pelas conversas, comidinhas e partilhas. Ao Pedro, grande amigo, sempre presente e enchendo o meu coração de alegria. Obrigada pelo seu olhar cheio de possibilidades e sinceridade, sempre me dizendo em tons de verde “você consegue, Lud, seja lá o que for”! À querida Gabi, uma amiga que virou irmã! Obrigada pela sua companhia durante esses anos, pela ajuda com a pesquisa e com a vida! Ao Guilherme, que ao chegar trouxe a paz capaz de me fazer crescer! Ao Ernane, Rose e Maria Teresa, pela especial intercessão! À Fernanda Araújo, Lívia Tizzo e Denyele Carvalho, amigas de infância, que sempre estiveram e estarão presentes em todos os momentos da minha vida! À Sara Andrade, Tatiane Vieira e Mariane, presentes de Deus para mim, companheiras de fé e oração; obrigada pela doce e carinhosa amizade! Ao Rafael Nascimento, Mirela e Giovana, pelas risadas juntos e incentivo! Cada um de vocês sempre será essencial em cada passo que eu caminhar!

A todos que direta ou indiretamente têm suas marcas neste trabalho, muito obrigada! Ele foi feito a várias mãos e corações!

*“O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”.*

Carlos Drummond de Andrade

*“E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas*

*E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar*

*É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate bem mais forte o coração...”*

Gonzaguinha

RESUMO

Ferreira, L. D. I. P. M. (2013). *Expressões emocionais de desprazer no primeiro ano de vida: manifestações e processos de transformação*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia Ciência e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

A emoção é tema presente em diversas áreas do conhecimento, dentre elas, a Psicologia do Desenvolvimento, na qual Henri Wallon se destaca. Em sua teoria, a expressão emocional é elemento central nos primeiros meses de vida, e propiciaria a constituição do vínculo entre o bebê e os parceiros de interação. A revisão de literatura mostrou diferentes perspectivas teóricas e metodológicas que têm explorado o tema das emoções, cujos resultados, de forma geral, têm apontado a alta capacidade comunicativa e interativa dos bebês a partir das expressões emocionais. No entanto, esses estudos focalizam as expressões faciais, particularmente as positivas, como o sorriso; sendo a maioria realizada em laboratórios, com delineamento transversal e análise quantitativa. Assim, este trabalho tem como objetivo acompanhar as manifestações e o processo de transformação das expressões emocionais de desprazer de um bebê durante o seu primeiro ano de vida, contemplando as diversas formas de manifestação das emoções – faciais, vocais e corporais. As vídeo-gravações utilizadas estão arquivadas no Banco de Imagens do CINDEDI, e são de um bebê que foi filmado em sua residência desde a primeira semana de vida até os doze meses. As gravações foram feitas semanalmente no primeiro semestre e quinzenalmente no segundo, com duração aproximada de uma hora cada. Para a construção do *corpus* de análise, realizou-se um mapeamento das expressões emocionais de desprazer do bebê e das ações dos parceiros de interação. As categorias para observação e registro dividiram-se em expressões faciais, corporais, vocais e olhar. Para os parceiros de interação, além destas, adicionaram-se as ações direcionadas ao bebê. Para a análise desse material dividiu-se o primeiro ano de vida em quatro trimestres, e selecionou-se um episódio de interação para cada período. A análise possibilitou observar que desde a primeira semana de vida o bebê manifesta articuladamente as expressões faciais, vocais e corporais, para comunicar ao outro o seu incômodo. Nos primeiros dois meses de vida, todas as expressões apresentaram valores aproximados de manifestação, mas a partir do terceiro mês, observa-se que a expressão facial apresenta frequências consideravelmente mais baixas do que as vocais e corporais, as quais permanecem em evidência durante todo o primeiro ano. Além disso, a articulação entre as expressões não é aleatória, mas apresenta uma sequência específica, intensificando a manifestação de incômodo ou irritação do bebê: inicia com o movimento corporal, adiciona-se a expressão vocal e, por fim, a facial, sendo que o choro (vocal e facial) é o último recurso utilizado para exprimir o descontentamento. Os parceiros de interação buscam atender e acalmar o bebê através de diversas ações, que também vão se modificando ao longo do tempo, mas a fala constitui o principal recurso. Assim, as expressões do bebê e as ações dos parceiros estão articuladas de tal maneira que as transformações das manifestações emocionais tornam-se circunscritas ao contexto e às relações construídas, evidenciando os processos de regulação e atribuição de significado para as expressões de desprazer. Discute-se, portanto, a emoção constituída por um processo biologicamente cultural, e as práticas educativas compondo a matriz social da qual emergem as manifestações emocionais, circunscrevendo as possibilidades de expressão do bebê.

Palavras-chave: Bebê. Expressão emocional. Desenvolvimento humano. Emoção.

ABSTRACT

Ferreira, L. D. I. P. M. (2013). *Emotional expressions of displeasure in the first year of life: manifestations and processes of transformation*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia Ciência e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Emotion is a theme that is present in various fields of knowledge, including developmental psychology, from which Henri Wallon acknowledged. In his theory, emotional expression is as a central theme, understood as constituting of the bond between the baby and her interactional partners in the early months of life. A literature review showed various theoretical and methodological perspectives that have been exploring emotions as a theme. The results of these studies have generally shown the great communicational and interactive capacity of babies through their emotional expressions. However, these studies focus facial expressions, particularly positive ones like the smile. Most researches are carried in laboratories, with a transversal design and quantitative analysis. Thus, the present study aims at following the manifestations and the process of transformation of emotional expressions of displeasure in a baby during her first year of life, contemplating various forms of emotional manifestation- facial, vocal and bodily expressions. The video recordings that were used are part of CINDEDI's Image bank and the baby was recorded at home from her first week of life until her twelfth month. The recordings were made weekly during her first six months of life, and bi-weekly in the next semester, with an approximate duration of one hour each. For the construction of the *corpus* of analysis, a mapping of both the baby's emotional expressions of displeasure and her interactional partners' action was carried out. The categories for observation and registry were defined as facial, bodily, vocal and looking expressions. For the interactional partners, another category was added to these, namely, the actions directed towards the baby. For the analysis of this material, the first year was divided into four trimesters and an episode of interaction for each period was selected. The analysis enabled the observation that since her first weeks of life, the baby articulately manifests her facial, vocal and bodily expressions to communicate her unease. In her first two months of life, all of her expressions presented similar count of manifestation, but from the third month on, it is noted that the facial expressions are shown with a considerably lower frequency than the vocal and bodily ones, which are evident throughout the whole first year. Moreover, the articulation among the expressions is not random, but it presents a specific sequence that deepens the manifestation of the baby's unease or irritancy: it starts with body movements, to which the vocal expression is added and, finally, the facial expressions. Crying (which is a vocal and facial expression) is the last resource applied in order to express displeasure. The interactional partners seek to respond to the baby and to calm her down through various actions that also change with time, though talking is always their main resource. Thus, the baby's expressions and her interactional partners' actions are articulated in such a manner that the transformations of emotional manifestations become circumscribed both to the context and to the relationships, which highlights processes of regulation and meaning attribution to expressions of displeasure. It is thus discussed the constitution of emotion by a biologically cultural process, and the educational practices that constitute the social matrix from which these emotional manifestations arise, circumscribing the baby's possibilities of expression.

Keywords: Infant. Emotional expression. Human development. Emotion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 A emoção na teoria do desenvolvimento humano de Henri Wallon e seus estudiosos no Brasil	22
1.2 Revisão bibliográfica sistemática: emoção no desenvolvimento do bebê no primeiro ano vida.....	26
1.2.1 Estudos Empíricos.....	35
1.2.2 Conclusão e apontamentos	42
1.3 A face da emoção: um recorte da literatura à luz de Paul Ekman	43
1.4 Perspectivas sobre a investigação da emoção no desenvolvimento de bebês: para além de Wallon e da revisão de literatura	45
2 OBJETIVO	53
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	57
3.1 A perspectiva da Rede de significações.....	57
3.2 Estudo de caso	58
3.3 Material Empírico e Questões Éticas	59
3.4 Participantes da pesquisa	60
3.5 Registro da situação	61
3.6 Construção do <i>corpus</i> de análise	61
3.6.1 Mapeamento das expressões emocionais	63
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	75
4.1 Relato dos recortes de vídeo	75
4.2 Mapeamento das expressões emocionais de desprazer do bebê e ações dos parceiros de interação	84
4.2.1 Expressões emocionais de Marina ao longo do primeiro ano de vida	85
4.2.2 Expressões emocionais e ações direcionadas ao bebê pelos parceiros de interação	92
4.3 Análise do processo de transformação das expressões emocionais de desprazer do bebê e as ações dos parceiros de interação ao longo do primeiro ano de vida	99
4.3.1 PRIMEIRO TRIMESTRE: Evidenciando a dimensão biologicamente cultural das expressões de desprazer do bebê.	101
4.3.2 SEGUNDO TRIMESTRE: O cotidiano, as interações e as interpretações dos parceiros como circunscretores das expressões emocionais do bebê.....	112

4.3.3 TERCEIRO TRIMESTRE: A emergência da emoção segundo a co-regulação e construção de significado com diferentes parceiros de interação.....	126
4.3.4 QUARTO TRIMESTRE: Um corpo expressivo imerso na cultura, constituído por e constituinte das relações com o mundo.	138
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	163
ANEXOS.....	175
APÊNDICES.....	187

Introdução

“Já observou que nem sempre a lógica do pensamento corresponde à lógica da existência? A vida é muito mais que a teoria que sobre ela estabelecemos. Ela não cabe nos nossos conceitos, mas nos escapa o tempo todo. Escorre pelos dedos, foge de nós. Por isso ficamos contraditórios.”

Pe. Fábio de Melo

1 INTRODUÇÃO

O tema da emoção tem sido abordado por autores em diferentes áreas do conhecimento (Filosofia, Antropologia, Psicologia, Biologia, Neurologia). Seu vasto campo de estudo possibilita diversos olhares para o seu conceito e aplicação. Muitos trabalhos enfatizam os aspectos orgânicos e as manifestações expressivas da emoção, enquanto outros priorizam os elementos culturais destas manifestações (Magiolino, 2004).

Charles Darwin é considerado o precursor das pesquisas sobre emoção (Galvão, 2001; Ekman, 2011; Ades, 2012 [informação verbal]¹). A partir da análise de seus estudos, Darwin afirmou existirem uniformidades de expressões entre os seres humanos; ainda, que certas expressões emocionais são comuns ao homem e a alguns animais. Sobre estas questões, Darwin (1872/2000) afirma,

Todos concordam que os principais movimentos expressivos de homens e animais inferiores são inatos ou hereditários, isto é, não foram aprendidos pelo indivíduo. O aprendizado e a imitação têm tão pouco a ver com muitos desses movimentos que eles estão desde cedo e ao longo da vida muito além do nosso controle; (...) Bebês choram de dor logo depois de nascer, e suas feições já têm a mesma aparência dos anos seguintes. Esses fatos apenas já bastam para demonstrar que, de nossas expressões, muitas das mais importantes não foram aprendidas. Mas chama a atenção que algumas, que são certamente inatas, requerem prática por parte do indivíduo antes de serem desempenhadas de forma completa e perfeita; por exemplo, chorar e rir. (p.326 – 327)

Neste trecho, apesar de Darwin apresentar a concepção evolucionista – inata e/ou hereditária – das expressões emocionais, ele abre brecha para a discussão do aspecto social e cultural dessas manifestações. Ao dizer que “chama a atenção que algumas (expressões), que são certamente inatas, requerem prática por parte do indivíduo”, aponta, assim, a um possível caráter social da emoção – pela via da influência, aprendizagem ou prática, para atingir uma “forma completa e perfeita”. O que Darwin assinalava no século XIX, atualmente está no cerne das discussões sobre emoção: seu caráter biológico (inato, herdado filogeneticamente) e sua dimensão social, cuja discussão será mais aprofundada posteriormente.

Na investigação dos processos de desenvolvimento humano, o teórico Henri Wallon destaca-se por se dedicar ao estudo das emoções e da dimensão afetiva na constituição da pessoa. Dantas (1992) refere que Wallon teve uma “nítida inspiração darwinista” ao construir a sua teoria, afirmando que as emoções estão na base da filogênese, como instrumento de sociabilidade. No entanto, distingue-se de Darwin ao não enfatizar a expressão facial como

¹ Informação fornecida por César Ades na palestra de abertura do Curso de Verão em Psicobiologia no Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, cujo tema foi “Expressão facial das emoções: um tema Darwiniano”, em 30 de Janeiro de 2012.

principal caráter da emoção, mas ao discutir o contágio da expressividade no corpo como um todo. E, ainda, por compreender que a origem das emoções também está no próprio homem, na tonicidade, enquanto Darwin apontava a emoção como um vestígio da seleção das espécies, pertencente a uma das etapas impostas à espécie pela evolução, sem utilidade atual, e não tendo sua origem em cada sujeito (Wallon, 1934/1971; Galvão, 2001).

Visando compreender a discussão da emoção como elemento constitutivo do desenvolvimento humano, principalmente no curso do primeiro ano de vida, recorreu-se inicialmente à obra de Wallon como fonte teórica para este trabalho e construção de um estudo empírico, cujas proposições serão apresentadas a seguir. Posteriormente, a revisão bibliográfica nacional e internacional sobre a emoção no processo de desenvolvimento do bebê aponta os desdobramentos das pesquisas empíricas na área e as novas perspectivas sobre o estudo das emoções.

1.1 A emoção na teoria do desenvolvimento humano de Henri Wallon e seus estudiosos no Brasil

Wallon propôs o estudo do desenvolvimento da criança de forma integrada, abarcando a afetividade, motricidade e inteligência como dimensões constitutivas e inseparáveis neste processo. Sua teoria psicogenética tem como foco o estudo do desenvolvimento da pessoa completa e concreta. De modo a compreender a gênese dos processos psíquicos, ele enaltece o estudo com a criança, contextualizando-a nas e a partir das relações com o meio (Dantas, 1992; Galvão 1996; Siqueira & Costa, 2010). Dessa maneira, contrapondo-se aos pesquisadores que buscam entender a criança a partir do adulto, Wallon (1941/1986a) frisa que o estudo do desenvolvimento deva ser realizado a partir da própria criança, no sentido de se analisar as fontes das quais um processo surge.

Nessa perspectiva, Wallon (1941/1986b) discute a origem dos processos emocionais no desenvolvimento da pessoa, no sentido de explicar as emoções em sua natureza. Em seus escritos, cita Cannon, para o qual a emoção só existe mediante descarga maciça de produtos endócrinos na circulação (principalmente adrenalina). Estes, por sua vez, estimulariam o sistema neurovegetativo, cujo papel é manifesto na emoção. Wallon faz referência, ainda, de autores como Kantor e Lapique que afirmam que as reações viscerais e tônicas teriam um papel perturbador nas emoções, entravando seu desenvolvimento e gerando distúrbios emocionais.

No entanto, Wallon (1934/1971) afirma que,

O exemplo de certas reações, ainda primitivas, mostra, na realidade, que os efeitos mais claramente ligados à emoção têm o seu ponto de partida, não na vida de relação e nas formas de atividade ou nos

centros correspondentes, mas sim no domínio postural, estendendo-se este, segundo Sherrinton a toda a atividade tônica do organismo, ou seja, às funções viscerais e ao jogo das atitudes visíveis. (p. 62)

Apesar de afirmar que as emoções não têm seu ponto de partida nas relações, Wallon conclui que as “emoções se identificam com a ação sobre o mundo exterior”, mesmo tendo origem na vida orgânica, corroborando, assim, seu caráter simultaneamente biológico e social. Essa interrelação representa um ponto fundamental na teoria de Wallon, pois para ele a pessoa em desenvolvimento só se constitui através *de* e *a partir do* entrelaçamento dessas duas naturezas. Nas palavras do próprio autor:

Jamais pude dissociar o biológico e o social, não porque os creia redutíveis entre si, mas porque, no homem, eles me parecem tão estreitamente complementares, desde o nascimento, que a vida psíquica só pode ser encarada tendo em vista suas relações recíprocas. (Wallon, 1951, p. 8, citado por Werebe & Nadel-Brulfert, 1986).

Dessa forma, segundo ele, também a emoção é fundamentalmente biológica e social. Biológica por sua origem na vida orgânica e por se manifestar *no* e *através do* corpo. Social por fornecer o primeiro e mais forte vínculo entre os seres da espécie (Dantas, 1992).

A emoção imprime, assim, uma forma diferenciada ao fator afetivo, a partir do seu caráter essencialmente expressivo, que é próprio de cada sujeito. Segundo Wallon (1941/1986b),

Ela é primitivamente a modelagem do organismo por suas disposições próprias; é essencialmente uma atividade proprioafetiva e procede das funções posturais cuja existência era ignorada até recentemente. As emoções são a sua realização mental; retiram dela impressões da consciência (p. 145).

Nessa perspectiva, para o autor, as emoções são vistas como pertencendo ao meio social, às relações, espaço em que se pode sentir seus efeitos. Wallon (1941/1986b) afirma, assim, que é da natureza da emoção a sua “extrema contagiosidade de indivíduo a indivíduo”, cujo traço lhe é essencial pelo poder de provocar reações, atitudes e sentimentos num grupo. Dessa forma, a emoção se constitui no primeiro canal das trocas psíquicas, a partir do qual a criança consegue ajuda do outro, por suas reações expressivas. Ela seria, então, sistema, canal de expressão, através do qual ocorre a socialização na relação com o outro.

As considerações de Wallon sobre a emoção estão diretamente vinculadas ao desenvolvimento do bebê, uma vez que a emoção é para ele uma das características principais do primeiro ano de vida. Wallon (1934/1971, 1941/1986) fala de um bebê que precisa do outro para sobreviver e, nesse sentido, todas as suas possibilidades psíquicas estão orientadas para desencadear o cuidado do outro para si.

O recém-nascido apresenta reações descontínuas, gestos e expressões que, para ele mesmo, inicialmente, não têm utilidade, mas que suscitam no outro as intervenções úteis e desejáveis. Estes gestos estão relacionados a sensações de bem-estar, mal-estar, de necessidades ou estão sob domínio emocional, dentro do sistema espontâneo de reações afetivas. Duarte e Gulassa (2000) afirmam que este campo emocional influencia nas associações que o bebê vai fazendo entre suas manifestações espontâneas e as reações do outro, construindo um repertório de significados comum entre eles.

Assim, as pessoas mais próximas do bebê acolhem e interpretam suas reações e agem segundo o significado que dão à ação dele. Mas, além de atender a tais necessidades, as emoções potencializam as relações e servem de canal expressivo. Com isso, os adultos, por exemplo, passam a estabelecer uma relação de comunicação: conversam, sorriem, cantam e brincam com o bebê. A partir disso, uma intensa comunicação afetiva vai se desenvolvendo em meio aos componentes corporais e expressivos (Galvão, 1996). Os adultos dessa relação também usam mais suas expressões faciais, mudam a entonação de voz, fazem caretas e brincadeiras para se comunicar com o bebê.

Segundo Duarte e Gulassa (2000), constrói-se um circuito simbiótico – constituição de uma série de associações –, a partir do qual as descargas motoras vão se transformando em meio de expressão. As trocas entre o bebê e o ambiente tornam-se mais complexas e um campo emocional é construído, no qual “gestos, atitudes, vocalizações e mímicas adquirem nuances cada vez mais diversificadas de dor, tristeza, alegria, cólera” (Duarte & Gulassa, 2000, p. 25). Ou seja, as manifestações expressivas do bebê, que antes eram o seu veículo de comunicação, começam a ser compreendidas e atendidas pelo adulto e, assim, as variedades da emoção passam a ser reconhecidas e discriminadas pelos sujeitos em relação.

Para Galvão (1996), “as emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva”. No entanto, a autora compreende que a emoção é um dos elementos da afetividade, não se podendo confundir ou igualar as duas. Ela afirma, então, que “a afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações e as emoções possuem características específicas que as distinguem de outras manifestações da afetividade”.

Tais características são as alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldades na digestão, secura na boca. Mas ocorrem também mudanças que podem ser perceptíveis na relação, como alterações na mímica facial, na postura, na forma como são executados os gestos, mudanças na voz. Essas alterações podem ser visíveis devido ao caráter expressivo da emoção, que é contagioso e mobilizador do meio humano. Segundo Galvão (1996),

O fato de as emoções estarem sempre vinculadas a essas reações neurovegetativas e expressivas deve-se à existência de um substrato corporal comum, a função postural ou tônica. Ela é responsável pela regulação das alterações do tônus da musculatura dos órgãos internos (lisa) e da musculatura esquelética (estriada). À serviço da expressão das emoções, as variações tônico-posturais atuam também como produtoras de estados emocionais; entre movimento e emoção, a relação é de reciprocidade (p. 62).

Por isso, é grande o destaque que Wallon dá ao componente corporal das emoções, pois a emoção está vinculada à tonicidade, sendo que uma transforma e regula a outra. Dessa forma, o tônus esculpe o corpo que se emociona, dando-lhe o aspecto expressivo e comunicativo; e a emoção confere as modificações ao tônus de acordo com a sua variação.

Essa relação de complementaridade entre o tônus e a emoção é percebida nos bebês facilmente. O recém-nascido, por exemplo, está submetido a bruscas variações no grau de tensão muscular, uma vez que ainda não controla sua tonicidade nem postura. Dessa forma, muitos estados emocionais têm suas causas na própria descarga muscular, pois, ao nascer, o bebê se encontra num estado de impulsividade motora pura, sendo a emoção o canal de evasão de sua tensão, através das contorções, espasmos e crises emotivas. (Galvão, 1996).

A criança sente tais variações tônicas que modelam seu corpo, o que lhe permite, além de exteriorizar os estados emocionais, apreender estas sensações a partir das associações que gradualmente faz entre suas expressões e as respostas do meio. É por isso que as emoções são consideradas como a origem da consciência, pois ao realizarem o vínculo com o ambiente social, possibilitam o encontro do bebê com o universo simbólico da cultura, permitindo, assim, “a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva” (Dantas, 1992, p. 86).

Concomitante a este processo, a afetividade também vai sendo construída *a partir das e nas* relações do bebê com o meio. Cada vez mais, suas reações tornam-se diversificadas, complexas e intencionais, diferentemente dos espasmos e contrações quando recém-nascido (Galvão, 1996). Desta forma, discute-se que cognição e afetividade são constituídas a partir da emoção e que, após o estabelecimento deste processo, a emoção fica subordinada a estas duas dimensões (Dantas, 1992). A emoção não se transforma em afetividade, nem em cognição, mas é o substrato primordial para que elas se desenvolvam.

A teoria de Wallon, portanto, apresenta uma perspectiva do desenvolvimento que abrange diferentes dimensões da pessoa e propõe que cognição e afetividade têm sua origem na emoção, oferecendo a essa um lugar central no primeiro ano de vida, e também no desenvolvimento da pessoa. Ao ler vários textos de sua obra, observa-se que Wallon buscou apresentar dados empíricos sobre a manifestação da emoção durante o primeiro ano de vida; no entanto, diversas nuances não ficam explicitadas, como as mudanças que ocorrem nessas expressões, como se articulam as interações do bebê e os processos da emoção, ou como as expressões emocionais vão se modificando na relação com o outro. Além disso, duas outras questões são relevantes, e podem se apresentar como lacunas: a primeira diz respeito às pesquisas empíricas que Wallon discute e

cita em seus escritos, mas que não foram realizadas por ele mesmo, deixando margem para diversas interpretações e dúvidas, inclusive metodológicas; segundo, dada a época em que os estudos foram conduzidos e a teoria escrita – além das traduções – diversas palavras e conceitos são difíceis de definir e aprofundar, como cólera, cócegas, sensibilidade, dentre outras citadas ao longo da obra de Wallon.

Buscando, portanto, aprofundar o campo de estudos sobre a emoção no primeiro ano de vida, e articular a proposta de Wallon ao que tem sido produzido recentemente na literatura, realizou-se uma revisão bibliográfica. Diversos estudos sobre os aspectos emocionais da vida do bebê foram conduzidos principalmente entre as décadas de 1970 e 1990, os quais estão contemplados em uma revisão de literatura sobre expressão emocional de bebês conduzida por Mendes e Seidl-de-Moura (2009a). No entanto, ainda assim, percebeu-se a necessidade de contextualizar a proposta dessa pesquisa no campo científico atual, com o objetivo de analisar os estudos que têm sido conduzidos recentemente e como essa pesquisa dialoga com esses trabalhos, endossando a produção de conhecimento na área. Sendo assim, optou-se pela realização de uma revisão sistemática dos artigos publicados recentemente, como será apresentado a seguir.

1.2 Revisão bibliográfica sistemática: emoção no desenvolvimento do bebê no primeiro ano vida

Em vista das questões apresentadas acima, procedeu-se uma revisão sistemática da literatura sobre este tema, a fim de investigar o que, nacional e internacionalmente, tem sido estudado e discutido acerca da emoção relacionada ao desenvolvimento durante o primeiro ano de vida. Compreende-se que uma revisão sistemática é sempre um recorte do que realmente está sendo estudado e produzido. Porém, é a partir deste recorte que se podem fazer observações acerca da construção do conhecimento em determinada área ou tema.

Para o levantamento bibliográfico, trabalhou-se com duas bases de dados: uma nacional (BVS-Psi) e outra internacional (PsycINFO). Para a pesquisa, definiu-se pelas terminologias indexadas emoções/emotions e desenvolvimento emocional/emotional development (BVS-Psi e PsycINFO), além de estados emocionais e bebês (BVS-Psi) e early childhood development (PsycINFO). As palavras-chave foram “bebê”, “infant” e “emoção”, além dos cruzamentos entre elas e os descritores citados.

Como critérios de inclusão para análise, foram considerados: artigos, teses e dissertações; sem restrição de data na base nacional; e restrição aos anos entre 2009 e 2011 na base de dados internacional (dado o volume de artigos encontrados); idiomas inglês,

português, espanhol e francês. Os critérios de exclusão dos textos foram: livros, capítulos de livro e resenhas; e revistas exclusivamente da área médica.

A Tabela 1 apresenta o número de trabalhos encontrados nas buscas realizadas, considerando os critérios de inclusão/exclusão (já com a eliminação dos artigos repetidos). Como pode ser visualizado, o número de publicação internacional é consideravelmente maior do que o nacional, principalmente se observarmos o recorte das datas, de dois anos e meio na base internacional e sem restrição de data na base nacional. O primeiro trabalho encontrado na literatura brasileira, a partir desta busca, é de 1988 (Farias & Turcherman, 1988). Vale dizer, no entanto, que o fato de não se ter encontrado trabalhos com data anterior a essa, não significa que não houve outros trabalhos antes desse, nem que não existem mais estudos nacionais que se referem ao tema. As bases de busca e os critérios de inclusão/exclusão utilizados, inerentemente, podem levar à perda de alguns estudos. No entanto, mesmo considerando o recorte específico desta busca, existe grande discrepância entre o número de publicação nacional e internacional. Esta última publicou em dois anos mais do que o dobro do que foi publicado em 23 anos no Brasil.

Tabela 1: Descrição do levantamento bibliográfico realizado com o número de publicações encontradas.

Levantamento Bibliográfico						
BVS-Psi Sem restrição de data; Artigos de revistas de psicologia (Revistas técnico-científicas, PePSIC e SCIELO)			PsycINFO Restrição de ano: 2009 – 2011 Artigos			
Intersecção entre palavras-chave (PC) e descritores (D)		Resultado	Intersecção entre palavras-chave (PC) e descritores (D)		Refinamento	Resultado
Emoções (D)	Bebê (PC)	12	Infant (PC)	Emotions (PC)	Childhood (0 – 12 anos)	59
Emoção (PC)	Bebê (PC)	1				
Emoções (D)	Bebês (D)	4	Early Childhood Development (D)	Emotional Development (D)	Childhood (0 – 12 anos)	8
Emoção (PC)	Bebês (D)	1				
Desenvolvimento Emocional (D)	Bebê (PC)	18	Infant (PC)	Emotional Development (D)	Childhood (0 – 12 anos)	23
Total		36	Total			90
Total			126			

Obs.: As combinações realizadas com as palavras emoção/emoções e bebê/bebês na busca nacional foram necessárias porque trabalhos diferentes foram encontrados nas quatro buscas.

A despeito disso, a produção brasileira tem sido crescente, como mostra o gráfico 1. O número de publicações nacionais foi aumentando a partir de 2003, com maior elevação em 2009; houve uma duplicação da publicação nos anos 2000, com aumento maior no final desta década. Já no cenário internacional o número de publicações anuais se manteve praticamente estável, como apresenta o gráfico 1.

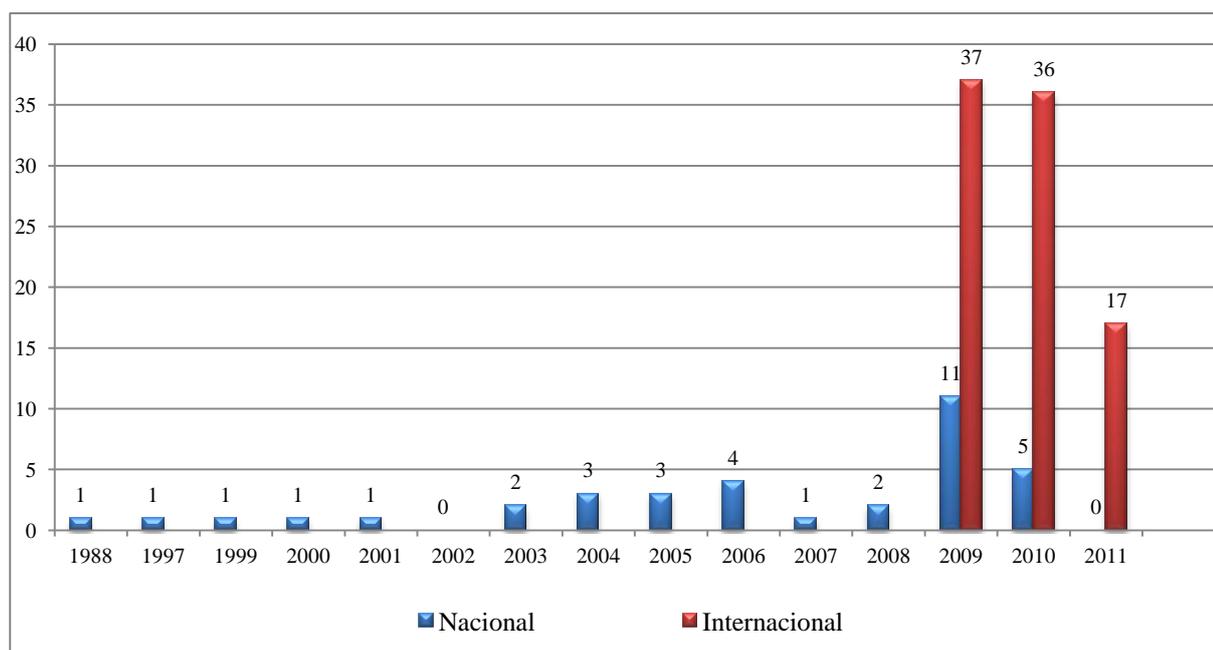


Gráfico 1: Número de publicações encontradas em cada ano na base de dados nacional e internacional.

Em seu artigo de revisão, Mendes e Seidl-de-Moura (2009a) discutem o aumento de publicações sobre as emoções e as expressões emocionais em bebês e crianças maiores. As autoras afirmam que as emoções, embora sejam fenômenos psicológicos, nem sempre são investigadas pelos psicólogos, o que, segundo elas, tem mudado consideravelmente nas últimas décadas. Dados têm evidenciado o crescente interesse pela temática da emoção, inclusive em sua dimensão ontológica, devido ao aumento de estudos com bebês, confirmando os dados encontrados nesta revisão, que se restringiu à emoção vinculada ao desenvolvimento de bebês.

Além do ano de publicação, os 126 trabalhos encontrados foram analisados segundo: a) local de publicação do artigo; b) local em que o estudo foi realizado; c) área/temática; d) tipo de estudo (empírico, teórico ou revisão de literatura); e) metodologia (longitudinal/transversal, qualitativo/quantitativo); f) recursos metodológicos (ex.: entrevista,

observação, vídeo-gravação, escalas e inventários); g) abordagem; h) contexto de realização do estudo; i) sujeitos focais; k) idade.

De alguma forma, todos os artigos se relacionavam a aspectos emocionais do desenvolvimento ou de alguma fase da vida, uma vez que as buscas foram afinadas. No entanto, a partir desta categorização, selecionou-se para análise final apenas os estudos empíricos referentes ao desenvolvimento de bebês; e, estudos teóricos, empíricos ou de revisão sobre a emoção como processo de desenvolvimento. Considerou-se como critério de exclusão estudos que não tivessem diretamente como tema central o bebê ou a emoção (ex. maternidade, paternidade, depressão e psicose materna, déficit de atenção, hiperatividade, dentre outros). Dos 126 artigos, assim, foram selecionados para a análise final 47 artigos (37,3%), sendo que nove destes não foram recuperados.

Portanto, 79 (62,7%) trabalhos não foram selecionados para a análise. Destes, na revisão nacional, 25 abordavam temáticas como maternidade, paternidade, trauma, alimentação, amamentação, gestação, dentre outros, sendo que o sujeito principal não era o bebê, nem mesmo sua relação com algum adulto, focando somente na mãe/gestante ou no pai. Na revisão internacional, os artigos não selecionados, total de 54, tratam de temas muito diversificados, tais como autismo, políticas públicas, ensaios sobre genética, riscos familiares e fator de proteção, déficit de atenção e hiperatividade, intervenções sociais para crianças institucionalizadas, dentre outros.

Em relação aos artigos completos, estes foram analisados segundo:

- 1) Local: a) publicação; b) realização do estudo; c) autores do trabalho.
- 2) Tipo de artigo: a) teórico; b) empírico; c) revisão de literatura.
- 3) Temática dos estudos.
- 4) Tipo de estudo empírico: a) longitudinal; b) transversal.
- 5) Recursos ou instrumentos metodológicos: a) entrevista e/ou questionário; b) escala, teste e inventário; c) experimento; d) observação, com ou sem videogravação; e) eletroencefalograma, neuroimagens, eletrocardiograma.
- 6) Tipo de análise nos estudos empíricos: a) qualitativa; b) quantitativa; c) mista (quantitativa e qualitativa).
- 7) Contexto: a) laboratório; b) familiar; c) educacional (escola/creche); d) hospitalar.
- 8) Sujeito focal: a) bebê; b) bebê-educador; c) bebê-cuidador principal; d) bebê-pesquisador; e) bebê-mãe; f) mãe; g) bebê-pai; h) pais.

Países da revisão

Os gráficos com o número de artigos referente a cada país quanto a: publicação (Gráfico 2), realização de estudos empíricos (Gráfico 3) e autores dos trabalhos (Gráfico 4), apresentam informações que passaram a ser importantes à medida que foi sendo investigada a população em que os estudos foram realizados; ainda, por sua análise fornecer um panorama dos países de maior publicação, não apenas pela revista, mas principalmente pela origem dos autores. Além disso, foi necessário realizar este levantamento ao se perceber que algumas pesquisas publicadas no Brasil não foram realizadas no país, diminuindo mais ainda o número de estudos nacionais.

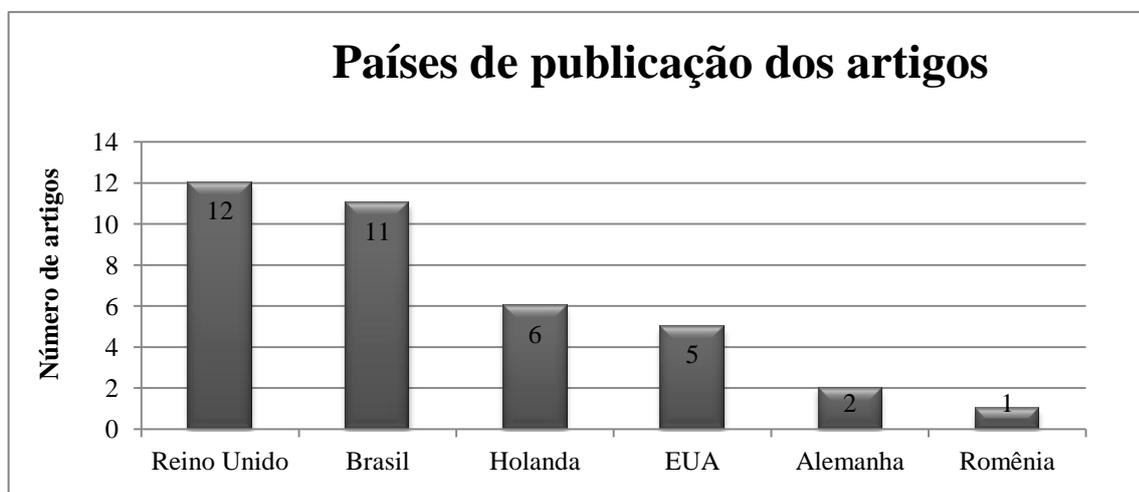


Gráfico 2: Países em que os artigos analisados foram publicados.

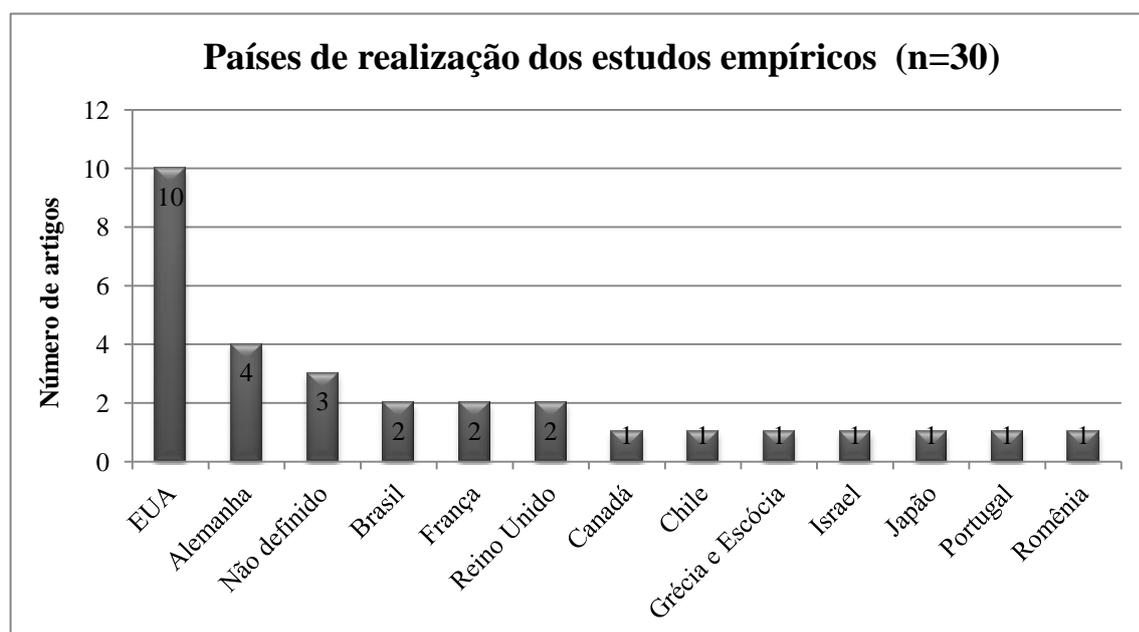


Gráfico 3: Países em que foram realizados os estudos empíricos dos artigos analisados.

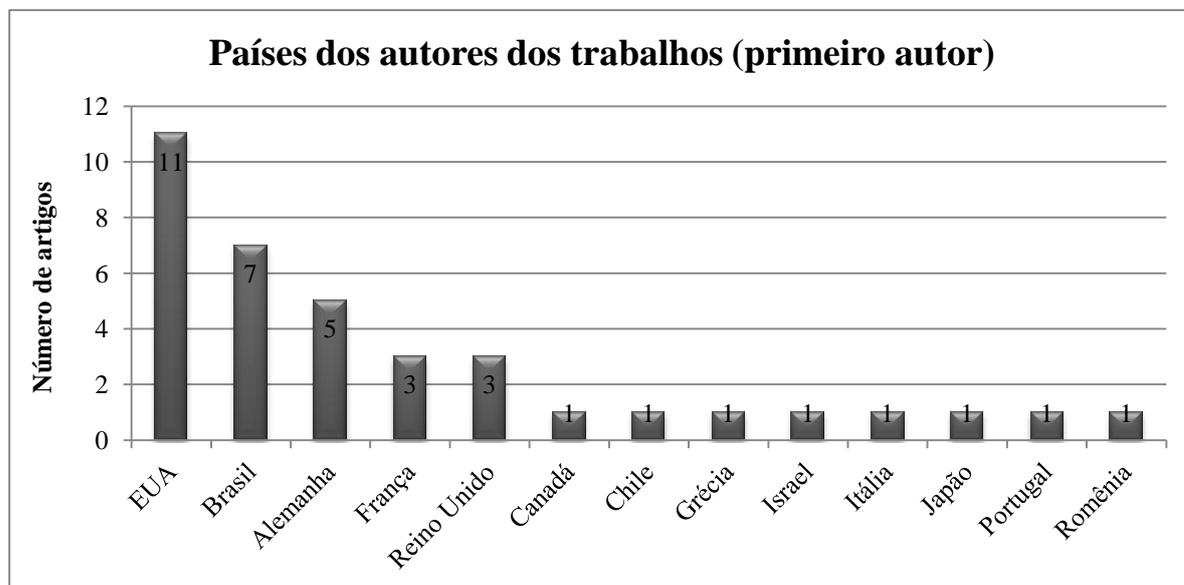


Gráfico 4: Países dos autores dos artigos analisados.

Analisando os gráficos 2, 3 e 4, percebemos que, nos Estados Unidos, concentra-se a realização do maior número de pesquisas empíricas (10) e também é onde se concentra o maior número de autores dos trabalhos (11). Porém, não é o lugar que tem maior número de publicações. Neste ponto, destaca-se o Reino Unido, com doze artigos publicados entre 2009 e 2011, o que é discrepante com o número de estudos empíricos realizados nesta região (2). Da mesma forma, o Brasil tem um número grande de publicações (11) e autores (7), mas apenas dois estudos empíricos foram realizados no país. A Holanda também apresenta um número expressivo de publicações (6), mas nenhum estudo empírico e autores do país.

O mapeamento destas localidades dá visibilidade para os países em que os estudos realmente estão sendo realizados, com qual população e de onde são os autores que têm se interessado pela temática da emoção nos primeiros anos de vida. Percebemos que, nem sempre, o país que tem maior número de publicação em suas revistas tem estudos realizados no próprio país. Especificamente no Brasil, além do baixo número de publicação sobre o tema, encontraram-se poucos estudos com bebês brasileiros. Os artigos brasileiros de revisão sobre a temática (Mendes & Seidl-de-Moura, 2009a, 2009b) apontam para estas questões da escassez de estudos nacionais nesta área, embora esteja havendo um crescimento de pesquisas sobre a emoção no desenvolvimento de bebês, a nível nacional. Neste ponto, os Estados Unidos lideram a posição dos países em que estudos empíricos são realizados, como pode ser visualizado no Gráfico 2.

Esta observação lança luz para a necessidade de maior realização de estudos empíricos com as crianças do Brasil, buscando observar as manifestações emocionais destas inseridas nos contextos e práticas educativos brasileiros; ainda, chamar a atenção dos pesquisadores brasileiros para essa necessidade.

Tipo de artigo

Um dos primeiros passos da análise é justamente investigar quais trabalhos são teóricos, de revisão ou empíricos. E, como pode ser observado no Gráfico 5, é consideravelmente maior o número de estudos empíricos, e próxima a proporção entre estudos teóricos e de revisão de literatura. Esta separação ajuda a nortear as categorias de análise subsequentes, uma vez que dá visibilidade aos tipos de estudos que são mais recorrentes na literatura.

É relevante ressaltar que, dos sete trabalhos teóricos e de revisão de literatura, cinco são do Brasil, o que é um número expressivo dentro do conjunto de artigos (50%), enquanto que na produção internacional, dos vinte e sete artigos apenas dois são teóricos. Além disso, como já foi mencionado acima, dentre os cinco estudos empíricos nacionais, somente dois foram realizados no Brasil. Acerca disto, pensa-se na possibilidade de que o Brasil esteja, a partir de estudos teóricos e de revisão, iniciando as discussões sobre o tema em questão, que poderá levar a mais estudos empíricos dentro desta temática.

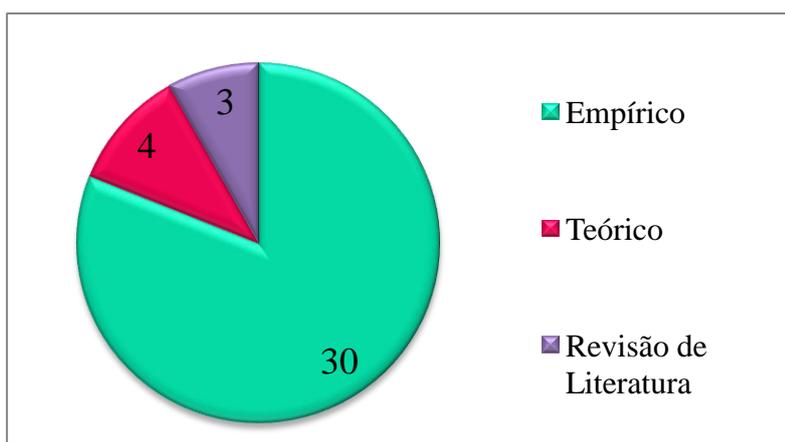


Gráfico 5: Tipo dos artigos analisados.

Temáticas dos estudos

A tabela 2 apresenta a categorização dos temas de todos os trabalhos analisados. Percebe-se ali a diversidade dos temas e, também, a especificidade de alguns, como os estudos que investigam a lateralidade do pai ou mãe para pegar o bebê e como isso se relaciona com as emoções (Scola & Vauclair, 2010; 2010).

Dentre as temáticas apresentadas, a que mais se destaca em frequência é a das expressões emocionais em bebês (Kokkinaki, 2010; Moore, G. A., 2009; Parlade et al., 2009; Fuertes et al., 2010; Bergamasco, 1997; Mendes & Seidl-de-Moura, 2009a; Geangu, E. et al., 2010), o que está de acordo com o objetivo deste estudo e revisão. No entanto, em termos numéricos totais (oito trabalhos) essa categoria temática não é tão expressiva no conjunto de todos os resumos encontrados, ou seja, esses trabalhos foram escolhidos justamente por se tratarem das manifestações emocionais de bebês, e, nesta revisão têm um número significativo, mas nas buscas realizadas não apresentam a mesma expressividade numérica. Mesmo assim, diversos trabalhos investigando expressões faciais em bebês endossam a hipótese de que o bebê tem sido cada vez mais participante focal dos estudos, conquistando um lugar ativo, de sujeito que se comunica e se relaciona com suas especificidades e capacidades (Bergamasco, 1997; Mendes & Seidl-de-Moura, 2009a; Kokkinaki, 2010).

Dentre estes trabalhos, o estudo de Geangu, E. *et al.* (2010) se destaca por ser o único que, de alguma forma, foca nas expressões de choro no início da vida. Os autores propõem um estudo empírico para analisar a presença do fenômeno do contágio do choro na infância e sua relação com a empatia. Realizado com bebês de 1, 3, 6 e 9 meses, foram apresentadas vocalizações e choros para eles, suas reações emocionais sendo registradas em termos de manifestação vocal (presença de sofrimento vocal, latência e intensidade) e facial (raiva e tristeza). O estudo conclui que os recém-nascidos se contagiam com o choro dos outros, o que representaria um indício de empatia. E, os resultados mostram que, durante a apresentação de um som de grito de dor de um bebê, os bebês de 1, 3, 6 e 9 meses manifestam aumento das expressões vocais e faciais de aflição. Estas reações partilhadas de afeto não diminuem com a idade; ainda, os autores verificaram que meninos e meninas manifestam níveis semelhantes de reações contagiosas chorando. Os resultados são discutidos em termos do desenvolvimento da empatia logo no início da vida e colaboram com o estudo das expressões emocionais dos bebês e sua relação com outros aspectos do desenvolvimento humano.

A segunda temática com maior número de artigos é sobre o desenvolvimento emocional. Alguns deles são trabalhos teóricos na perspectiva da psicanálise ou da teoria do

apego, como o artigo de Arruda e Andrieto (2009), em que os autores discutem o desenvolvimento emocional dos bebês num quadro clínico de psicose materna, segundo a teoria de Winnicott. Tem-se ainda o trabalho de Alfaya e Lopes (2005) que, discutindo os conceitos da teoria do apego, discute sobre as interações mãe-bebê, apresentando trabalhos empíricos sobre o impacto da depressão materna no desenvolvimento emocional do filho.

Também estão inseridos nesta temática alguns estudos empíricos que investigam o desenvolvimento sócio-emocional de bebês nos Estados Unidos (Carter et al., 2010; Brophy-herb et al., 2011). Tais trabalhos investigam nas próprias famílias, através de entrevistas, questionários e/ou videogravação, a internalização das emoções nas crianças pequenas e as competências sócio-emocionais da criança na relação com a mãe.

Outra temática que teve um número expressivo de artigos (cinco trabalhos) e tem uma contribuição importante na literatura internacional está relacionada aos trabalhos realizados pelas neurociências – psicobiologia, neuropsicologia e psiquiatria (Hoehl & Striano, 2008; Lenzi et al., 2009; Minagawa-Kawai et al., 2009; Stahl et al., 2010; Leppänen, 2011). Esses estudos, realizados com os próprios bebês ou com as díades mãe-bebê, lançam luz em um campo que tem mostrado as bases neurais da emoção. Entende-se que existe um avanço qualitativo quando os neurocientistas passam da investigação do modelo animal para pesquisas que possam ser realizadas com o próprio ser humano e, ainda mais, com o bebê. Com pessoas adultas essas pesquisas já têm sido realizadas há muito anos, mas parece inovador esse tipo de investigação com os bebês, ainda mais no campo da emoção e do desenvolvimento. Esses estudos, portanto, ajudam na compreensão dos circuitos neurais e ativações cerebrais; e ainda, nas mudanças fisiológicas que acontecem no bebê quando envolvidos numa determinada emoção ou relação emocional.

Todas as temáticas foram definidas e classificadas segundo os objetivos de cada pesquisa, mantendo-se o assunto central de cada trabalho, apesar de todos estarem diretamente relacionados ao tema da emoção no desenvolvimento. Isso demonstra que os aspectos emocionais e do desenvolvimento estão perpassando por diversos tipos de investigações, corroborando para a fundamentação teórica da emoção como processo. Ou seja, a emoção passa do status de coadjuvante ou pano de fundo das relações, tornando-se objeto de investigação nos demais estudos sobre desenvolvimento, como na psicopatologia (Carter et al., 2010; Arruda & Andrieto, 2009), na comunicação e interação (Vallotton, 2011; Koester & Lahti-Harper, 2010), empatia (Geangu et al., 2010; Lenzi et al., 2009) e na relação pai-bebê (Kokkinaki, 2010; Wendland, 2001). De alguma forma, a emoção tem sido retomada por esses autores como importante para a análise destas outras temáticas. Ou seja, por mais

que o foco em si destes estudos não sejam as expressões emocionais, os pesquisadores têm se reportado a elas para investigarem outros temas relevantes para a pesquisa com bebês.

Tabela 2: Temáticas dos estudos analisados

Temáticas	Quantidade
Expressões emocionais em bebês	8
Desenvolvimento emocional de bebês	6
Base neural e ativação cerebral das emoções	5
Desenvolvimento sócio-emocional de bebês	4
Regulação emocional de bebês	3
Temas relacionados a teoria do apego	3
Ansiedade e depressão dos pais relacionados ao desenvolvimento do bebê	2
Aspectos do desenvolvimento de bebês	2
Emoções negativas e medo	2
Lateralidade para segurar bebês	2
Atenção x Emoção	1
Deficiência auditiva de bebês	1

Tendo discutido os aspectos gerais relacionados aos trabalhos selecionados, passaremos agora a discutir os trabalhos que apresentam, especificamente, estudos empíricos.

1.2.1 Estudos Empíricos

Dos trinta e sete artigos analisados, trinta (81%) são estudos empíricos. Realizou-se essa especificação já que essa revisão priorizou este tipo de produção, uma vez que o interesse era investigar como tem sido conduzida a pesquisa empírica sobre a emoção no desenvolvimento de bebês, principalmente em termos metodológicos, buscando contextualizar essa pesquisa de mestrado no campo científico.

Longitudinal x Transversal

A primeira categorização importante para analisar os artigos empíricos foi classificando-os em longitudinal ou transversal. Esta análise é importante uma vez que se está discutindo processos de *desenvolvimento* nos primeiros anos de vida. Em relação a isso, verificaram-se quais autores vêm estudando o desenvolvimento, observando fases específicas ou bebês de diferentes idades em um mesmo momento, que é o caso dos trabalhos que utilizam a metodologia transversal para coleta de dados (Vallotton, 2011; Geangu, 2010; Hatzinikolaou, 2006). Outra forma de estudo é acompanhar um participante ou um grupo por um determinado tempo, observando as suas modificações ao longo deste tempo (Kokkinaki, 2010; Atkinson, 2009; Taques & Rodrigues, 2006; Pantoja, 2000).

Como pode ser visualizado no Gráfico 6, dentre os 30 artigos que se referem a pesquisas empíricas, a maioria deles (18 – 60%) adota um *design* transversal, de dois tipos: 1) pesquisando um grupo de bebês na mesma faixa etária; ou, 2) pesquisando dois ou mais grupos de idades diferentes.

Os estudos longitudinais totalizaram 12 trabalhos (40%). Muitos dos artigos lidos tratam de recortes de trabalhos mais amplos, os quais acompanharam as crianças e suas famílias nos primeiros três ou cinco anos de vida (Carter, et al., 2010; Brophy-Herb et al., 2011).

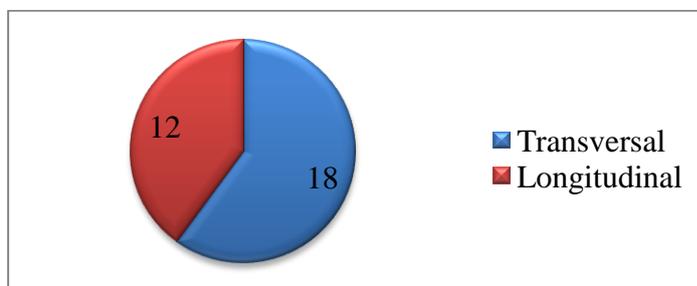


Gráfico 6: Tipo de estudo dos trabalhos empíricos da revisão de literatura.

Recursos metodológicos

Nas trinta pesquisas empíricas foi possível verificar o uso de diversas metodologias. Primeiramente, vale reenfatar que nem todos os trabalhos objetivavam observar diretamente os processos emocionais, mas principalmente aspectos do desenvolvimento. No entanto, como já foi mencionado, muitos estudos centraram foco na investigação das expressões faciais em bebês, dos processos neurais subjacentes, do desenvolvimento emocional, dentre outras questões. Sendo assim, para obter o material – e resultados – que cada estudo buscava, variadas metodologias foram sendo aplicadas e, conseqüentemente, diversos recursos, ferramentas ou instrumentos metodológicos foram utilizados. O Gráfico 7 apresenta esses dados e mostra a variedade desses recursos.

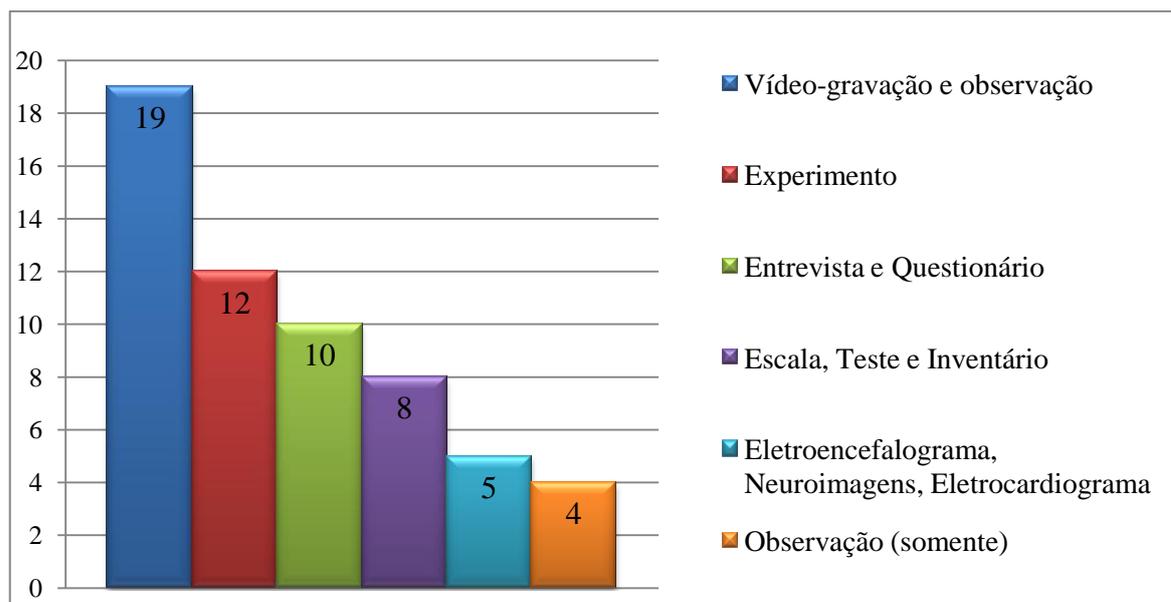


Gráfico 7: Recursos metodológicos usados nas pesquisas empíricas dos trabalhos analisados.

Se somarmos a quantidade de cada recurso metodológico, o resultado será maior que trinta (o número de estudos empíricos). No entanto, dezesseis trabalhos utilizaram duas ou mais formas para obter os resultados. Como exemplo, o estudo realizado para investigar as mudanças fisiológicas ao estímulo de raiva em mães e bebês, foram utilizados três recursos: experimento, videogravação e eletrocardiograma (Moore, G. A., 2009). No Brasil, o estudo de Bergamasco (1997) realizou um experimento com recém-nascidos oferecendo estímulos gustativos e olfativos, através de videogravação para analisar as respostas dos bebês.

Outros estudos combinaram a observação natural (sem videogravação) com a aplicação de questionários ou realização de entrevistas com pais (Scola & Vauclair, 2010a) e com mães (Scola & Vauclair, 2010b), para investigar o lado do corpo com que pais e mães seguram seus bebês e a relação desta lateralidade com a emoção. Os autores não encontraram correlações entre o lado de segurar os bebês e o hemisfério cerebral responsável pela percepção das emoções faciais.

Observa-se, no gráfico acima, que o recurso mais utilizado foi a videogravação, a qual geralmente foi acompanhada, principalmente, por entrevistas, questionários, escalas e situações experimentais. Compreende-se que o uso de videogravação é um recurso importante nas pesquisas sobre expressão facial e emocional em bebês, uma vez que possibilita visualizar e acompanhar as expressões dos bebês e suas modificações. Não se tem dados dos principais instrumentos metodológicos utilizados nas pesquisas com bebês de forma geral, mas nesta

revisão, aliando pesquisa com bebês e o estudo das emoções, a videogravação mostrou-se como fundamental para observar as expressões faciais no início da vida.

Além de videogravação, os experimentos também foram amplamente utilizados pelos estudos empíricos, sendo realizado em doze deles. Compreende-se que a metodologia experimental não se reduz à realização de experimentos, mas considerando o número expressivo de trabalhos que utilizaram esta metodologia, a forma de apresentar esses estudos foi acrescentando os experimentos como um tipo de recurso metodológico. Neste sentido, foi classificado como recurso metodológico “experimento” todos os trabalhos que criaram condições ou conduziram situações específicas para avaliar determinada variável, controlando outras. Por exemplo, no trabalho citado acima, de Moore (2009), para avaliar as reações fisiológicas nos bebês e nas mães frente à raiva, foram apresentados estímulos auditivos e visuais de faces com expressões de raiva, entusiasmo (euforia) e neutra, registrando as alterações cardíacas e as reações dos bebês e mães.

Finalmente, ressalta-se a utilização de eletroencefalograma, eletrocardiograma e aparelhos de neuroimagem, que foram recursos empregados pelos estudos que investigam as bases neurais e ativações fisiológicas das emoções. Considerando que a emoção tem o componente fisiológico (biológico) e o social, pode-se explorar os estudos que têm investigado a parte cerebral e fisiológica das manifestações emocionais, aliando seus resultados às investigações que buscam observar a emoção como emergente nas/das relações sociais.

Metodologia de Análise

Utilizando os recursos acima, principalmente a videogravação, interrogou-se como os estudos têm analisado o material coletado. Para isso, os trabalhos foram organizados quanto à sua natureza quantitativa, qualitativa ou mista (quantitativa e qualitativa). Esta categoria é importante dentro da análise dos estudos empíricos, uma vez que aponta a linha de análise que os estudos com bebês e emoção têm realizado. Observa-se, no gráfico 8, que mais da metade dos estudos realizaram somente a análise quantitativa (Carter, 2010; Geangu et al., 2010; Pía Santelices et al., 2010; Scola & Vauclair, 2010a; Scola & Vauclair, 2010b; Stahl, et al., 2010; Vaish & Woodward, 2010; Cole & Deater-Deckard, 2009; Deloache & Lobue, 2009; Lenzi et al., 2009), enquanto apenas quatro utilizaram somente a qualitativa (Vallotton, 2011; Celeri, et al., 2010; Pantoja & Nelson-Goens, 2000; Bergamasco, 1997). Os outros dez artigos foram classificados como usando análise mista, por apresentarem categorias de análise que não se basearam apenas na estatística ou em outras análises quantitativas (Koester & Lahti-Harper,

2010; Kokkinaki, 2010; Minagawa-Kawai et al., 2009; Moore, G. A., 2009; Parlade et al., 2009; Hatzinikolaou, 2006; Fuertes et al., 2010).

Observar o tipo de análise que os estudos têm realizado possibilita atentar-se para o olhar que os pesquisadores podem ter para os bebês a partir da análise dos dados que coletam. Muitas vezes, o bebê que foi filmado, suas imagens vistas e avaliadas, torna-se um número que diz algumas coisas dentro de um conjunto de outros bebês, o que impossibilita olhar para as peculiaridades de cada participante e para o processo subjacente na expressão facial ou emoção manifestada.

Neste ponto, percebe-se também a diferença entre os trabalhos empíricos nacionais e internacionais. Dos seis estudos empíricos nacionais, três são qualitativos, um quantitativo e dois mistos. Dos vinte e quatro estudos empíricos internacionais, quinze são de análise quantitativa, oito de análise mista e um qualitativo. Ou seja, três dos quatro estudos qualitativos foram publicados no Brasil, sendo um deles realizados aqui (Bergamasco, 1997).

Pode-se com isso questionar a não utilização de instrumentos, no Brasil, como programas que capturem as emoções e as quantifiquem; ou aparelhos que possam ser utilizados apenas para pesquisa, de neuroimagens, por exemplo. No entanto, não é somente esta a questão que se coloca, mas principalmente o que pode ser feito ou construído teoricamente a partir de cada tipo de análise; ainda, quais outros tipos de resultados um estudo de análise qualitativa pode alcançar. Esta discussão será complementada na parte da metodologia de análise realizada nesta pesquisa.

Destacam-se, finalmente, os estudos classificados como análise mista, que, mesmo tendo a análise quantitativa como principal, buscaram apresentar os dados discutindo suas implicações e/ou criando categorias.

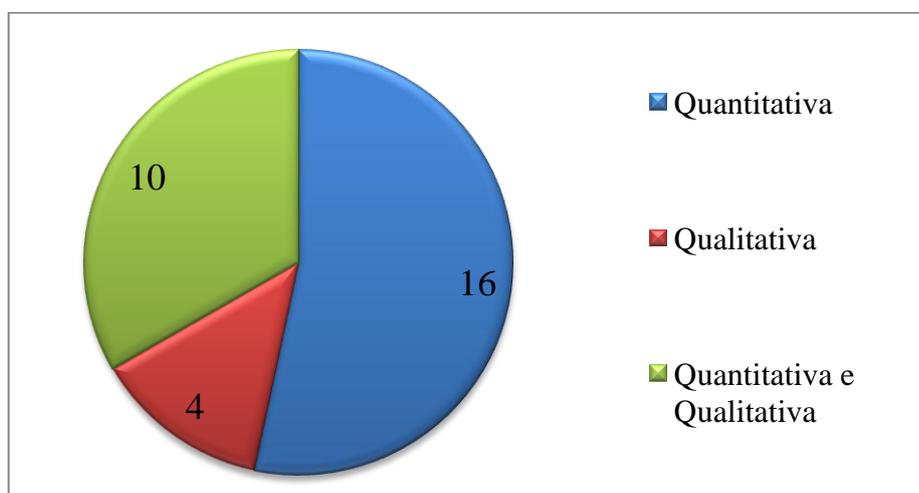


Gráfico 8: Tipo de Análise realizada nos estudos empíricos dos trabalhos analisados.

Contexto

Os contextos em que os estudos empíricos foram realizados são vistos aqui como constituindo uma categoria muito importante para observar o ambiente e a situação em que os dados foram coletados. Aliada aos recursos metodológicos utilizados e à análise realizada pelo trabalho, o contexto em que o estudo acontece oferece um panorama geral da pesquisa, possibilitando fazer um mapeamento dos estudos e relacionar os resultados com essas condições.

O recorte de um contexto sempre fará também um recorte da realidade, a qual pode apresentar mais ou menos recursos e possibilidades de observação. A escolha dos contextos de pesquisa também está diretamente relacionada com os pressupostos da pesquisa, os objetivos do estudo e ao tipo de dados a que se quer ter acesso. Por isso, em consonância com as categorias apresentadas acima, não é surpreendente que vinte e duas pesquisas, dentre trinta, foram conduzidas em laboratório (Taques & Rodrigues, 2006; Vallotton, 2011), em detrimento dos outros contextos – familiar (Carter & Godoy et al., 2010; Kokkinaki, 2010; Brophy-Herb et al., 2011; (Cabrera, Shannon, & La Taillade, 2009), educacional (Scola & Vauclair, 2010); e hospitalar (Scola & Vauclair, 2010b; Stahl et al., 2010; (Bergamasco, 1997) – que apresentaram números bem inferiores.

A pesquisa em laboratório, como nos outros contextos, apresenta determinados limites e possibilidades. Um limitador é o fato de ser um local diferente e desconhecido, que, muitas vezes, pouco se aproxima do contexto real da criança e das relações com ela estabelecidas. Por outro lado, garante que algumas das variáveis sejam mais bem discriminadas (Hatzinikolaou, 2006). Além disso, há o fato de que algumas pesquisas necessariamente precisam ser realizadas em laboratórios, como nos casos de uso de aparelhos ou instrumentos fixos (Minagawa-Kawai et al., 2009; Lenzi et al., 2009). No entanto, questiona-se a amplitude de situações que ficam à parte numa pesquisa em laboratório, que podem ser observadas nos contextos naturais como na residência da família, escolas ou creches, que são ambientes ricos de ações cotidianas, em que a relação pode ser mais bem acompanhada e visualizada.

Um ponto que se destaca no estudo das emoções é a investigação das expressões negativas, que será tratado mais adiante. Como fazer um bebê chorar ou se irritar com alguma coisa em um laboratório? Talvez seja difícil ou antiético investigar/explorar tal questão em laboratório, mas não o seria no próprio ambiente da criança e com um tempo maior de observação, onde ela sente fome, dores, sono, irrita-se de ficar no carrinho ou chora por algo que deseja.

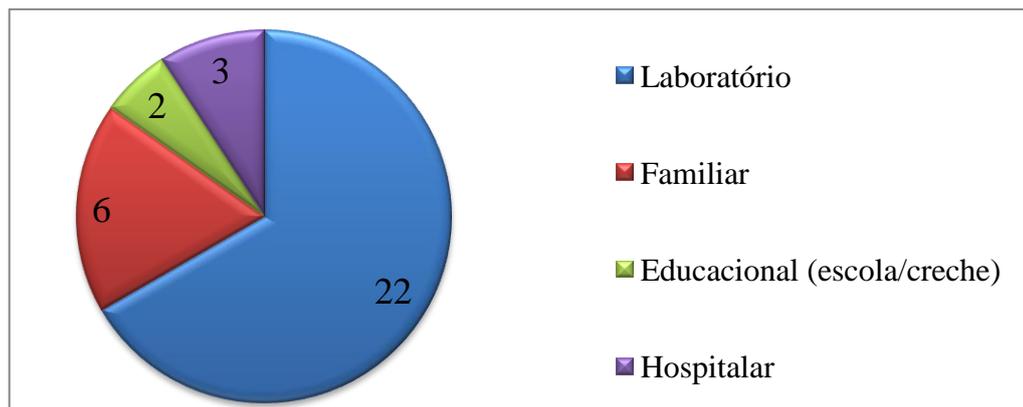


Gráfico 9: Contextos em que as pesquisas empíricas foram realizadas².

Participante focal dos estudos

Esta categoria teve por objetivo observar quem, nas pesquisas empíricas, tem sido participante focal, considerando, principalmente, se os bebês aparecem como pano de fundo dos estudos ou se são figuras centrais a serem investigadas. Ainda, se eles são pensados em suas relações, das quais emergem um conjunto de emoções. No gráfico 10³, pode-se observar que os participantes focais principais das pesquisas têm sido os bebês e as relações bebê-mãe (Minagawa-Kawai et al., 2009). Este é um dado importante porque indica que têm ocorrido modificações nos perfis dos estudos empíricos, pois até algumas décadas atrás não se falava do bebê como sujeito individual e em separado da mãe; portanto, contrapõem-se às pesquisas que se referiam aos bebês colocando-os sempre numa perspectiva de pano de fundo ou subjacente à mãe. No entanto, mesmo considerando que algumas pesquisas tiveram como participante focal o bebê e a relação bebê-mãe, nesta revisão o número aparece equiparado aos demais sujeitos relacionais.

Outra observação importante é a presença dos pais (sexo masculino) entre os participantes focais (Kokkinaki, 2010; Scola & Vauclair, 2010a; (Chow, Haltigan, & Messinger, 2010). Antes delegados à margem da relação mãe-filho, o pai tem passado a ser foco de interesse dos pesquisadores. Mesmo o número de estudos sobre a relação bebê-pai sendo pequeno, ele evidencia que existe um salto qualitativo nesta mudança. Não apenas na vida contemporânea, mas também nos trabalhos científicos, o pai tem ocupado um novo espaço, espaço de alguém que constrói com o bebê uma relação ímpar, tão necessária e importante quanto à da mãe.

² Três pesquisas foram realizadas em dois contextos diferentes.

³ Nove trabalhos tiveram mais de um sujeito focal

Observa-se a presença de outros participantes além da mãe e do pai, tais como as díades bebê-educador e bebê-pesquisador. A categoria de bebê-cuidador principal refere-se a alguns estudos internacionais que foram realizados na própria casa da família, com a pessoa que cuidava da criança (Brophy-Herb et al., 2011). Na maioria dos casos, a própria mãe era quem estava com a criança, mas não era ela em todos os estudos. Por isso, denominaram aquele que estaria em relação com o bebê de cuidador principal.

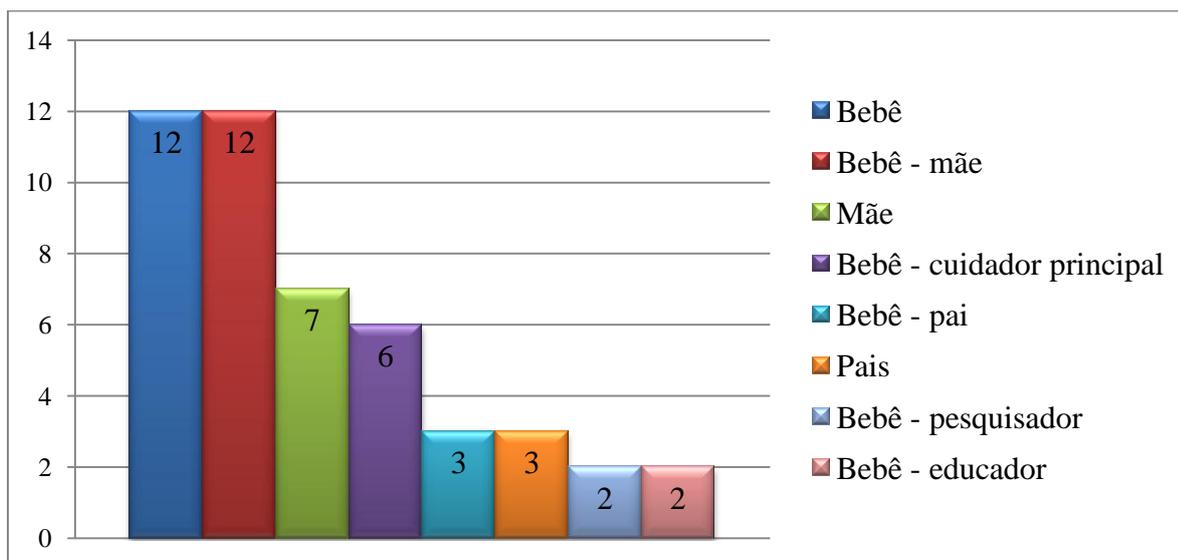


Gráfico 10: Participantes focais dos estudos empíricos analisados.

1.2.2 Conclusão e apontamentos

A discussão acima possibilita visualizar o que tem sido produzido teórica e empiricamente no cenário nacional e internacional; ainda, aponta caminhos para esta pesquisa e outros percursos que passam a despontar no campo. Nota-se a necessidade de estudos longitudinais, realizados no ambiente natural do bebê e que realizem uma análise qualitativa daquilo que se registra. Estas são escolhas metodológicas desta pesquisa de mestrado, que, entende-se, poderão contribuir para este campo do conhecimento que tem investigado os aspectos emocionais no desenvolvimento de bebês.

Além disso, esses trabalhos, principalmente os de expressões faciais em bebês, ajudaram na busca de outros trabalhos e autores que têm trabalhado e fundamentado teoricamente essas novas pesquisas. Alguns desses artigos foram encontrados e, como os trabalhos da revisão bibliográfica, ajudaram no aprofundamento em novas perspectivas sobre a emoção no desenvolvimento humano, cuja discussão segue abaixo.

1.3 A face da emoção: um recorte da literatura à luz de Paul Ekman

Paul Ekman tem sido uma referência mundial – entre cientistas e não cientistas – nos estudos sobre a emoção. O fato de se dedicar uma sessão nessa dissertação à discussão de seu percurso profissional e construções científicas justifica-se pelo fato de se ter encontrado na revisão de literatura uma focalização quase unânime nas expressões faciais, como via de acesso às emoções. Essa constatação, que contrasta com a proposta dessa pesquisa, gerou uma busca para entender porque os pesquisadores têm focalizado seus estudos nas expressões faciais dos bebês, em detrimento das outras formas de expressões da emoção, como as vocais e corporais. Sendo assim, a título de contextualização, inclusive da revisão de literatura e também desta pesquisa, será discutido brevemente a influência desse autor no campo. Obviamente, entendendo que a construção de conhecimento é complexa, multifacetada e multilinguística, Ekman não realiza esse movimento sozinho, mas será usado como referência dessa voz que coloca em evidência a face da emoção.

Ekman, como psicólogo, iniciou suas investigações sobre emoção estudando o movimento corporal⁴⁵, mas passou a se dedicar às expressões faciais quando conheceu Silvan, um cientista que, seguindo as proposições de Darwin e diversos outros pesquisadores, propunha que existiam expressões faciais universais.

Ekman afirma que, até então, acreditava cegamente, em conjunto com diversos psicólogos e antropólogos, que, como a linguagem, as expressões faciais eram aprendidas, sendo próprias de cada cultura. Intrigado com a questão que se colocava diante dele, o pesquisador fez diversos experimentos em diferentes culturas, inclusive e principalmente em comunidades que não tinham contato com outras culturas, e viviam isoladas. Seu objetivo era confirmar a hipótese de que existem expressões universais, contrariando diversos estudiosos que “estavam convencidos de que o comportamento humano é todo aprendido e nada tem a ver com a natureza” (Ekman, 2011, p. 30).

Outra investigação de Ekman diz respeito às *regras de exibição* das emoções, cuja ideia foi criada por ele quando conduziu diversos estudos que mostraram a diferença das expressões faciais de japoneses e norte-americanos quando estavam sozinhos ou acompanhados por um cientista, enquanto assistiam a um filme de cirurgias ou acidentes. Ou seja, em particular, os indivíduos apresentavam expressões inatas, mas em público (na

⁴ Ekman, P.; Friesen, W. V. 1969. The repertoire of nonverbal behavior: categories, origins, usage, and coding. *Semiotica*, 1: p. 49-98.

⁵ Johnson, H. G., Ekman, P.; Friesen, W. V. 1975. Communicative body movements: American emblems”. *Semiotica*, 15 (4): p. 335-53.

presença do cientista), expressões controladas. Assim, entra em ação o que ele denominou *regras de exibição*, as quais são “socialmente aprendidas, muitas vezes culturalmente diferentes, a respeito do controle da expressão, de quem pode demonstrar que emoção para quem e de quando pode fazer isso” (Ekman, 2011, p. 22).

No livro *A Linguagem das Emoções*, Ekman afirma que as expressões faciais são universais, como sugeria Darwin, e que não precisam ser aprendidas, tanto que pessoas cegas desde o nascimento manifestam expressões similares aos indivíduos que enxergam (Ekman, 2011, p. 31).

No entanto, é válido questionar se as expressões emocionais **também** são aprendidas. Numa das citações de Darwin exibida e discutida na introdução deste trabalho, já apresenta a brecha deixada pelo pesquisador para a aprendizagem dessas manifestações. O próprio Ekman afirma existir mais de dez mil expressões que a face é capaz de fazer (p. 31). Seriam todas elas universais ou algumas poderiam ser frutos de um processo de desenvolvimento ontogenético? Além disso, não é somente a face que expressa uma determinada emoção, mas todo o corpo se manifesta (Wallon, 1934/1971).

Retomando o percurso de investigação científica de Ekman, mesmo com diversas críticas ao seu trabalho, ele continuou observando e se aprofundando nas manifestações faciais da emoção, construindo, em parceria com Wally Friesen, o primeiro atlas da face, contendo uma “descrição sistemática em palavras, fotografias e filmes de como medir o movimento facial em termos anatômicos” (Ekman, 2011, p. 31). Em 1978, os autores publicaram a ferramenta para medir a face – o Sistema de Codificação da Ação Facial (*Facial Action Coding System* – FACS) –, a qual tem sido utilizada amplamente nas pesquisas atuais sobre expressões emocionais; e que cientistas da computação têm trabalhado para automatizar e acelerar a medição das expressões faciais.

Além disso, nos últimos vinte anos, Ekman colaborou “com outros investigadores para aprender o que ocorre dentro do corpo e do cérebro quando uma expressão emocional se manifesta na face” (Ekman, 2011, p. 32), confirmando o que foi evidenciado na revisão de literatura conduzida nesta pesquisa, que o mais novo campo em evidência sobre as emoções é o da neurociência, cujas investigações observam os mecanismos cerebrais da emoção, buscando determinar os padrões da atividade cerebral que seriam a base de cada emoção.

Toda essa história explica, portanto, a quantidade considerável de pesquisas quantitativas, focalizando a face dos bebês e/ou as atividades cerebrais destes, encontradas na revisão de literatura apresentada anteriormente, que teve um recorte dos artigos empíricos entre os anos de 2009 e 2011. E pode até justificar os diversos estudos interculturais

conduzidos nas décadas de 1960 a 1980, que levaram em consideração os diversos contextos de desenvolvimento e manifestação das expressões emocionais.

Observa-se, no capítulo “*Emoções por meio das culturas*”, de Paul Ekman, a ênfase que ele coloca nas expressões faciais e nas atividades cerebrais, que, segundo o autor, podem desvendar alguns mistérios e responder a diversas perguntas sobre as emoções. No entanto, questiona-se onde entra – novamente – as pessoas e o contexto na constituição / desenvolvimento das expressões emocionais. Ainda, se for colocado em questão os estudos recentes sobre plasticidade cerebral e epigenética, que evidenciam a capacidade humana de modificar o próprio cérebro e o material genético através das experiências da vida, não se estaria desconectando produto de processo, sem considerar que um constrói o outro dialogicamente? Além disso, não é possível que neste processo estejam intrinsecamente conectados biológico e cultural?

Reconhece-se, obviamente, o percurso investigativo e científico de Paul Ekman e de todos os que trabalham com ele; inclusive sua influência em diversos meios conhecidos mundialmente, como o *Federal Bureau of Investigation* (FBI) e a *Central Intelligence Agency* (CIA), ambos dos Estados Unidos, para os quais ele trabalha por ter desenvolvido um mecanismo para detectar sinais da face que denunciam a mentira. Além disso, suas pesquisas respondem a determinadas questões de expressões faciais e cultura, e seus livros sobre controle emocional têm sido endereçados aos adultos, o que colabora na construção e divulgação do universo científico sobre a emoção.

1.4 Perspectivas sobre a investigação da emoção no desenvolvimento de bebês: para além de Wallon e da revisão de literatura

No campo da psicologia, além de Henri Wallon, outros autores se interessaram pelas questões da emoção no processo de desenvolvimento humano, principalmente nos primeiros anos de vida. Dentre os diversos autores que se dedicaram ao estudo deste tema, pode-se citar John Bowlby – com a Teoria do Apego –, Donald Woods Winnicott – com a Teoria do Desenvolvimento Emocional, e Vigotski – discutindo a questão de uma forma mais geral, não específica aos bebês.

Ainda, já há algumas décadas, estudiosos contemporâneos têm realizado pesquisas empíricas sobre as expressões emocionais em bebês que muito tem contribuído para avançar na compreensão das capacidades comunicativas iniciais da vida e para reafirmar o papel

central das emoções no processo de desenvolver-se como humano (Malatesta & Haviland, 1982; Tronick, 1989; Oster, Hegley & Nagel, 1992; Sullivan & Lewis, 2003; Fogel & Cols, 2005; Mendes & Seidl-de-Moura, 2009c).

Como foi discutido na sessão anterior, e, segundo Sullivan e Lewis (2003), em 1980, iniciou-se o desenvolvimento de sistemas para decifrar expressões faciais de bebês e crianças pequenas, uma ferramenta importante para o estudo das emoções e do desenvolvimento emocional. Com esses sistemas, os pesquisadores começaram a entender os sinais faciais que os bebês (não somente eles, mas também pessoas adultas) expressam e como se dá a organização destes sinais. Essas pesquisas têm mostrado que a maioria, senão todos, os componentes faciais do repertório humano de expressão podem ser observados logo após o nascimento. No Brasil, a utilização destes sistemas na psicologia parece ainda não ser difundida em estudos com bebês. Somente o trabalho de Mendes, Seidl-de-Moura & Siqueira (2009) foi encontrado como utilizando uma combinação das unidades de ação facial, de acordo com o *Facial Action Coding System* (FACS).

O reconhecimento das expressões faciais dos bebês não é importante somente para os pesquisadores, mas principalmente para aqueles que cuidam das crianças, uma vez que as expressões da face representam sinais sociais para os outros. Choro, vocalizações e movimentos corporais se combinam com a expressão facial para fornecer pistas do estado de um bebê. Estas pistas são utilizadas por todos aqueles que cuidam das crianças, para interpretar os desejos do bebê, atribuir características de personalidade e intelectual, e para avaliar as próprias respostas diante do bebê. Embora psicólogos possam ser relutantes em atribuir um valor emocional específico para as expressões faciais, os pais não têm problema de fazer isso (Sullivan & Lewis, 2003).

No Brasil, o grupo de pesquisa “Interação Social e Desenvolvimento” da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), vêm realizando estudos sobre o desenvolvimento inicial de bebês numa perspectiva sociocultural e evolutiva. Dentre os trabalhos, alguns estão relacionados com as emoções e, inclusive, foram selecionados na revisão bibliográfica realizada. No entanto, outros artigos do grupo foram encontrados em bases de dados que não foram identificados na revisão sistemática. Maria Lucia Seidl-de-Moura, Deise Maria Mendes e colaboradores têm estudado a expressão do sorriso e sua ontogênese a partir da gravação de bebês. Com a publicação de um artigo internacional, apresentaram os sorrisos e os comportamentos maternos nos primeiros seis meses de vida de dois bebês (um menino e uma menina) brasileiros. Assim como outras expressões faciais, as autoras referem que o sorriso comunica um estado emocional e orienta comportamentos dos outros que estão à sua volta.

Além disso, as autoras Mendes e Seidl-de-Moura (2009a; 2009b), em dois artigos de revisão sobre o tema, apontam à dificuldade de investigar o que pode ser chamado de expressões emocionais negativas. Apoiadas na argumentação de Messinger (2002), as autoras afirmam que a investigação de expressões emocionais negativas envolve sérios entraves. Dentre estes, estão a dificuldade de eliciar as expressões de raiva e desconforto nos bebês, além de ser mais difícil discutir pontos essenciais sobre a relação entre a emoção sentida e a expressão facial, sendo que o sorriso é mais facilmente reconhecido e relacionado à emoção de alegria.

Pantoja e Nelson-Goens (2000) já lançam um olhar diferente para a investigação da emoção na primeira infância, abordando o desenvolvimento emocional durante o segundo ano de vida, com o objetivo de compreendê-lo em seu processo de transformação. As autoras, ancoradas nas teorias narrativista e dos sistemas dinâmicos, concebem as emoções como processos emergentes da interação do indivíduo com seu meio, ou seja, “atividades humanas de caráter emergente e relacional”. Isso significa que a emoção não preexiste, mas emerge das e nas relações.

A partir disso, enfatizaram no estudo não apenas as expressões faciais, mas também as ações corporais, vocais e os contextos comunicativos construídos durante a interação, destacando as narrativas primordialmente não-verbais co-construídas pela díade mãe-bebê, no segundo ano de vida da criança. “Tais narrativas são identificadas pelo surgimento contínuo de padrões interativos desenvolvidos pela díade mãe-bebê ao longo do tempo” (Pantoja & Nelson-Goens, 2000, p. 271)

Participaram da pesquisa um bebê de 1 ano e 4 meses e sua mãe, que visitavam o laboratório das pesquisadoras três vezes por semana, durante três meses, onde ocorreu a coleta de dados, a partir da filmagem das interações. Criou-se um contexto em que elas pudessem brincar e a microanálise envolveu descrições detalhadas das interações das duas, como “mudanças na musculatura da face, na direção do olhar, nas vocalizações, na entonação da voz, nos movimentos do corpo, dentre outros”.

As pesquisadoras recortaram para análise uma brincadeira de espalhar gotas d’água construída pela díade, pois havia no contexto uma banheira com água e brinquedos em volta. A partir da apresentação dos episódios dessa construção, buscaram mostrar as transformações ocorridas no bebê e sua mãe, cujo processo foi emergente da vida emocional. Neste sentido, “o foco encontra-se, então, na dinâmica de transformação da emoção ao longo do tempo”.

Esta pesquisa se aproxima da teoria de Wallon na medida em que prioriza o processo de constituição da emoção a partir das e através das relações. No entanto, aquela não explicita

claramente o que são as emoções. Além disso, apesar de enaltecer o processo como foco do estudo, as autoras não explicam como acontece tal processo.

Neste sentido, buscaram-se outros textos que pudessem contribuir para a investigação desta temática. O mais relevante é um artigo de Galvão (2001) que faz uma discussão sobre os estudos da emoção em bebês. Primeiramente, a autora cita pesquisas com recém-nascidos que visam encontrar a gênese das competências emocionais, utilizando técnicas experimentais para observar os comportamentos da criança que indiquem suas preferências, como orientação da cabeça, direção do olhar, batimento cardíaco, ritmo da sucção. Outras pesquisas utilizam figuras ou imagens para investigar as capacidades do bebê de discriminar expressões emocionais, sendo esses tipos de estudos que mostraram que os bebês manifestam maior interesse pela voz humana, por figuras com simetria vertical e preferência por rostos humanos.

Galvão (2001) também relata pesquisas sobre a emoção na interação mãe-bebê. Apresenta o estudo de Trevarthen, que mostra “a dinâmica de reciprocidade e sincronia” entre a mãe e bebês de menos de três meses. No experimento, mãe e bebê (seis a doze semanas) são colocados em salas separadas, cada um com um sistema de vídeo, que estão interligados. Ambos podem ver um ao outro pelo vídeo e um técnico faz a gravação das interações e controle do envio de imagem para cada um. Pede-se à mãe que converse com o filho.

Na primeira etapa, a mãe conversa em tempo real com o filho através da câmera, ou seja, um vê o outro e acompanha as suas reações. Numa segunda etapa, é enviada para o monitor do bebê a gravação da conversa anterior. E, finalmente, retorna à primeira condição, enviando ao bebê as imagens ao vivo. Pode-se observar que, na interação em tempo real, mesmo pelo monitor, o bebê reage como se estivesse face a face com a mãe, mantendo a interação a partir de sua sincronia e reciprocidade de olhares e sorrisos. No entanto, quando as gravações da mãe começam a ser enviadas para o bebê, seu comportamento se modifica rapidamente, perdendo o interesse pelo monitor ao perceber a falta de correspondência nas reações da mãe. “O incômodo expresso pelo bebê ao se ver diante de uma mãe sorridente cujas reações não encaixam com as suas evidencia uma complexa e coerente integração entre os comportamentos da criança e sua precoce capacidade para captar a estrutura do comportamento da mãe” (Galvão, 2001).

Esta pesquisa apresenta a dimensão relacional de natureza semiótica entre o bebê e os outros em relação. Percebe-se a formação das associações que o bebê vai fazendo entre a sua manifestação e a reação do outro, a partir de uma comunicação expressiva, complexa e rica

em detalhes. Dessa forma, existem sujeitos ativos coconstruindo uma relação em que a emoção é fator fundamental para o vínculo que se cria.

Considerando o conjunto dessas questões, passa-se à apresentação dos objetivos e da metodologia desta pesquisa, que busca justamente focar nas expressões emocionais de desprazer dos bebês como emergentes das interações sociais, dialogando com as contribuições que esses autores contemporâneos têm fornecido com suas pesquisas e produções teóricas.

Objetivo

“A resposta é sempre um trecho do caminho que está atrás de você. Só uma pergunta pode apontar o caminho para frente.”

Jostein Gaarder

2 OBJETIVO

O objetivo geral desta pesquisa de mestrado foi estudar as manifestações da emoção durante o primeiro ano de vida e o seu processo de transformação ao longo desse tempo, a partir de um estudo de caso. Especificamente, foram investigadas as expressões de desprazer⁶ (choro, irritação e incômodo) do bebê participante, buscando apreender suas diversas formas de manifestação: facial, vocal e corporal. Além disso, analisar como as expressões emocionais do bebê emergem na relação com seu(s) parceiro(s) de interação, compreendendo que essas manifestações são significadas *pelas* e *através* das pessoas, de forma contextualizada e relacional.

O recorte das manifestações de desprazer foi realizado por dois motivos: primeiro, porque na visualização geral dos vídeos, elas chamaram a atenção por serem manifestadas numa frequência muito elevada durante todo o primeiro ano de vida, sendo as expressões mais utilizadas pelo bebê. Em segundo lugar, por se tratar das expressões denominadas pela literatura como “negativas”, as quais os pesquisadores têm apontado como havendo dificuldade de serem observadas e analisadas (Mendes e Seidl-de-Moura, 2009a, 2009b; Messinger, 2002).

⁶ Um ponto fundamental nesta discussão foi definir uma denominação para o conjunto de expressões de choro, irritação e incômodo. Tem-se visto na literatura a divisão entre expressões positivas para sorrisos e expressões negativas para choro e incômodo. No entanto, buscando não endossar essa classificação, por entendê-la como tendo caráter valorativo, essas manifestações serão denominadas neste trabalho de expressões de desprazer.

Procedimentos Metodológicos

“Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadoff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: Me ajuda a olhar!”

Eduardo Galeano

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos de coleta e análise de dados desta pesquisa foram realizados a partir do referencial teórico-metodológico da *Rede de Significações (RedSig)*.

3.1 A perspectiva da Rede de significações

A perspectiva da *RedSig* foi elaborada a fim de compreender os processos de desenvolvimento humano em seus aspectos teóricos e empíricos, no sentido de se contar com uma ferramenta que auxilie nestas investigações (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2004).

Utilizando principalmente autores de abordagem histórico-cultural, como Vygotsky, Wallon, Valsiner e Bakhtin, a *RedSig* propõe que o desenvolvimento humano se constitui *nas e a partir das* relações estabelecidas entre as pessoas. O desenvolvimento é concebido como um processo dinâmico, que acontece do nascimento à morte, situado sócio-historicamente, dentro de “ambientes culturalmente organizados e socialmente regulados”, em que as pessoas interagem desempenhando um papel ativo nas relações (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000).

Nessa perspectiva, entendem-se os processos de desenvolvimento dentro de sua complexidade, apreendendo e analisando os fenômenos de maneira integrada e inclusiva, considerando suas múltiplas dimensões. Assim, a metáfora da rede significa o emaranhado de elementos de natureza semiótica que, em sua (re)articulação, possibilitam e constituem o desenvolvimento.

Distanciando-se das visões lineares, pontuais e causais que atribuem um caráter fixo e determinístico ao desenvolvimento, a perspectiva da *RedSig* contempla as diversas possibilidades de percursos desse processo e o entrelaçamento dos elementos constitutivos, em sua dialética, de forma contínua e complexa (Rossetti-Ferreira, Amorim, Soares-Silva & Oliveira, 2008).

Dessa forma, a *RedSig* propõe estudos que investiguem o desenvolvimento humano em seu processo de transformação, buscando um olhar que contemple a alteridade e que considere seu caráter contextual. A natureza discursiva e semiótica que atribuem à constituição humana possibilitam pensar o desenvolvimento como emergente das relações, coconstruído e em constante processo de mudança (Rossetti-Ferreira, et al., 2008).

Assim, esta visão norteia o pesquisador que se propõe a investigar o desenvolvimento a partir desta perspectiva. Segundo Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2004), o objetivo da coleta e análise dos dados deve ser:

(...) apreender vários dos elementos presentes em determinadas situações interativas, buscando analisar os vários significados e sentidos que se destacam na situação, para as várias pessoas participantes do processo, acompanhando ainda seus movimentos de transformação e procurando interpretar os processos pelos quais as significações emergem. (p. 31)

A perspectiva histórico-cultural, portanto, possibilita realizar pesquisas qualitativas objetivas, partindo de um pressuposto teórico-metodológico sedimentado no materialismo histórico dialético, cujo foco são as transformações históricas, materiais e concretas da sociedade. É deste contexto que os profissionais tirarão o objeto para o fazer científico ou para a práxis. Segundo Vigotski (1996), “todo fenômeno concreto é absolutamente infinito e inesgotável se considerarmos em separado cada um de seus traços. Em todos os fenômenos sempre é preciso buscar o que os converte em objeto científico” (p. 213).

Além da complexidade dos fenômenos, dos quais os elementos serão recortados para a pesquisa, Vigotski aponta um dos cerne do fazer científico: a metodologia. Segundo o autor, ela é o esqueleto de toda pesquisa, estando presente desde o questionamento e pergunta do estudo até os seus resultados. “Neste caso, o método é simultaneamente pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo” (Vygotsky, 1978, p. 65 citado por Newman e Holzman, 2002, p. 45).

Portanto, quando um pesquisador propõe uma pesquisa, ele já lançou um olhar para a realidade que se apresenta, retirou do fenômeno um elemento que se tornará objeto científico. A elaboração do problema da pesquisa está totalmente vinculada à realidade concreta e o pesquisador não está neutro nesta formulação. Ao contrário, é a partir do seu olhar e das suas perguntas que existe a possibilidade deste recorte, pois “o modo como o pesquisador se acerca dos fatos que pretende estudar, elaborando-os em forma de problema de pesquisa, já traz consigo, no olhar lançado sobre a realidade, um filtro metodológico, um olhar que deverá ser refinado para a construção do caminho que se propõe trilhar na sua investigação” (Zanella et. al., 2007, p. 27). A seguir, apresenta-se a estruturação da presente pesquisa.

3.2 Estudo de caso

O estudo de caso é um dos métodos de pesquisa qualitativa, utilizado para investigar fenômenos sociais complexos, inseridos em algum contexto real, a partir de questões do tipo

“como” e “porque”. Essa metodologia viabiliza a compreensão de acontecimentos da vida real, preservando suas características holísticas e significativas. Ainda, é adequada para os casos em que o pesquisador tem pouco ou nenhum controle sobre a situação observada. (YIN, 2005)

Segundo Pozzebon e Freitas (1998), o estudo de caso tem caráter exploratório, quando o pesquisador não tem controle experimental ou de manipulação na pesquisa. Por isso, não há uma definição clara das variáveis de interesse e de como elas serão medidas, mas é justamente esse processo de investigação que o estudo de caso permite realizar; ou seja, observar o ambiente natural em que está ocorrendo o fenômeno que se destina pesquisar para, então, delinear as variáveis que estarão relacionadas ao objetivo do estudo.

Compreendendo tais questões, optou-se pela utilização do estudo de caso como estratégia desta pesquisa, uma vez que se busca apreender *como* ocorrem os processos de transformação das manifestações da emoção, durante o primeiro ano de vida, no contexto real que os participantes da pesquisa se inserem.

3.3 Material Empírico e Questões Éticas

Para o desenvolvimento deste estudo, as gravações do bebê participante e sua família foram retiradas do Banco de Dados Audiovisuais, do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI/FFCLRP), no qual estão registradas as gravações realizadas por Rodrigues (2011) em seu projeto de mestrado *Processos de (trans)formação da comunicação e linguagem, ao longo do primeiro ano de vida: um estudo de caso*. Vale informar que, quando da realização do estudo de Rodrigues, foi conversado com a família que o material coletado seria arquivado no banco de dados junto ao CINDEDI, para a realização de outras pesquisas. Ainda, de que estas também obedeceriam aos mesmos princípios éticos: manter sigilo sobre a identidade dos participantes, utilizar os nomes fictícios escolhidos por eles, restringir a divulgação das imagens gravadas em vídeo às situações de apresentação da pesquisa, etc. A família demonstrou concordância com relação a essa situação, como se encontra no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A).

Tendo esses aspectos sido considerados, esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (ANEXO B).

Justifica-se a escolha pela utilização de um banco de imagens já existente, e não a construção de um próprio banco para este trabalho, pelo tempo que se tem disponível para a

realização do mestrado; e, ainda, pelo longo período de tempo escolhido para acompanhar o bebê. Ponderou-se ainda a dificuldade de encontrar famílias que se interessassem em participar de pesquisas como esta, principalmente considerando que as gravações ocorrem desde o nascimento do bebê. Além disso, o grupo de estudo ao qual pertence este trabalho vem realizando diversos estudos que contam com o registro por gravações, gerando um arquivo extenso e rico em detalhes, que tem sido reutilizado para investigar diferentes temáticas, contribuindo para a construção do conhecimento através de uma metodologia perspicaz e complexa, como é o registro em vídeo. Nesse sentido, entende-se que, ao compartilhar o banco de imagens para a investigação de outra temática, esta pesquisa contribuirá para o diálogo com os outros estudos já realizados ou em realização pelo grupo.

Com relação à contradição existente entre a proposição de sigilo dos sujeitos e a apresentação das imagens das cenas de vídeo, a família foi consultada sobre a possibilidade de se fazer a apresentação do material de vídeo em situações de discussão científica, ao que concordaram e assinaram novo TCLE.

3.4 Participantes da pesquisa

Rodrigues (2008) acompanhou um bebê (Marina) ao longo do seu primeiro ano de vida, desde a primeira semana após seu nascimento. A família participante do estudo é composta pela mãe Júlia⁷ (36 anos), o pai Pedro (40 anos), a avó materna Mirian e Marina (o bebê), que é a primeira filha do casal. Será apresentado brevemente como ocorreu a escolha desse bebê.

Considerando que a gravação do bebê começaria desde o seu nascimento, o processo de escolha da família se iniciou com a busca de uma mulher grávida. Desta forma, Rodrigues entrou em contato com profissionais da saúde, tanto liberais quanto vinculados ao setor público de saúde e que pudessem ajudar na busca de uma mulher grávida que não tivesse riscos imediatos na gravidez e que morasse na mesma região em que a pesquisadora realizaria a coleta de dados. Alguns profissionais se disponibilizaram a ajudar nesse processo, mas algumas das mães contatadas não se mostraram dispostas a participar da pesquisa.

Rodrigues (2010) acabou encontrando uma mãe disposta a participar do estudo em uma creche filantrópica, quando Júlia (mãe) estava grávida de dez semanas. Como a data de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) coincidiu com o nascimento da criança, a

⁷ Os nomes são fictícios e foram escolhidos pelos participantes.

pesquisadora convidou a família para participar da pesquisa, ao que aceitaram demonstrando grande interesse e disponibilidade. Assim, a pesquisadora conheceu a mãe durante a gestação e, após o nascimento do bebê, realizou as gravações durante um ano, em seu ambiente familiar. A seguir, estão apresentadas imagens dos participantes, e no ANEXO C, encontra-se um breve relato histórico sobre Júlia e Pedro, e o nascimento de Marina, escrito pela pesquisadora Rodrigues (2011).



Figura 1 – Marina (bebê), com 11 meses.



Figura 2 – Júlia (mãe), 36 anos.



Figura 3 – Pedro (pai), 40 anos.



Figura 4 – Mirian (avó materna).

3.5 Registro da situação

O registro foi realizado por meio de gravações em vídeo (VHS), ao longo de todo o primeiro ano de vida de Marina, principalmente na residência da família. Porém, Rodrigues o fez também em outros contextos que o bebê frequentou, como a casa da avó e o local de trabalho da mãe (consultório onde ela era secretária). Rodrigues (2010) fez um cronograma dos registros⁸ (ANEXO D), que ajuda a visualizar o local, o tempo e as pessoas presentes durante as gravações. Os registros foram semanais, desde o nascimento até completar seis meses; e nos últimos seis meses foram quinzenais, encerrando-se quando a criança completou o primeiro ano de vida.

3.6 Construção do *corpus* de análise

Ao entrar em contato com o material empírico (gravações de Marina), percebeu-se a dificuldade de elaborar uma forma para orientar a observação, o registro e a análise das

⁸ Rodrigues (2011) formulou uma tabela contendo os registros das gravações realizadas por ela, que foi apresentada no seu texto de qualificação do mestrado.

expressões. Como analisar? Qual caminho percorrer? Como escolher os episódios? Qual a melhor forma de construir o *corpus* para a análise?

Na elaboração do projeto desta pesquisa, havia sido proposta a realização de dois tipos de análise: quantitativa, realizada através de um mapeamento das expressões emocionais do bebê; e qualitativa, utilizando, especificamente, a análise de episódios. Para a construção deste último tipo de análise, Góes (2000) aponta para a busca de unidades de análise, as quais são recortes que contém em si propriedades do todo que se investiga, ou seja, “a unidade é o componente vivo do todo”. Tais unidades deveriam ser definidas a partir do contato com o material empírico, pois, é no mergulho do material, observando as minúcias, os detalhes, as pistas, os aspectos relevantes no curso desse processo, que se “elegem os episódios típicos ou atípicos que permitem interpretar o fenômeno de interesse” (Góes, 2000, p. 21)

Sendo assim, como realizar um mapeamento das expressões emocionais, de forma a construir o *corpus* de análise, que possibilitasse a escolha de cenas que, articuladas, mostrassem a manifestação e o processo de transformação das emoções? Este questionamento mostra que definir uma estratégia de análise, no caso, mapeamento quantitativo e episódios qualitativos, não define, a priori, o caminho metodológico, sendo necessário construí-lo a partir do contato direto com o material empírico, no papel de pesquisador construtor (Rossetti-Ferreira et al., 2008).

Neste sentido, o primeiro passo foi explorar as videograções, uma vez que elas não foram realizadas por mim, mas faz parte do banco de imagens do CINDEDI. Trabalhando com o material gravado por Rodrigues (2011), os vídeos foram cuidadosamente vistos, com o intuito de conhecer os participantes, observar a dinâmica das gravações, da família, as relações entre o bebê e as pessoas do entorno. Pode-se dizer que foi o primeiro contato com o material, que teve um caráter exploratório, a fim de construir uma história própria entre o presente pesquisador e os participantes desta pesquisa.

Posteriormente, seguindo as proposições de Kreppner (2011), foram conduzidas duas novas etapas para a construção do *corpus* de análise. Para esse autor, no percurso de observação de bebês, a partir de videograções, dois são os processos a que o pesquisador deve se ater: a visualização e a focalização. Na primeira, os vídeos precisam ser vistos sem qualquer restrição de categorias, pois o intuito é explorar o material de forma aberta, para que as categorias surjam com a visualização do mesmo. Nesta pesquisa, a primeira visualização das gravações levou a uma observação curiosa para as expressões emocionais do bebê e construção das primeiras categorias de análise. Já na focalização, o objetivo é visualizar os vídeos buscando observar e registrar as categorias que foram surgindo no processo de

visualização, focalizando-os para a construção do *corpus* de análise, a qual foi realizada nesta pesquisa a partir do mapeamento das expressões emocionais. Nesse processo, novas categorias relativas às manifestações emocionais foram inseridas, em função do refinamento que se obteve tanto da análise como da própria criança, a qual passou a apresentar expressões mais complexas e diversificadas. Tais categorias são apresentadas a seguir.

3.6.1 Mapeamento das expressões emocionais

O objetivo deste mapeamento foi observar e registrar as expressões emocionais manifestadas pelo bebê ao longo do primeiro ano de vida, bem como as expressões e ações dos parceiros de interação, buscando apreender como as manifestações da emoção emergiam e se transformavam nas interações sociais e contribuía para constituir o desenvolvimento das pessoas envolvidas, especialmente do bebê.

Considerando o grande número e horas de gravações de Marina, foi necessário fazer um recorte para que se pudesse realizar o mapeamento. Como referido anteriormente, havia ao todo trinta e oito gravações, com aproximadamente uma hora de duração cada. No primeiro semestre de vida (0 a 6 meses), haviam sido realizadas gravações semanais, totalizando 25. Já, no segundo semestre (7 a 12 meses), foram quinzenais, somando 13 videograções.

Buscando fazer um recorte que possibilitasse acompanhar o desenvolvimento das emoções de desprazer, sem ter muito espaçamento entre os períodos analisados (em que a criança apresentava grandes mudanças na sua expressividade emocional), definiu-se pela análise quinzenal dos vídeos, começando pela primeira semana de vida; e, a partir de um recorte de vinte minutos em cada um desses vídeos. Procurou-se analisar os vinte minutos centrais de cada gravação, com exceção de algumas delas em que Marina estava dormindo nesse período. Nesses casos, foram analisados os vinte minutos em que ela estivesse mais acordada. Ao final, foram obtidos 24 recortes de gravação, com 20 minutos cada, como pode ser visualizado na tabela 3, que especifica os meses do bebê, o número da gravação realizada por Rodrigues (2011), a idade exata de Marina, e os recortes de vinte minutos que foram categorizados para o mapeamento.

Tabela 3: Recorte realizado no material empírico gravado por Rodrigues (2011), para realização do mapeamento.

Mês	Gravação do banco de dados	Idade do Bebê	Recorte (20')
1º Mês	1	6 dias	1
	3	20 dias	2
2º Mês	5	1 mês e 3 dias	3
	7	1 mês e 20 dias	4
3º Mês	9	2 meses e 2 dias	5
	12	2 meses e 21 dias	6
4º Mês	14	3 meses e 6 dias	7
	16	3 meses e 19 dias	8
5º Mês	18	4 meses e 2 dias	9
	20	4 meses e 18 dias	10
6º Mês	22	5 meses e 3 dias	11
	24	5 meses e 17 dias	12
7º Mês	26	6 meses	13
	27	6 meses e 13 dias	14
8º Mês	28	7 meses	15
	30	7 meses e 26 dias	16
9º Mês	31	8 meses e 9 dias	17
	32	8 meses e 23 dias	18
10º Mês	33	9 meses e 9 dias	19
	34	9 meses e 22 dias	20
11º Mês	35	10 meses e 5 dias	21
	36	10 meses e 24 dias	22
12º Mês	37	11 meses e 8 dias	23
	38	1 ano	24

Considerando que a emoção emerge *nas e das* relações com o outro e se transforma a partir dessas interações (Fogel et al., 2005; Pantoja e Nelson-Goens, 2000), este mapeamento foi realizado analisando as expressões emocionais do bebê, mas também as manifestações e ações dos parceiros de interação (mãe, pai, avó e pesquisadora), com o objetivo de observar as transformações das manifestações emocionais de forma relacional e contextualizada. A construção de todas as categorias, tanto do bebê quanto dos parceiros, foi inspirada em

diferentes estudos (Rossetti-ferreira, 1982; Malatesta & Haviland, 1982; Darwin, 1872/2000; Sullivan & Lewis, 2003; Mendes, 2008; Moura, 2012), adaptando-se as categorias em função da presente pergunta e do material empírico base.

Ambos os mapeamentos (do bebê e dos parceiros) foram divididos didaticamente em três categorias centrais: expressões faciais, expressões vocais e expressões corporais. Cada uma delas foi composta por subcategorias, as quais foram observadas e marcadas ao longo de todo o primeiro ano de vida. Seguem-se as tabelas com as categorias, sendo que a tabela 4 se refere às categorias de observação do bebê; e a tabela 5 às dos parceiros de interação.

Tabela 4 - Categorias de observação das expressões emocionais do bebê

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	DESCRIÇÃO
EXPRESSÕES FACIAIS	Choro	Geralmente relacionado à sensação de dor ou forte incômodo, a expressão facial de choro consiste em juntar e abaixar as sobrancelhas, usualmente criando uma protuberância no meio delas; aprofundamento da dobra nasolabial; e, compressão do globo ocular, resultando no quase fechamento dos olhos. Os movimentos da boca são mais variáveis, mas inclui o alongamento lateral dos lábios, abrindo e retraindo a boca, o que lhe dá uma forma quase quadrada; a língua permanece tensa em forma de concha. (Figura 5 ⁹). A expressão de choro pode ser mais ou menos intensa. Para ser considerada nesta categoria, é preciso haver quase todos esses elementos.
	Choramigo	Expressão facial com as mesmas características do choro, porém mais amenas. Manifestada pelo bebê como se fosse uma caricatura do choro ou um choro forçado.
	Irritação	Expressões faciais nas quais as sobrancelhas estão contraídas e abaixadas, a testa franzida e os olhos estreitos, podendo as bochechas estarem levantadas ou não. A boca pode estar aberta ou fechada, mas sempre com os cantos voltados para baixo; ou, quando fechada, com os lábios tensos, juntos e apertados (Figura 6 ¹⁰).
	Raiva	Expressão facial que manifesta irritação mais acentuada, porém sem as características específicas da irritação. Manifestada através de um semblante facial sério, geralmente com a boca apertada e cenho levemente franzido (Figura 7 ¹¹).

⁹ Sullivan, M. W.; Lewis, M. Emotional Expressions of Young Infants and Children: A Practitioner's Primer. *Infants and Young Children*, v. 16, n. 2, p. 120-142, 2003.

¹⁰ Ibid

¹¹ Ekman, P. (2003). *Emotions revealed: recognizing faces and feelings to improve communication and emotional life*. New York: Times Books.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	DESCRIÇÃO	
	Incômodo	Elevação das extremidades internas das sobrancelhas e rebaixamento dos cantos da boca, esta estando aberta ou fechada. Eventualmente, as sobrancelhas podem estar numa posição oblíqua (desalinhadas). A dobra nasolabial pode ficar proeminente (como usualmente as expressões de desprazer) e o queixo pode estar levantado, algumas vezes também proeminente. (Figura 8 ¹²)	
EXPRESSÕES VOCAIS	Choro	Sons rítmicos e de alta frequência, normalmente produzidos no fundo da garganta.	
	Choramingo	Expressão vocal de choro, porém com altura e ritmo menos intenso.	
	Gemido	Sons emitidos de forma descontínua, baixos e nasalados, menos intensos que o choro, às vezes rítmicos. Estão, em geral, associados à expressão de incômodo, mas não necessariamente. São sons básicos emitidos pelo bebê que parecem um murmúrio ou lamentação e, muitas vezes, antecedem o choro.	
	Vocalização	Sons mais abertos, já apresentam alguns sinais de repetição, como “aa”, “uumum”.	
	Grito	Expressões vocais intensas, não rítmicas, com timbre agudo, podendo ser altas ou não, curtas ou mais longas.	
	Balucio	Sons com sílabas bem formadas e repetitivas, incluindo vogais e consoantes, como “ba ba ba”, “aaa”.	
	Gemido vocalizado	Expressão vocal de reclamação, como uma junção do gemido e da vocalização.	
EXPRESSÕES CORPORAIS	Movimento de cabeça	Desordenado	A cabeça do bebê se movimenta de uma maneira desordenada e não intencional, mas em conjunto com o movimento corporal, também desordenado.
		Ordenado	Movimento de cabeça articulado com o movimento corporal, mas ainda não direcionado a alguém/algo. Pode ser um movimento inquieto, mas não desordenado, como na categoria anterior.

¹² Sullivan, M. W.; Lewis, M. Emotional Expressions of Young Infants and Children: A Practitioner's Primer. *Infants and Young Children*, v. 16, n. 2, p. 120-142, 2003.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	DESCRIÇÃO
	Direcionado	Movimento ordenado da cabeça em direção a ou em oposição a alguém ou alguma coisa.
Movimento corporal	Desordenado	Movimentos desordenados, sem coordenação entre o movimento dos membros superiores, inferiores, cabeça e tronco. Assemelha-se a espasmos.
	Ordenado	Movimentar coordenadamente todo o corpo ou partes dele (mãos, braços, pés, pernas ou tronco), como levantar ou abaixar, esticar, mexer uma mão na outra, girar o corpo, apresentando certo arranjo entre os movimentos.
	Ordenado e Direcionado de Aproximação	Movimento corporal direcionado a alguém ou alguma coisa, de aproximação.
	Ordenado e Direcionado de Afastamento	Movimento corporal em oposição a alguém ou alguma coisa, de afastamento.
	Apontar	Ação de apontar o dedo para alguém ou alguma coisa.
	Balançar/ bater as mãos/ dançar	Balançar o corpo para frente e para trás ou para lados, de uma forma rítmica; dançar; e bater as mãos uma na outra ou em algum lugar.
	Caminhar ou engatinhar	Locomover o corpo, deslocando-se do local inicial, podendo se aproximar ou se afastar de alguém, e por diversos meios: andador, engatinhar, andar apoiado.
OLHAR		Direcionamento e focalização do olhar para algo específico (alguém, objeto, parede ou outro). Observar para onde/o que/quem o bebê está olhando. Se não houver um direcionamento do olhar, esse item não será marcado. Para um olhar ser contabilizado, sua duração mínima deverá ser de 5 segundos.



Figura 5
Expressão facial
de choro



Figura 6
Expressão facial
de irritação



Figura 7
Expressão facial
de raiva



Figura 8
Expressão facial
de incômodo

Tabela 5 - Categorias de observação das expressões emocionais e ações direcionadas ao bebê pelos parceiros de interação

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	DESCRIÇÃO
EXPRESSÕES FACIAIS	Sorriso	“Sorrir, sendo este sorriso dirigido ao bebê. Os episódios em que se ouve o riso da mãe, ainda que não apareça na imagem, serão também marcados” (Mendes, 2008).
	Atenção/Surpresa	Elevação discreta das sobrancelhas, com olhar atento àquilo que chama a atenção. Caso essa atenção comece a se transformar numa surpresa ou espanto, as sobrancelhas se elevam mais ainda, por vezes, produzindo vincos na testa; os olhos e a boca se abrem, sendo que nem sempre a boca permanece aberta.
	Seriedade	Semblante sério, levemente preocupado.
EXPRESSÕES VOCAIS	Fala	Fala dirigida ao bebê pelo parceiro de interação. As falas dirigidas a terceiros não serão consideradas.
	Vocalizar	Vocalizações da mãe dirigidas ao bebê. Estão aqui incluídos sons produzidos para imitar brinquedos ou animais (onomatopeia) e jogos vocais, além de sons dirigidos à criança como estalar de língua, assobios, cantar. Não são considerados fala ou vocalização dirigida a terceiros, sons vegetativos como suspiros, soluços, bocejos, espirros e tosse.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	DESCRIÇÃO	
EXPRESSÕES CORPORAIS	Movimento de cabeça	Direção ao bebê	Movimentar a cabeça ou o rosto em direção ao bebê.
		Oposição ao bebê	Movimentar a cabeça ou o rosto em oposição ao bebê.
	Movimento corporal	Aproximação	Movimentar o corpo de alguma forma em direção ao bebê, aproximando-se dele.
		Afastamento	Movimentar o corpo de alguma forma em oposição ao bebê, afastando-se dele.
	Ações direcionadas ao bebê	Toque	Tocar propositalmente alguma parte do corpo do bebê; relacionado a atividades de acariciar e brincar com ele, distinguindo-se de cuidar fisicamente do bebê. Exemplos: toque com as pontas do dedo no corpo do bebê, como se estivesse chamando por ele; acariciar o corpo ou rosto do bebê, fazer cócegas, usar o toque para fazer brincadeiras com o bebê, balançar braço e/ou perna do bebê, beijar. A ocorrência desta categoria independe do bebê estar ou não no colo da mãe.
		Pegar no colo	Pegar o bebê no colo, estando ele, a princípio, em outro lugar.
		Amamentar/ dar comida	Amamentar o bebê ou alimentá-lo de alguma forma: suco, papinha, frutas ou leite.
		Ajeitar / mudar a posição do bebê	O parceiro de interação ajeita o bebê no colo ou muda a sua posição, sendo que o bebê permanece com a mesma pessoa ou local.
		Colocar o bebê em outro lugar/pessoa	O parceiro de interação coloca o bebê em um lugar diferente de onde ele está, ou no colo de outra pessoa.
		Embalar	Balançar o bebê de forma ritmada.
Oferecer chupeta	Oferecer ou colocar a chupeta na boca do bebê.		

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	DESCRIÇÃO
	Brincar/ distrair	Fazer brincadeiras com o bebê ou tentar distraí-lo com brinquedos, objetos, televisão ou músicas.
	Cuidados higiênicos	Cuidados com o bebê, como trocar fralda e dar banho.
OLHAR		Direcionamento e focalização do olhar no bebê. Se não houver um direcionamento do olhar, esse item não será marcado.

Observa-se que uma categoria complementa a outra, buscando apreender as diversas formas que a emoção é expressa pelo bebê e parceiros de interação, e como se articulam e dialogam. Dizer que Marina (bebê) está chorando oferece pistas da vocalização (chorar) e de expressões faciais (olhos quase fechados, sobrancelhas baixas e juntas, boca aberta). Porém, existem outras expressões acontecendo ao mesmo tempo, como braços e pernas movendo-se aleatoriamente ou estando esticados; ou, o bebê pode estar engatinhando atrás de alguém ou olhar para alguém enquanto chora. Ou seja, a informação de que “o bebê chorou” é suficiente para se entender superficialmente o que está acontecendo. Porém, neste trabalho, a descrição está sendo complementada por outros elementos que, em seu conjunto, ajudam a visualizar a expressão emocional para além da face, de modo a contribuir com a investigação da gênese dos processos emocionais no desenvolvimento humano.

Além disso, considera-se que nenhuma das subcategorias definidas acima seja uma expressão emocional em si, mas são elementos que em conjunto compõem e modelam a emoção. O olhar, por exemplo, é um dos recursos que direciona ou não a atenção ao outro e que compõe a expressão emocional. Uma pessoa que está irritada ou com raiva de alguém, estando face a face, pode expressar um olhar de ira ao outro, ou evitar o olhar. São duas formas diferentes de utilizar o olhar na expressão de raiva, que vai ter seu sentido construído na relação com o outro. Da mesma maneira, os movimentos corporais não expressam por si algum tipo de emoção. No entanto, quando alguém está manifestando uma determinada emoção, o corpo também modela essa expressão pela forma de movimentar-se, mover os membros ou pela simples contratura corporal. Neste sentido, não se está colocando tudo como expressão emocional, mas buscando integrar os elementos que expressam os desprazeres do

bebê durante o primeiro ano de vida, sem limitar-se à face. A comunicação emocional do bebê e dos adultos em interação não ocorre apenas pela via facial, mas por outros meios, como o movimento corporal, a expressão vocal, e o olhar.

Isto justifica o fato de que, durante a categorização das gravações, cada subcategoria só foi marcada enquanto o bebê estivesse manifestando alguma expressão emocional de desprazer. Ou seja, não foi registrado todas as vezes que ele movimentou o corpo ou a cabeça, ou olhou para alguém/algo, mas somente nos momentos em que Marina estivesse irritada, incomodada ou chorando. A marcação das categorias, portanto, está associada à ocorrência de uma manifestação de desprazer.

Tendo isso como base, a categorização do mapeamento foi realizada adotando o formato encontrado no trabalho de Moura (2012), da seguinte forma: durante a visualização de cada vídeo (recorte de vinte minutos), marcou-se a ocorrência, a cada trinta segundos, das expressões do bebê e ações dos parceiros de interação, focalizando os episódios de manifestação das expressões emocionais de desprazer pelo bebê: choro, irritação, raiva e incômodo. Sendo assim, se alguma das expressões emocionais acontecesse durante os trinta segundos, era marcada uma unidade (ver folha de registro das categorias do bebê no Apêndice A, e dos parceiros no Apêndice B). A frequência do mapeamento, portanto, não se refere ao número absoluto de vezes que aconteceu o comportamento, mas pela sua ocorrência nos intervalos de trinta segundos.

Além do registro numérico das categorias, também se realizou um relato escrito de cada recorte de vídeo, o que colaborou para uma análise não apenas quantitativa, mas principalmente qualitativa, unindo os números referentes a cada expressão manifestada à situação contextual e relacional, que foi contada pela descrição dos episódios e anotações específicas durante as categorizações. Nessas descrições, registrou-se o que estava acontecendo durante o recorte de vinte minutos; o local e as pessoas presentes na gravação; as situações que aconteceram, focalizando, principalmente, a manifestação das expressões emocionais e suas mudanças ao longo do episódio. Esses relatos são importantes porque contextualizam os números que foram marcados nas folhas de registros do mapeamento, sendo utilizados para a construção da análise do material empírico. Assim, poderíamos saber, por exemplo, se o bebê estava chorando na presença ou ausência da mãe, ou se ele permaneceu por muito tempo sozinho até manifestar alguma expressão de incômodo ou irritação; ou em quais situações manifestou determinadas expressões emocionais.

Sendo assim, vale retomar brevemente a discussão entre análise qualitativa e quantitativa, que tem perpassado este trabalho desde a revisão de literatura, na qual é

significativamente expressivo o número de estudos empíricos utilizando a análise quantitativa (Vallotton, 2011; Geangu, 2010; Hatzinikolaou, 2006; Kokkinaki, 2010; Atkinson, 2009; Taques & Rodrigues, 2006)

Carvalho, Pedrosa e Amorim (2006) questionam, porém, o embate de oposição que foi sendo construído entre esses dois “tipos de representação dos fenômenos”. As autoras discutem que quantidade e qualidade, mesmo parecendo contraditórias, produzem um movimento dialético se pensadas como unidades combináveis e muitas vezes complementares.

Qualquer medida ou quantificação opera sobre qualidades previamente definidas: elementos simples, categorias, classes, grupos de eventos similares, etc. Qualidades são, portanto, necessariamente anteriores à quantificação, e quantidades implicam qualidades. Reciprocamente, tratamentos quantitativos baseados em categorização contribuem, frequentemente, para o refinamento qualitativo do sistema de categorias. (p.53)

Esta perspectiva norteará a análise dos dados, que combinará essas duas formas de olhar para o material empírico e o *corpus* de análise construído. A pesquisa não trata apenas do desenvolvimento ou das transformações ocorridas ao longo do processo, mas também das manifestações da emoção, sendo que a análise destas – presença, frequência, aumento, diminuição – é utilizada para saber se houve ou não mudanças; e, em caso afirmativo, quais as transformações e como elas aconteceram durante o primeiro ano de vida.

Resultados e Discussão

“São trinta, são cinquenta cadernos de caos. Preciso administrar esse caos. Preciso imprimir vontade estética sobre esse material. Não acho a clave, o tom de entrada. Não acho o tempero que me apraz. O ritmo não entra. Há um primeiro desânimo. Aparecem coisas faltando. Um nariz sem venta. Um olho sem lua. Uma frase, sem lado. Procuro as partes em outros cadernos. Dou com aquele caracol subindo na escada. Era aquele mesmo, do primeiro caderno, que então passeava uma parede. Percebo que existe uma unidade existencial nos apontamentos. Uma experiência humana que se expõe aos pedaços. Preciso compor os pedaços. Meus cadernos começam a criar nódoas, cabelos. As ervas sobem neles.”

Manoel de Barros

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados e discussão dos mesmos está dividida em três partes:

1^a. Exibição das descrições dos 24 recortes de vídeo categorizados para o mapeamento, cujos relatos nortearam a análise dos resultados, oferecendo o embasamento qualitativo para os números registrados;

2^a. Apresentação dos resultados do mapeamento das expressões emocionais do bebê e as ações dos parceiros de interação, discutindo os dados em termos de frequências e (trans)formações;

3^a. Análise do primeiro ano de vida por trimestre, articulando tanto os resultados quantitativos e qualitativos, quanto as expressões do bebê às ações dos parceiros; e buscando focalizar a emergência das expressões emocionais através das interações. Ainda, apresenta-se um episódio de interação do bebê em cada trimestre, visando discutir a dimensão contextual e relacional das expressões emocionais de desprazer durante o primeiro ano de vida do bebê.

4.1 Relato dos recortes de vídeo

Abaixo, seguem breves descrições de cada 20 minutos de gravação analisada e categorizada, que permite focalizar as mudanças nas expressões emocionais (corporal, facial e vocal) do bebê, em interação com seus parceiros.

Recorte 1 (1^o mês / 6 dias):

A mãe está acabando de dar banho em Marina e a coloca na cama para trocá-la. Durante este tempo, Júlia conversa com a filha. Além delas, estão no quarto a mãe de Julia (avó de Marina) e a pesquisadora. Os primeiros dez minutos giram em torno desta situação (a mãe limpando o umbigo, passando pomada, colocando roupa). Marina passa quase todo este tempo com a cabeça virada para o lado da pesquisadora e da parede. Após terminar de arrumá-la, a mãe embrulha o bebê numa manta, anda um pouco com ela e, depois, coloca-a no carrinho. Lá, ela permanece por mais ou menos cinco minutos, sendo que somente a pesquisadora está por perto. A mãe e a avó estão na cozinha ou quintal. Nestes vinte minutos, o bebê tem uma expressão de tranquilidade. Ao final deste recorte, Marina começa a manifestar expressões emocionais de incômodo, principalmente corporais (movimentos desordenados) e vocais (gemido), que se intensificam muito até o final da gravação.

Recorte 2 (1º mês / 20 dias):

Júlia está amamentando a filha, sendo que esta permanece os primeiros seis minutos do recorte mamando e depois dormindo. A mãe diz que o bebê está cansado porque passeou durante o dia. Depois de mamar, a mãe coloca o bebê na posição de arrotar. Ela continua dormindo até o final do episódio. Neste tempo, ela apresenta um gemido, durante o qual ela movimentava o corpo no colo da mãe, quase parecendo que está se espreguiçando. Toda a gravação deste dia gira em torno desta situação, porque começa com Marina mamando e termina com ela dormindo no colo da mãe.

Recorte 3 (2º mês / 1 mês e 3 dias):

Marina está dormindo no colo da mãe, estando em posição vertical (para arrotar). A mãe diz que a filha acabou de tomar banho e mamar; por isso está dormindo tranquila. Após 15 minutos, ela coloca o bebê no carrinho, onde ela permanece dormindo até o final deste recorte. Em dois momentos seguidos um do outro, ela manifesta um gemido, com expressão facial de incômodo, junto com um movimento corporal, em que ela mexe o corpo como um todo; a mãe não viu porque estava longe da filha.

Recorte 4 (2º mês / 1 mês e 20 dias):

Marina está acordada e mamando, porém cochila um pouco. Quando ela termina de mamar, a mãe coloca a filha no ombro em posição vertical (para arrotar) e fica em pé. Mas, Marina começa a ficar inquieta no colo da mãe, gemendo. Júlia beija a filha, conversa, tenta mudá-la de posição, mas ela continua gemendo com expressão de incômodo. Então, a mãe deita a filha e coloca uma chupeta em sua boca. Marina se acalma um pouco, mas, continua chorando em alguns momentos. A mãe questiona o que ela tem, dizendo “você não tem coco, não tem fome, não tem cólica... O que será?” O pai pega a filha para tentar acalmá-la.

Recorte 5 (3º mês / 2 meses e 2 dias):

Marina está deitada na cama da avó, enquanto Júlia troca a fralda dela. Marina fica gemendo, com expressões de incômodo, enquanto a mãe conversa de forma descontraída com a filha e a pesquisadora. Quando está terminando de trocar a fralda, Marina choraminga e Júlia diz que ela está com frio, conferindo que as mãos e os pés do bebê estão frios. Então, ela enrolava a filha numa manta. Marina continua a gemer. A mãe diz que Marina está com fome, pegando-a no colo. Fica em pé com ela no colo um minuto e, ao novo choro de Marina, encaminha-se para a sala, onde amamenta a filha, que mama por quinze minutos. Este recorte finaliza com a mãe colocando Marina para arrotar, a criança dormindo em seu ombro.

Recorte 6 (3º mês / 2 meses e 21 dias):

Marina está dentro do carrinho, com chupeta na boca e uma fralda na mão. A pesquisadora está ao seu lado filmando e a mãe parece estar na cozinha conversando com um rapaz. Após os dois primeiros minutos de gravação, Marina começa a emitir gemidos (como se estivesse incomodada) e a fazer movimentos corporais (como se estivesse inquieta), apesar de não ter expressão facial de incômodo. Somente depois de dois minutos manifestando-se dessa forma é que ela começa a expressar facialmente o incômodo, mas ainda sem choro, que só será manifestado após cinco minutos. Desde o primeiro gemido até o choro, Marina vai aumentando sua inquietação e isso se manifesta em suas expressões faciais, vocais e corporais. Quando ela parece mais irritada, a mãe se aproxima para pegá-la. Com a aproximação da mãe, Marina diminui o choro, mas continua gemendo e movimentando o corpo com expressões faciais de incômodo. Ela só para quando a mãe a pega no colo. Nos últimos minutos deste recorte, Marina permanece mamando.

Recorte 7 (4º mês / 3 meses e 6 dias):

Marina está com a sua avó materna. Desde o início da cena, a criança manifesta expressões faciais, corporais e vocais de irritação. A avó tenta brincar com a neta, mas à medida que sua irritação aumenta, passando para um choro mais forte, a avó se levanta para fazer mamadeira para ela. Neste intervalo de tempo, Marina chora intensamente e a pesquisadora tenta acalmá-la com toque e fala. A avó retorna e tenta dar mamadeira para ela; antes, busca acalmar a neta para que ela consiga de fato mamar. Marina se acalma e mama. Após mamar, volta a manifestar algumas expressões de incômodo e a avó brinca com ela.

Recorte 8 (4º mês / 3 meses e 19 dias):

Marina está no carrinho e a sua avó está ao lado, vendo televisão. Ao longo da gravação, o bebê manifesta algumas expressões corporais, faciais e vocais de desconforto, ao que a avó responde conversando e brincando com a neta, que, em alguns momentos, responde com um sorriso. No meio do recorte, os gemidos e as expressões faciais de incômodo vão se transformando em choro. A avó tenta brincar, conversar e dar a chupeta para a neta, sem sucesso. Acaba pegando o bebê no colo, dizendo que ela está com calor. Fica com ela no colo, sendo que Marina fica de frente para a pesquisadora. Marina está soluçando e Luciana e a avó riem dela, ao que o bebê responde com sorrisos. Desencadeia-se, então, uma sequência de soluços, sorrisos, gemidos, expressões de incômodo e olhares atentos para a pesquisadora. A avó coloca a neta no chiqueirinho. Ela grita e faz vocalizações, mexendo todo o corpo, com as

mãos na boca, levantando os pés e rodando o corpo no colchão. É um recorte muito complexo, rico em detalhes e situações novas.

Recorte 9 (5º mês / 4 meses e 2 dias):

Marina está mamando, mas logo termina e sua mãe a coloca para arrotar. Marina abre um pouco os olhos, mas parece continuar dormindo. Depois de seis minutos, ela começa a movimentar o corpo e a cabeça, como se estivesse incomodada, sem manifestar expressão facial de incômodo. Júlia tenta ajeitá-la no corpo para que ela continue dormindo, mas a filha começa a gemer e manifestar um chorinho leve. A mãe pede para apagar a luz da sala. Marina continua tendo expressões faciais, corporais e vocais de incômodo, chorando em alguns momentos. A pesquisadora, sem querer, acende a luz da filmadora, que atinge diretamente o bebê, que vira o rosto para baixo (em contato com o ombro da mãe) e chora. A mãe fala com a filha, dá a chupeta e a ajeita novamente no colo, dando batidinhas no corpo dela para que ela volte a dormir. Marina dorme novamente, até o final do recorte.

Recorte 10 (5º mês / 4 meses e 18 dias):

Marina está deitada no chiqueirinho, olhando para o móbile que está pendurado acima dela. A mãe conversa de longe (sala ou cozinha) com a pesquisadora. Marina fica olhando para o móbile, manifestando certo incômodo, inicialmente através do movimento corporal. Ela vai, gradativamente, ficando mais irritada, ao que a mãe se aproxima da filha e conversa com ela sobre a música que está tocando. Marina para de choramingar por alguns segundos, mas logo em seguida volta a expressar seu incômodo. A pesquisadora conversa com ela e mexe no móbile. A mãe responde de longe falando que vai pegar a filha, mas demora um pouco para buscá-la, permanecendo à distância. No final do recorte, ela fala “Vamos, vamos tomar banho! Chega de me enrolar, mãe!”. Quando Júlia pega a filha, ela dá um grito estridente e olha para Luciana.

Recorte 11 (6º mês / 5 meses e 3 dias):

Marina está sentada no bebê conforto, enquanto a mãe conversa com a pesquisadora sobre os bichos de pelúcia da filha e brinca com ela, que sorri. A mãe vai para outro cômodo da casa e Marina fica inquieta no bebê conforto. Ela mexe braços, pernas e movimenta a cabeça para todos os lados. Seu olhar fica focalizado no ambiente, mas muda de direção todo o tempo. O movimento de cabeça está em sintonia com o movimento corporal, não sendo desordenados, demonstrando a inquietação dela. A expressão vocal de Marina fica entre o choro e o gemido,

bem como a expressão facial, que fica entre o incômodo e a irritação. Marina começa a gemer/chorar/gritar mais alto, até que sua mãe começa a falar com ela, inicialmente à distância. A mãe começa a se aproximar e Marina responde com um sorriso. Júlia se aproxima da filha, mas vai até a janela abrir as cortinas, enquanto Marina continua choramingando. Depois, a mãe se aproxima do bebê novamente, brincando de estalar os dedos e batendo palmas. Pega a filha, dizendo que ela está com calor. Marina sorri e grita no colo da mãe. Depois regurgita um pouco, ao que a mãe diz que a filha também estava querendo dar um “vomitação” (palavra usada pela mãe). Marina sorri ao brincar com a mãe e sorri na direção da câmera ou pesquisadora. A mãe permanece com a filha no colo, assistindo TV e conversando com a pesquisadora. No final do recorte, Marina começa a ficar inquieta no colo da mãe e Júlia vai com ela para debaixo do ventilador.

Recorte 12 (6º mês / 5 meses e 17 dias):

Marina está no colo de Júlia, na casa de seus pais. Estão na sala o bebê, sua mãe e sua avó. Marina está segurando uma mamadeira vazia. Ela segura, coloca na boca, explora esse objeto, e, em alguns momentos, expressa gemidos de incômodo. A mãe conversa com a filha, tenta distraí-la e descobrir porque ela está irritada, até que a avó se levanta e começa a balançar uma peça de vidro que contém algo dentro, chamando a atenção de Marina, que fica olhando para a avó. As duas permanecem por um tempo nesta brincadeira. A mãe e a avó também ligam o ventilador da sala, porque Júlia diz que a filha está incomodada com o calor. O bebê fica deitado no sofá, de barriga para cima. Começa a gritar, balbuciar e sorrir até o final da gravação.

Recorte 13 (7º mês / 6 meses):

Júlia está trocando a fralda da filha. Enquanto faz isso e conversa com a pesquisadora, Marina expressa alguns gemidos que parecem um choro, enquanto faz expressões faciais de choro, de forma mais amena. Não é o gemido como encontrado até esse episódio. A mãe não dá nenhuma resposta concreta para os gemidos da filha. Quando termina de trocar a fralda, a mãe continua conversando com a pesquisadora. Em um determinado momento, a mãe toca a perna da filha, ficando com a mão na perna dela, aparentemente porque Marina está “reclamando” através dos gemidos vocalizados. Então, ela diz que vai enrolar um pouco Marina, porque tem algumas coisas para fazer. Coloca a filha no carrinho, em frente à TV. Lá, o bebê permanece a maior parte do tempo deste recorte (15 minutos). Marina mexe as mãos, enrolando uma na outra e esfregando a fralda no rosto. Levanta o tronco, a cabeça, choraminga, para. Fica nesse

ciclo de olhar e focar na TV e fazer gemidos e expressões faciais de incômodo, permanecendo assim até o final do episódio.

Recorte 14 (7º mês / 6 meses e 13 dias):

Marina está na casa dos avós, pais de Júlia. Desde o início do recorte, Marina expressa gemidos e vocalizações, apresentando um pouco de incômodo. Ela se movimenta no carrinho, direcionando seu olhar e corpo na direção do avô, que está atrás dela. O avô se aproxima e conversa com a neta, falando para ela chamar a mamãe, porque quer sair do carrinho. O direcionamento tão claro dos movimentos é algo inédito. Ela também balbucia muito durante as vocalizações. Está no lugar a mãe, os avós e a pesquisadora conversando. Em alguns momentos, eles falam com ela. A mãe vê a inquietação de Marina e pergunta se ela está de coco? Ela pega a filha, que começa a sorrir. Quando Júlia está com Marina no colo, ela vocaliza e balbucia muito, conversando e olhando para todos. A pesquisadora demonstra que está assustada com a grande mudança apresentada no intervalo de duas semanas (Eu também faço as mesmas observações). Júlia leva a filha para o quarto e o celular toca. A mãe fica conversando com uma amiga enquanto vê se Marina está com a fralda suja. Ao ver que não está, continua conversando com a amiga, enquanto Marina fica deitada na cama se remexendo, emitindo gemidos e vocalizações, demonstrando certo incômodo. Inicialmente, foi difícil identificar que ela estava incomodada porque os recursos utilizados não são os mesmos. Ela está gemendo e vocalizando ao mesmo tempo. Mas o corpo se mostra muito inquieto. Ela fica assim até que a mãe desliga o telefone e fala que ela está com calor. Ela só chora quando a mãe coloca outra blusa nela, mas logo para. A mãe pega a filha, deixando-a em pé na cama e, depois, encostando-a no seu corpo, para fazê-la dormir, ainda conversando com a mãe e a pesquisadora.

Recorte 15 (8º mês / 7 meses):

Marina está no carrinho com um brinquedo de pelúcia, que toca música, em frente à televisão. Depois de ficar alguns minutos sozinha sem reclamar, Marina chora e, no mesmo instante, o pai fala com ela; a criança para de chorar e começa a expressar algumas vocalizações. O pai conversa com a filha, aproxima-se dela e a pega, permanecendo com ela todo o restante do episódio. Somente no final do recorte é que Marina expressa alguns gemidos, sem expressão facial de incômodo ou irritação. O pai diz que ela está com sono e se levanta para andar com ela, cantarolando uma música para dormir. Marina não dorme.

Recorte 16 (8º mês / 7 meses e 26 dias):

Marina está no carrinho, segurando e olhando um brinquedo que toca música (parece parte de um móvel). Ela permanece alguns minutos, aparentemente tranquila, com esse brinquedo, o que é novo nos recortes observados, porque sempre que ficava sozinha Marina apresentava expressões de incômodo, às vezes irritação. Porém, ela começa a demonstrar-se inquieta, mexendo o corpo, batendo o brinquedo no carrinho, gemendo, vocalizando e choramingando, mostrando-se irritada, sem expressão facial de irritação. A mãe, que está na cozinha e conversando com a pesquisadora, fala com a filha “Tá brava, Marina?”, e a pesquisadora comenta “Oh, bicha brava, né?!”. A mãe, então, aproxima-se, dando corda no brinquedo de Marina e depois a pega. Fica um tempo com ela no colo e depois a recoloca no carrinho, dando outro brinquedo e o controle remoto, com o qual Marina fica entretida até o final do recorte.

Recorte 17 (9º mês / 8 meses e 9 dias):

Marina está dentro do carrinho, em frente à televisão. No começo do recorte, ela emite um gemido e a pesquisadora pergunta o que ela quer, aproximando a câmera dela. Marina leva o corpo para frente, aparentemente para pegar a câmera. Ela permanece os próximos 15 minutos entretida com a chupeta e com outros brinquedos, até que ela começa a balbuciar e movimentar-se como se estivesse irritada, sem expressão facial de incômodo. A mãe pergunta da cozinha porque ela está brava. Quando a mãe fala com ela, Marina começa a expressar facialmente irritação, aumentando os gemidos vocalizados. A mãe se aproxima da filha para dar mingau e fala que ela está com calor, porque está cheio de coisas em cima dela (dentro do carrinho). Tira essas coisas enquanto Marina resmungo. Então, a mãe começa a dar o mingau para a filha, que se aquieta.

Recorte 18 (9º mês / 8 meses e 23 dias):

Marina está no andador enquanto sua mãe está na cozinha conversando com a pesquisadora. O celular toca e Júlia fica conversando alguns minutos com o marido. Marina fica no andador, às vezes, balançando o corpo, como se estivesse dançando, e olhando para a televisão, a mãe e a pesquisadora. A mãe vai em direção à filha, brincando com ela. A mãe começa a contar para a pesquisadora as peripécias que a filha fez na última semana, como quase tombar a cadeira em cima dela mesma. Marina, que antes já estava fazendo algumas vocalizações que expressavam certo incômodo, começa a gritar. Sua mãe diz que ela está irritada porque acordou muito cedo. Chama-a para andar, puxando uma cordinha de fitas que está amarrada ao andador. Ela sorri, fica olhando para a pesquisadora/câmera e tem a mão na boca. Marina

começa a gritar e vocalizar através de gemidos, locomovendo-se dentro da sala com o andador. Vai em direção ao corredor da casa, enquanto a mãe está na cozinha fazendo leite para ela. Marina começa a chorar. Júlia se aproxima com a mamadeira e a oferece para a filha. Marina movimentava o corpo para trás, como se não quisesse. Então, a mãe a pega e a leva para o sofá. Tenta dar a mamadeira novamente, mas Marina chora, virando o corpo e cabeça para o lado. Júlia dá o peito para a filha, que mama um pouco e para, levantando o corpo para sentar-se. A mãe senta Marina no colo, tira a blusa de frio e o sapato dela, perguntando o que ela quer, porque parece que não quer nada. Marina pega um sapatinho e deita. Mama um pouco, levanta-se, mama de novo e levanta, choraminga. A mãe oferece mamadeira novamente e a filha bebe um pouco. Logo larga e deita para mamar no peito, emitindo um gemido de incômodo, como se estivesse inquieta. Mas, continua mamando, fechando e abrindo os olhos, até adormecer.

Recorte 19 (10º mês / 9 meses e 9 dias):

Marina fica os primeiros dez minutos com a pesquisadora, a criança estando no andador. Neste tempo, ela grita e expressa alguns gemidos vocalizados, sem expressão facial de incômodo ou irritação. Porém, faz algumas expressões corporais que apresentam expressar certa irritação, como bater forte no andador, esfregar uma mão na outra e as duas mãos no rosto. Depois de um grito da filha, a mãe se aproxima da sala, chamando-a. Quando Marina vê a mãe, começa a choramingar. Júlia, então, pega a filha, vê que ela está com a fralda e pergunta o que ela tem, dizendo que deve estar com sono e que vai dar banho nela. Júlia leva Marina para o quarto e a coloca no chiqueirinho. Marina fica sentada balançando o corpo, depois fica em pé e começa a gritar, ao que a mãe responde de longe. Júlia volta, pega Marina e começa a prepará-la para o banho.

Recorte 20 (10º mês / 9 meses e 22 dias):

Marina está com o pai no sofá assistindo um DVD de músicas infantis. Ela acompanha as músicas com o pai, às vezes dançando e sorrindo, um pouco inquieta, mas sem demonstrar irritação ou incômodo (facial ou verbalmente). No entanto, após algum tempo entretendo a filha, ele diz que ela está irritada. Passados alguns minutos, ele repete novamente que a filha está irritada e confere se ela está com a fralda suja. Ela se esfrega no sofá, de barriga para baixo, emitindo alguns gemidos. O pai a puxa para perto de si, até que a mãe se aproxima da filha e a pega para trocar a sua roupa.

Recorte 21 (11º mês / 10 meses e 5 dias):

Marina está no andador, segurando um pacote de copo descartável. Ela anda pela casa, indo atrás da mãe e do pai, passando pela cozinha e corredor. Aos dez minutos do recorte, com o saco de copo descartável na mão, ela dá um gemido vocalizado e o joga no chão. A pesquisadora pega e devolve para ela, mas logo Marina solta o pacote novamente no chão. Depois, ela caminha até a mesa, apoiando as duas mãos no vidro. O pai, que está ao lado, fala que não pode e tira as mãozinhas dela. Ela olha para ele, emite um gemido e levanta as mãos, começando a choramingar e depois a chorar. Ele fala que ela quer é sair do andador e pega a filha no colo. Estando no colo do pai, ela emite um gemido esganiçado, olhando para a mesa. Ele a leva até a mesa e ela inclina o corpo para frente, como se quisesse pegar algo. Ele dá o sapatinho, mas diz que está sujo e o coloca de novo na mesa. Ela inclina o corpo novamente, mas ele sai com ela. Marina geme como se estivesse reclamando, mas não tem nenhuma outra expressão de desagrado.

Recorte 22 (11º mês / 10 meses e 24 dias):

Marina está no chão engatinhando e gritando, sem expressão emocional de irritação ou incômodo. A mãe a pega para dar mamadeira (acho que uma vitamina). Ela, inicialmente, afasta a mamadeira de si, apontando o dedo e projetando o corpo, a cabeça e o olhar para fora. Júlia leva a filha para a sala, busca distrai-la com a TV e Marina começa a mamar a mamadeira. Por duas vezes, Marina levanta o corpo que estava encostado na mãe, afasta a mamadeira, olha para a mãe e se vira em direção ao quintal, apontando o dedo e gemendo quase uma vocalização, como se fosse falar. Na primeira vez, Júlia conversa com a filha, distraíndo-a e volta a dar a mamadeira. Na segunda vez, a mãe diz: “Então tá bom” e coloca a filha no chão, brincando com ela. A mãe fica um pouco com Marina, mas se afasta, indo para a cozinha. O bebê continua brincando e engatinhando na sala.

Recorte 23 (12º mês / 11 meses e 8 dias):

Durante todo o recorte, Júlia e Marina estão juntas brincando. Marina já está dando os primeiros passos, apoiada na mãe, e suas expressões emocionais de desprazer, neste episódio, giram em torno da irritação de querer fazer algo ou pegar alguma coisa. Júlia pega parte do móvel que toca música, enquanto Marina fica segurando o brinquedo, dançando e cantando. Quando a música acaba, a mãe tenta dar corda, mas Marina grita alto, olha com expressão de raiva para a mãe e afasta a mão dela do brinquedo. Essa situação se repete algumas outras vezes, tanto com esse brinquedo quanto em situações que a mãe fazia algo que ela não queria.

Recorte 24 (12º mês / 12 meses):

Marina está com pai em casa. Ele entra com a filha na cozinha, dá água para ela e ela aponta o dedo, aproximando o corpo do armário em que ficam os copos. Ele diz, “na na ni na não”, fazendo não com o dedo indicador. Ela dá um grito com expressão de irritação (raiva), virando o rosto e o corpo no ombro do pai. Ele começa a rir e a brincar com ela, dando a chupeta. Após alguns minutos, a mãe chega em casa, mas não pode pegar a filha porque acabou de fazer as unhas. Marina, ainda no colo do pai, aponta o dedo para a mãe, olhando para ela e movimentando o corpo para frente, como se quisesse ir para o colo da mãe. O pai percebe o movimento da filha, ajeita-a no colo e lhe dá um beijo. Marina emite um gemido, afasta o pai, junta as mãos e choraminga, olhando para o pai, que fala com voz de dó “Não... A mamãe não pode pegar você”. Ele e a Júlia riem. Marina continua apontando para a mãe e começa a gritar, até chorar um pouco. O pai tenta distrai-la e Júlia vai preparar um mingau para a filha, que continua apontando para o lado da mãe e dando gritinhos, choramingando. A mãe vai para a sala e o pai leva a filha. Os dois brincam com ela e cantam a música que está tocando no DVD. O pai a coloca no carrinho, em frente à televisão, e Júlia começa a dar o mingau para a filha. Esta se acalma, mas continua olhando para a mãe. Depois, aponta o dedo para a TV, enquanto a mãe conversa com seu cunhado. A casa está em clima de festa porque o aniversário de um ano de Marina será no próximo dia.

4.2 Mapeamento das expressões emocionais de desprazer do bebê e ações dos parceiros de interação

A apresentação dos resultados do mapeamento foi dividida em duas partes: 1º) expressões emocionais de Marina ao longo do primeiro ano de vida; 2º) expressões emocionais e ações direcionadas ao bebê pelos parceiros de interação.

Para nortear a análise conduzida e melhor orientação do leitor, estruturou-se a tabela 6, na qual estão indicados os quatro trimestres (nos quais foi dividido o primeiro ano de vida), os meses e idade exata do bebê, os recortes de gravação, e as pessoas que interagiram com Marina em cada gravação específica. Da mesma forma, todos os gráficos do mapeamento terão essas informações, com exceção da idade do bebê e especificação dos parceiros de interação. Nos gráficos, os números cardinais (1 a 24) correspondem aos recortes de gravação; os números ordinais (1º a 12º) referem-se ao mês de vida do bebê; e, finalmente, os trimestres, que já estão identificados.

Tabela 6 – Informações gerais sobre o mapeamento das expressões emocionais

TRIMESTRE	MÊS	RECORTE DE GRAVAÇÃO	IDADE DO BEBÊ	PARCEIRO(S) DE INTERAÇÃO
1º	1º	1	0;6	Mãe
		2	0;20	Mãe
	2º	3	1;3	Mãe
		4	1;20	Mãe
	3º	5	2;2	Mãe
		6	2;21	Mãe
2º	4º	7	3;6	Avó materna, pesquisadora
		8	3;19	Avó materna, pesquisadora
	5º	9	4;2	Mãe, avó materna
		10	4;18	Mãe, pesquisadora
	6º	11	5;3	Mãe
		12	5;17	Mãe, avó materna
3º	7º	13	6;0	Mãe
		14	6;13	Mãe, avó materna
	8º	15	7;0	Pai
		16	7;26	Mãe
	9º	17	8;9	Mãe, pesquisadora
		18	8;23	Mãe, avó materna
4º	10º	19	9;9	Mãe, pesquisadora
		20	9;22	Mãe, pai, avó materna
	11º	21	10;5	Pai, pesquisadora
		22	10;24	Mãe
	12º	23	11;8	Mãe
		24	12;0	Mãe, pai

4.2.1 Expressões emocionais de Marina ao longo do primeiro ano de vida

Como já foi mencionado, através do mapeamento realizado, construiu-se uma ampla variedade de dados, que combinados entre eles apresentam um panorama geral das manifestações da emoção e suas modificações ao longo do primeiro ano de vida. Dada sua complexidade, apenas de maneira didática, esses dados serão apresentados inicialmente de forma separada, destacando as expressões emocionais faciais, vocais e corporais. Em seguida, todas serão tratadas de forma integrada.

O gráfico 11 mostra qual e quanto cada tipo de expressão foi sendo realizada durante o primeiro ano de vida, evidenciando aquelas que tiveram mais ou menos destaque.

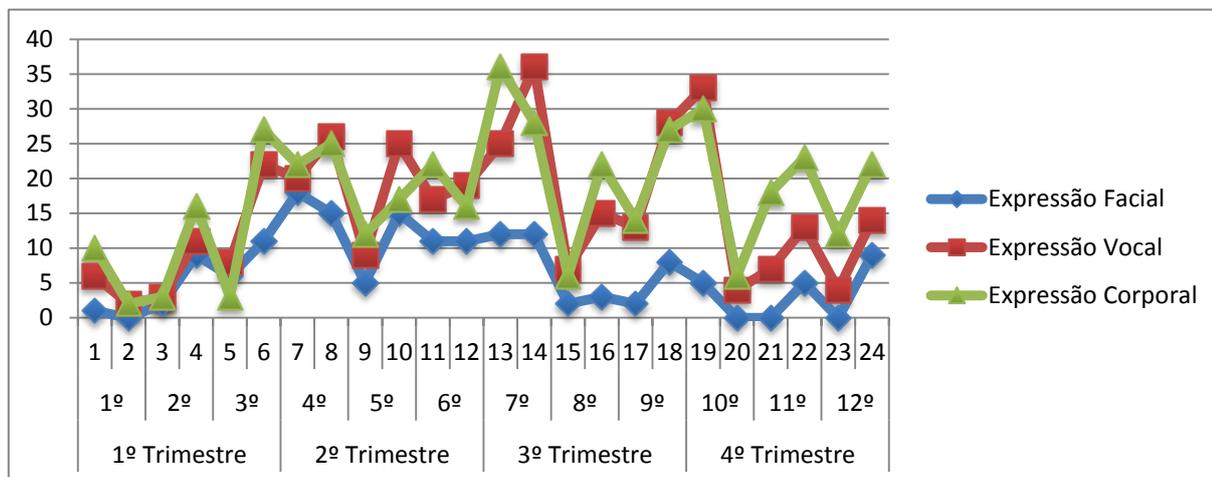


Gráfico 11: Expressões emocionais do bebê ao longo do primeiro ano de vida

No primeiro e segundo meses de vida, todas as expressões apresentam valores aproximados de manifestação. Porém, a partir do terceiro mês, observa-se que a expressão facial apresenta frequências bem mais baixas do que as outras expressões (corporais e vocais). Há, nesse sentido, certa desconexão entre as demais formas de manifestação expressiva da facial (claramente visível entre o sétimo e décimo meses). Isso levanta uma questão intrigante, já que os resultados aqui apresentados se contrapõem aos da literatura em geral, que coloca como central as expressões faciais nos estudos empíricos sobre a emoção de bebês. Ainda, tratam pouco ou nada das manifestações vocais e corporais. Esse resultado aqui verificado seria uma especificidade do presente estudo de caso? Ou a literatura teria um viés no sentido de focar a emoção particularmente através da mímica facial?

Em relação ao presente caso, o gráfico 12 trata especificamente da expressão emocional **facial** de desprazer. Nele, visualizam-se as expressões faciais que Marina apresentou durante o primeiro ano, sendo possível identificar que, no primeiro semestre de vida, as expressões mais utilizadas pelo bebê são o incômodo, o choro e a irritação; e, no segundo semestre, surgem outras formas de manifestar facial ou mimicamente sua inquietude ou desprazer, através do choramingo e da expressão de raiva. Ressalta-se a diminuição drástica das manifestações faciais a partir do sétimo mês, sendo numericamente relevante somente em algumas gravações específicas (recortes 18, 22 e 24).

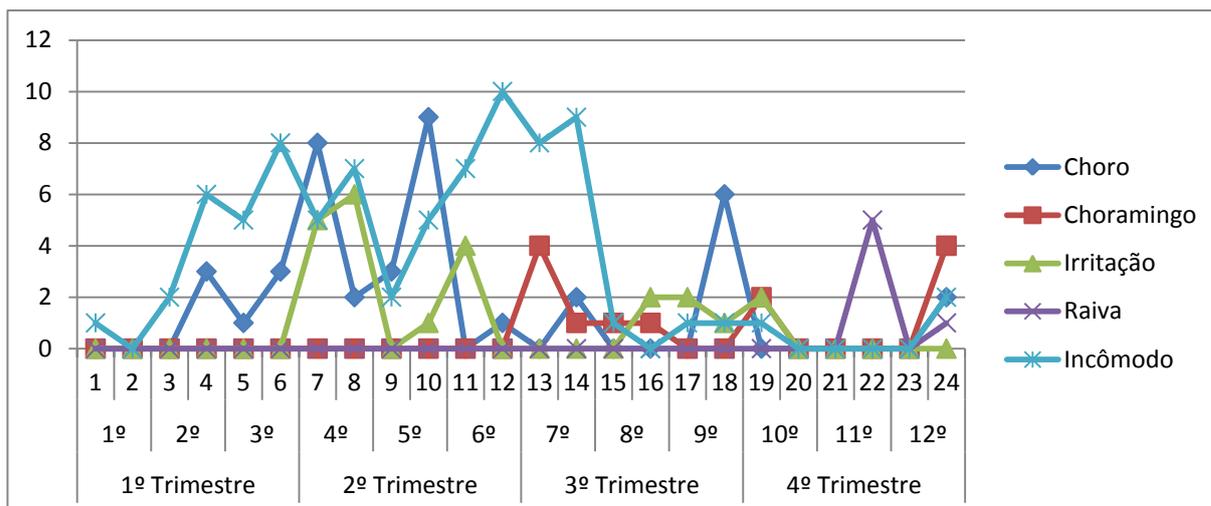


Gráfico 12: Expressão facial do bebê ao longo do primeiro ano de vida

Com o intuito de verificar o sentido comunicativo e relacional da expressividade do bebê, no gráfico 13, especificou-se o direcionamento do olhar do bebê para os diferentes parceiros de relação, além de objetos, televisão e ambiente em geral. O olhar, como uma categoria, ajuda a integrar a análise do conjunto das expressões emocionais, uma vez que essas, ao longo do tempo, vão sendo direcionadas a alguém, o que passa a ser uma informação relevante no momento de analisar as expressões como recurso comunicativo (Wallon, 1934/1971), pois se “trata do olhar que vai além da visão, atingindo a esfera relacional” (Santos & Amorim, 2012).

Importante lembrar que os diferentes parceiros não estiveram presentes em todas as gravações. Como pode ser visualizado na tabela 6, o pai, por exemplo, esteve em interação com o bebê somente nos recortes de gravação 15, 20, 21 e 24. A mãe esteve presente em 83% das gravações e é em função disso, e não necessariamente em função de uma ligação de apego (Bowlby, 1969), que o olhar da criança se dirige mais à mãe. Outra questão importante é a verificação de que a criança dirige muito o olhar a objetos, principalmente no segundo semestre de vida, o que será discutido mais adiante. O gráfico 14, portanto, condensa o direcionamento do bebê a todos as pessoas (mãe, avó, pai e pesquisadora) numa única linha, ajudando a visualizar com maior clareza esse direcionamento para além das pessoas.

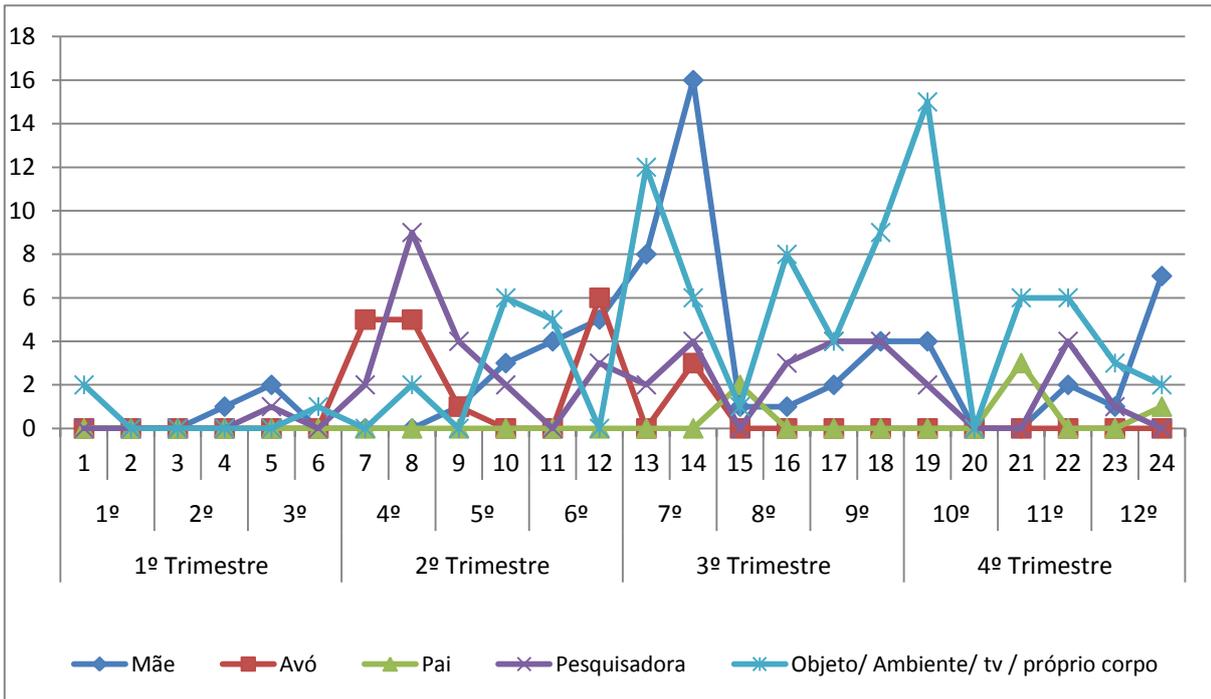


Gráfico 13: Direcionamento do olhar do bebê ao longo do primeiro ano de vida.

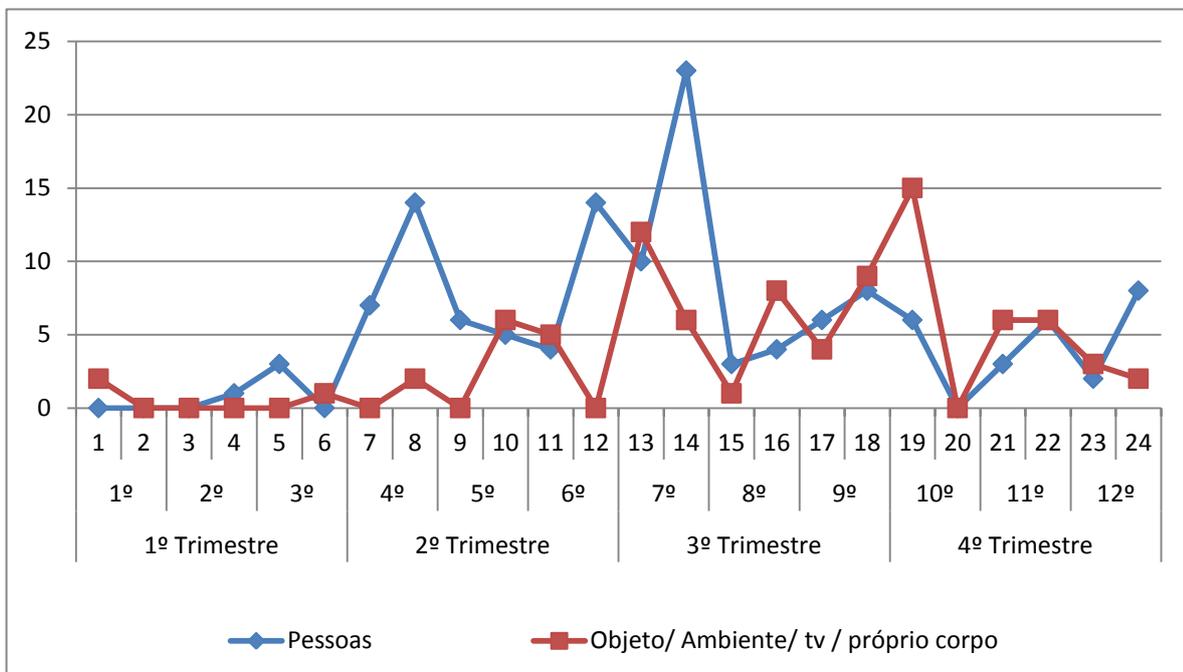


Gráfico 14: Direcionamento do olhar do bebê ao longo do primeiro ano de vida para pessoas e objetos.

A partir dos gráficos, verifica-se que, no primeiro trimestre, o olhar ainda é pouco direcionado. Porém, a partir do segundo trimestre, pode-se observar o aumento deste direcionamento para os parceiros de relação e também para o ambiente em que se encontra. Do quarto ao sétimo meses, Marina tem o olhar voltado especialmente para as pessoas, mas já apresenta indícios de estar atenta ao ambiente e aos objetos. Após o oitavo mês, observa-se que o seu olhar está bastante direcionado para o ambiente.

Esse direcionamento do olhar parece estar totalmente relacionado com a focalização da atenção, a postura corporal, a movimentação da cabeça e o contexto do bebê. A partir do oitavo mês, Marina é capaz de permanecer mais tempo sozinha, longe dos seus parceiros de interação. Ainda, pelo seu contexto, parece se distrair mais com objetos e a televisão, conseguindo manter a atenção para objetos por um tempo maior, sendo particularmente estimulada nesse sentido pelos familiares. Assim, alguns questionamentos se fazem presentes: ela tem o olhar mais direcionado para objetos e ambiente por não estar diretamente em contato com as pessoas? E/ou pelo processo de mediação dos adultos (Vygotsky, 1991) que passam a promover nela tais competências e interesses?

A seguir, discriminam-se as expressões vocais, que foram divididas em dois gráficos, destacando cada um dos dois semestres. No gráfico 15, observa-se as expressões vocais manifestadas pelo bebê durante o primeiro semestre de vida (0 a 6 meses).

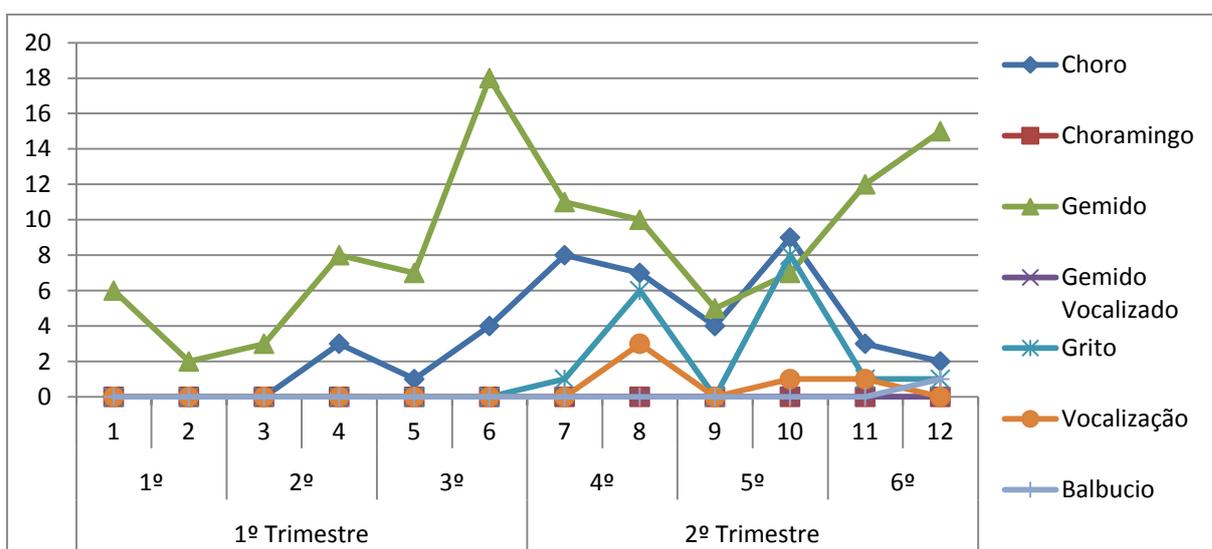


Gráfico 15: Expressões vocais do bebê no primeiro semestre de vida

Nesse período, o gemido é a expressão vocal com maior destaque, sendo utilizado por Marina em todos os vídeos analisados; o choro também é muito manifestado, mas, como será

discutido na análise, geralmente é o último recurso utilizado pelo bebê numa situação de incômodo. Antecedendo ao choro, o gemido expressa a inquietude ou irritação.

No gráfico 16, verificam-se outros aspectos e mesmo mudanças nas formas de expressões vocais de Marina a partir do sexto mês de vida.

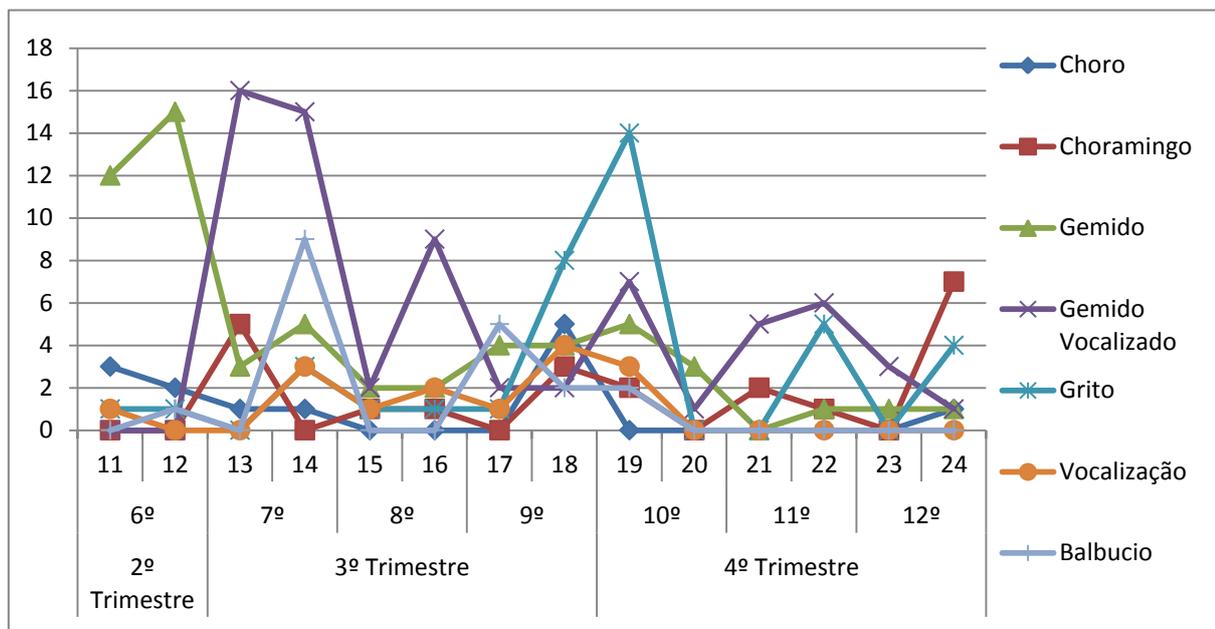


Gráfico 16: Expressões vocais do bebê durante o segundo semestre de vida

Desde o quarto mês, vinha-se observando a manifestação do grito e da vocalização durante as expressões de desprazer (gráfico 15). No entanto, a partir do sétimo mês, aparece o gemido vocalizado, que é uma espécie de reclamação, que surgiu da junção do gemido e da vocalização; há ainda o choramigo, que é um chorinho realizado pelo bebê, como se fosse uma caricatura do choro ou um choro forçado.

Observou-se que as expressões vocais se juntaram e modificaram, criando novas formas de manifestação, como: choro + gemido = choramigo; gemido + vocalização = gemido vocalizado. O bebê inaugura novas formas de expressar vocalmente o desprazer, com jeitos mais refinados e contextualizados, como será discutido na análise; também, intensifica outras formas, como o grito, que se mostra mais manifesto no segundo semestre de vida.

No gráfico 15, ainda, é possível visualizar que as expressões vocais são mais claras e definidas. Já no gráfico 16, do segundo semestre, as expressões não atingem níveis tão altos de frequência, mas sua maior riqueza é a combinação que aparece entre as manifestações vocais, mostrando que houve diferenciação e complexificação desses recursos.

Da mesma forma aconteceu com as expressões corporais: durante o primeiro semestre apareceram mais claras e definidas (gráfico 17) e se diferenciaram no segundo semestre de vida (gráfico 18). Para a análise, separou-se o movimento corporal em dois tipos: movimentos de cabeça e movimentos do corpo. Apesar disso, buscou-se visualizá-los graficamente juntos devido à articulação íntima entre os dois movimentos. Como pode ser observado no gráfico 17, Marina apresentou movimentos desordenados de cabeça e corpo somente nos dois primeiros meses de vida. Após esse período, ela começou a apresentar movimentos ordenados de cabeça e corpo, além de movimento direcionado a alguém ou alguma coisa.

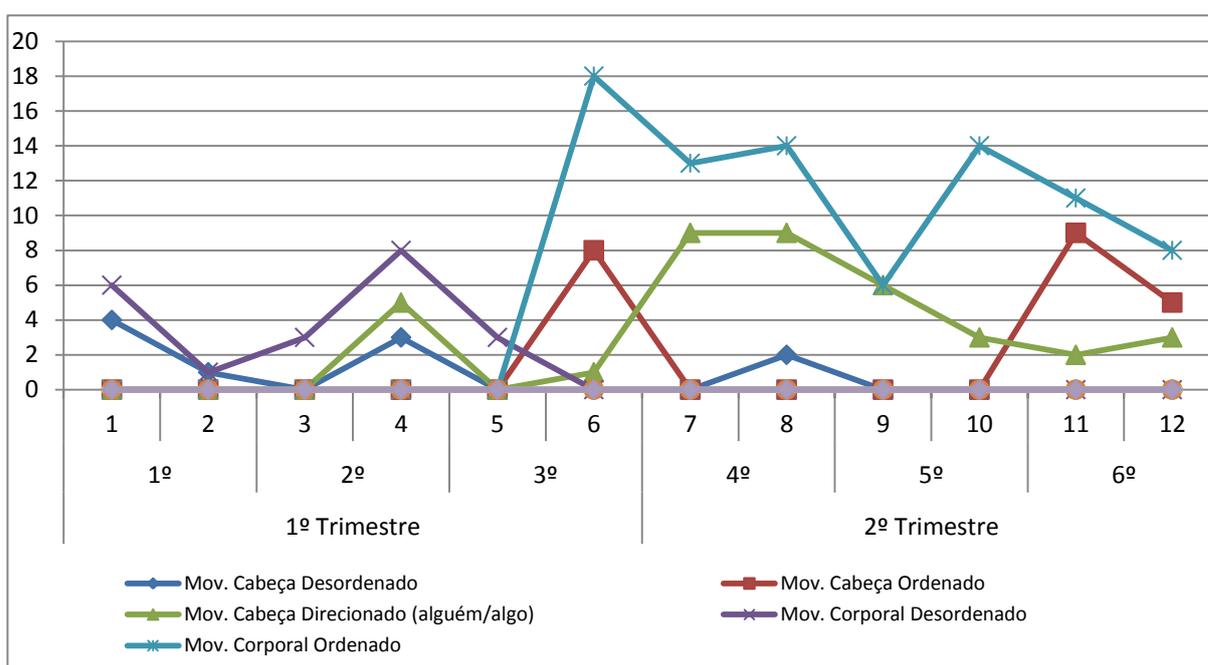


Gráfico 17: Expressão corporal do bebê durante o primeiro semestre de vida.

Importante verificar que as diferentes manifestações não seguem uma perspectiva linear, e apesar de apresentarem diferenciações, estas têm idas e vindas, passam por avanços e retrocessos, ocorrendo em um mesmo período diferentes formas de manifestações – movimentos desordenados, ordenados e direcionados.

A análise do segundo semestre de vida (gráfico 18), indica que ocorre uma maior diferenciação nos movimentos corporais, inclusive com a/pela possibilidade de locomoção do bebê, com a inserção do andador. Para além dele, no entanto, observa-se a presença dos movimentos corporais de aproximação e afastamento de pessoas ou objetos, além das expressões de apontar, balançar, bater as mãos e dançar.

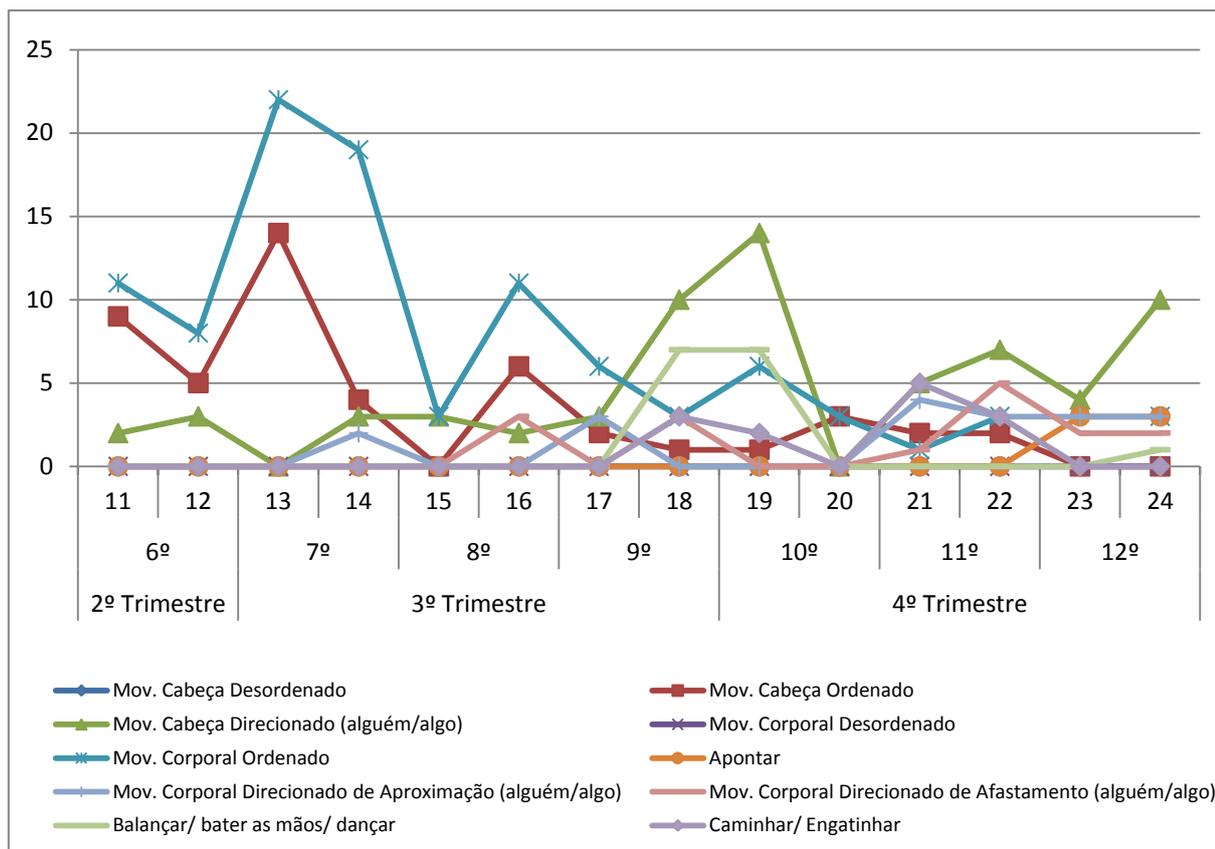


Gráfico 18: Expressões corporais do bebê durante o segundo semestre de vida.

Como aconteceu com as expressões vocais, houve uma diferenciação e complexificação nas manifestações corporais. Mesmo as frequências parecendo ser menores, verifica-se que o bebê se expressou corporal e vocalmente mais no segundo semestre do que no primeiro.

A discussão das expressões emocionais e suas transformações ao longo do primeiro ano de vida serão aprofundadas posteriormente, ao se conduzir a análise de cada trimestre.

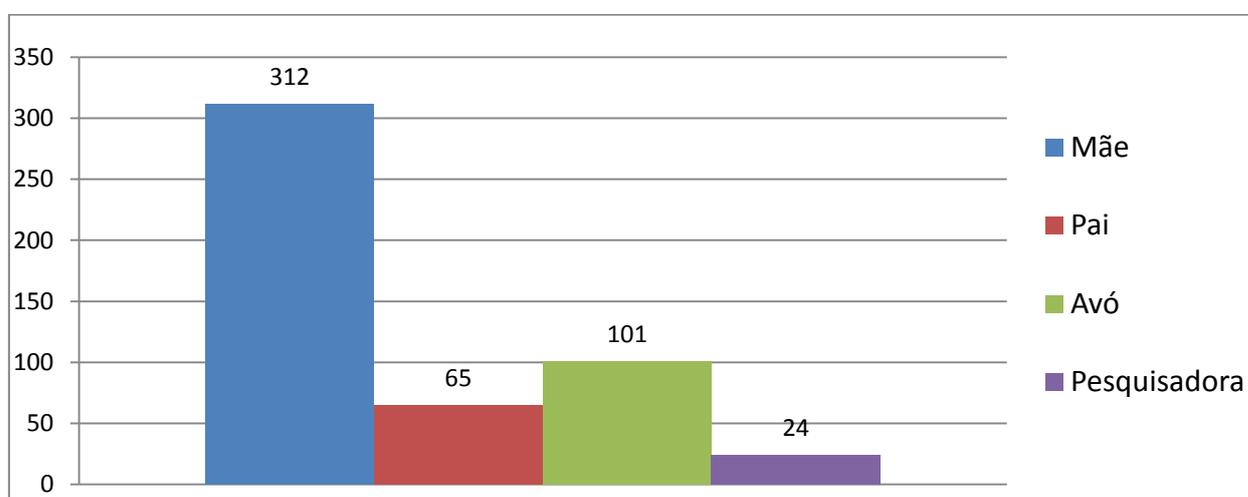
4.2.2 Expressões emocionais e ações direcionadas ao bebê pelos parceiros de interação

Durante o primeiro ano de vida, Marina conviveu com diversas pessoas que também participaram das gravações, as quais foram consideradas como parceiros de interação neste mapeamento. São elas: mãe, pai, avó materna e pesquisadora. Na tabela 7, é apresentada a quantidade de recortes que os diferentes parceiros interagiram com o bebê. Na tabela 6 (exibida no início desta sessão), também estão indicadas a participação dos parceiros em cada recorte específico.

Tabela 7: Número de recortes que cada parceiro interagiu com Marina

Parceiro de Interação	Quantidade de recortes que houve interação do parceiro com o bebê (nº total de recortes = 24)
Mãe	20
Avó materna	7
Pesquisadora	6
Pai	4

Dentre eles, a mãe é a que mais esteve com Marina durante as gravações e se relacionou com ela, como pode ser observado nas tabelas e no gráfico 19. Mesmo a mãe sendo a parceira mais frequente, decidiu-se manter os diversos parceiros na análise do mapeamento por dois motivos: 1º) porque houve gravações em que Marina esteve somente com a avó ou o pai, sem a presença da mãe, e foram episódios relevantes em termos da expressão emocional do bebê; e, 2º) porque nos momentos que Marina estava com parceiros de interação diferentes da mãe, outras formas de se relacionar com ela e responder às suas expressões emocionais foram construídas, o que pareceu importante de ser considerado neste estudo de caso. Restringir a análise somente à mãe, diminuiria a possibilidade de discutir a diferença da emergência das expressões emocionais de acordo com cada parceiro de interação. Além disso, considerando que o estudo refere-se a apenas um bebê, ter outros parceiros colabora para uma análise que extrapole um único tipo de vínculo e relação. Sendo assim, a possibilidade de observar diversas pessoas em interação com o bebê enriquece o trabalho pela diversidade de parceiros e particularidade de cada um deles.

**Gráfico 19:** Expressões emocionais e ações direcionadas ao bebê por parceiro de interação.

No entanto, a distinção entre eles será mais discutida na análise por trimestre, na qual serão destacados os aspectos qualitativos das diferenças observadas na relação estabelecida por cada parceiro. Isso ajudará, inclusive, a compreender melhor os gráficos das expressões emocionais do bebê, que se modificam pela presença/ausência de determinados parceiros de interação. Nesta parte, a maioria dos gráficos irão apresentar os resultados gerais dos parceiros, levando em consideração todos eles, sem diferenciação.

O gráfico 20 apresenta as expressões emocionais manifestadas pelos parceiros e as ações deles ao longo do primeiro ano de vida. Observa-se que a expressão vocal é a mais manifestada, acompanhada das diversas ações direcionadas ao bebê, que serão detalhadas adiante. Pode-se questionar a que se deve tão baixa frequência da expressão facial, que é pouco manifesta durante todo o período. Neste ponto, devem-se considerar diversas questões, como: o fato de a mãe estar, muitas vezes, longe da filha, tendo a fala como principal recurso de comunicação; o recorte no momento da gravação que, em alguns vídeos, focalizou o bebê, não sendo possível visualizar a face do parceiro; e, ainda, o refinamento das expressões faciais do adulto (Ekman, 2011), tornando difícil a categorização das mesmas, como as expressões de ternura ou atenção. Sendo assim, a frequência da expressão facial ser muito baixa não significa que os parceiros tenham se mostrado impassíveis ou sem manifestação facial no contato com o bebê, mas que existiram diversos fatores que dificultaram a observação minuciosa e clara dessas expressões.

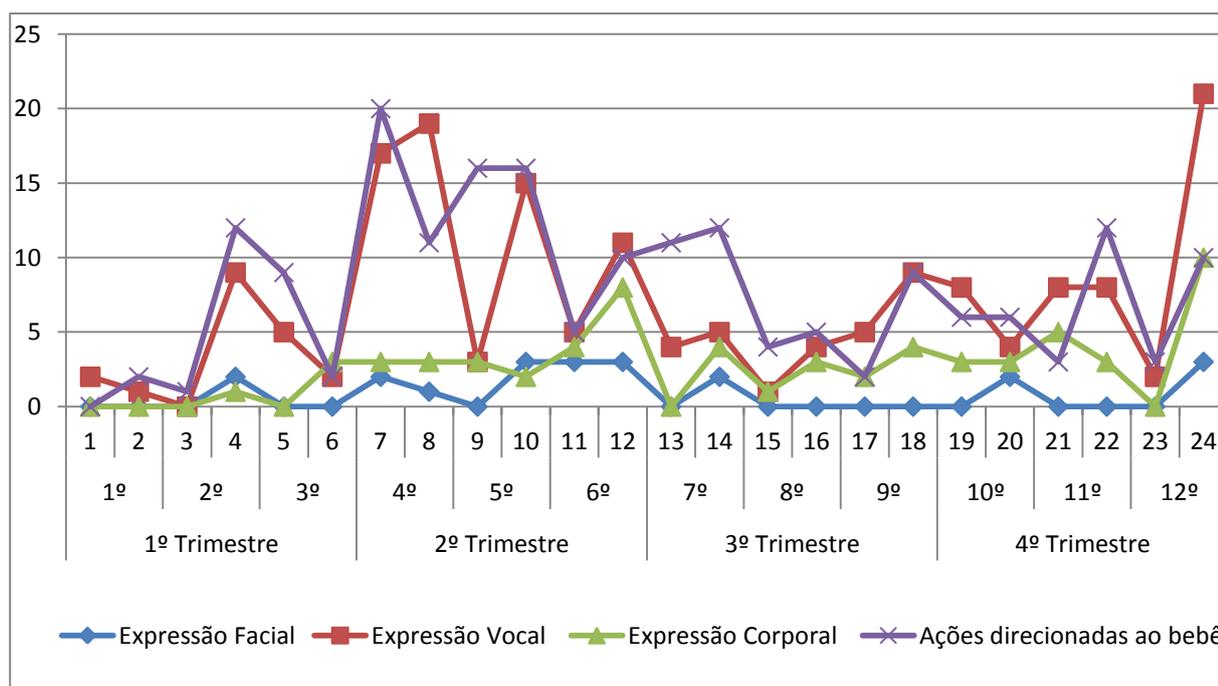


Gráfico 20: Expressões emocionais dos parceiros de interação e suas ações direcionadas ao bebê

No gráfico 21, a seguir, observam-se as expressões faciais manifestadas pelos diversos parceiros de interação, sendo o sorriso a mais apresentada. Apareceram, ainda, as expressões de atenção/surpresa e seriedade; ressalta-se também que os parceiros estiveram, em diversos momentos, com uma expressão facial neutra.

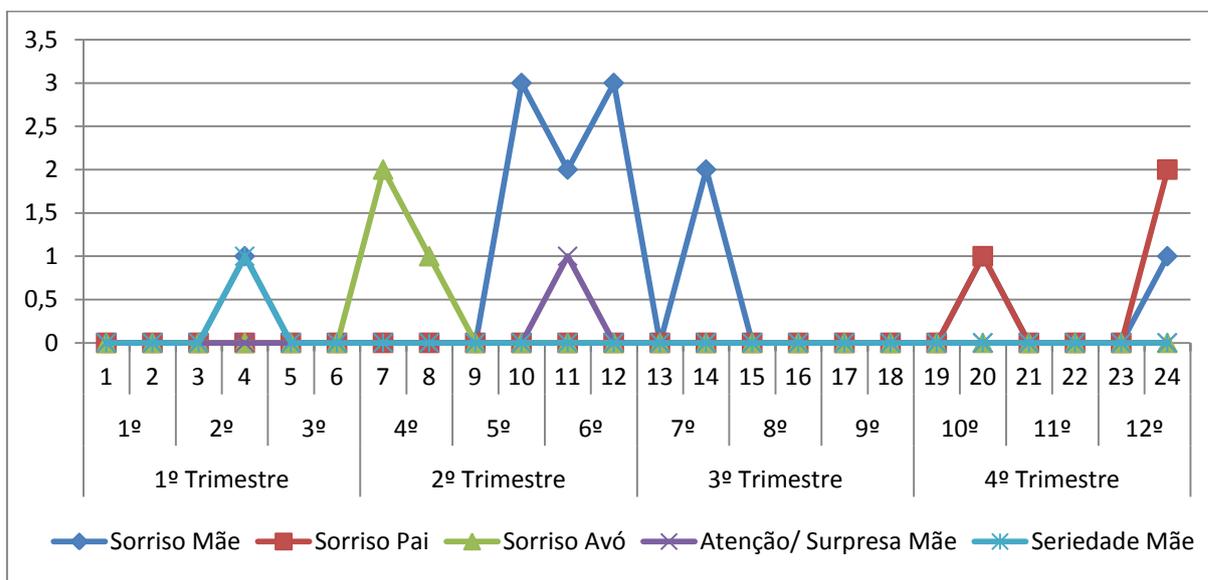


Gráfico 21: Expressão facial dos parceiros de interação do bebê

Ainda assim, é relevante o dado de os parceiros utilizarem a fala como principal recurso comunicativo na relação com um bebê que está expressando incômodo ou irritação. As expressões vocais foram divididas em duas subcategorias: falar e vocalizar. No gráfico 22, observamos que a fala foi muito utilizada como recurso comunicativo em todo o primeiro ano de vida; e, no gráfico 23, identificamos o uso dessa expressão pelos diferentes parceiros.

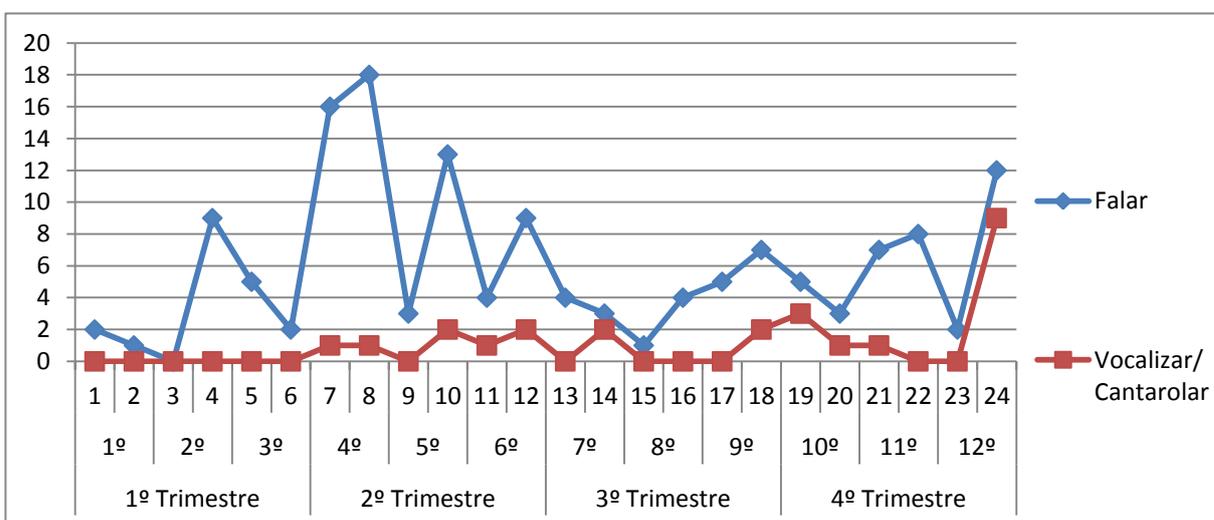


Gráfico 22: Expressões vocais dos parceiros de interação ao longo do primeiro ano de vida.

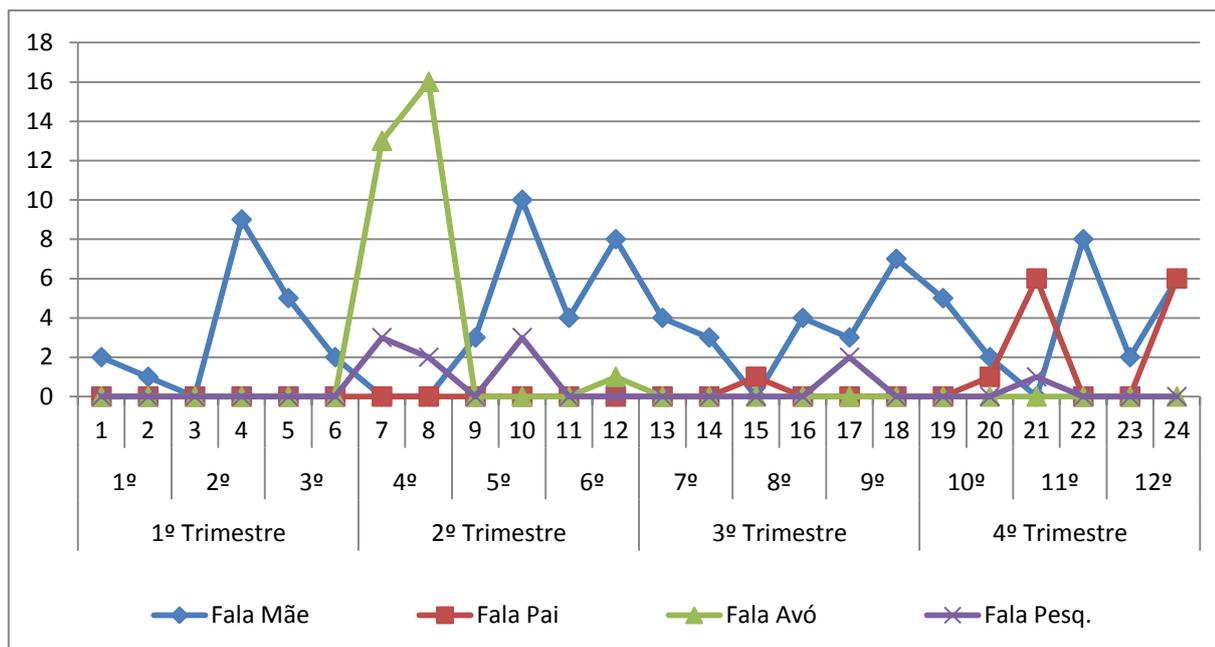


Gráfico 23: Fala dirigida ao bebê pelos diferentes parceiros de interação.

A responsividade materna é muito discutida entre os teóricos do desenvolvimento de bebês e em diversos estudos, inclusive transculturais. Esses indicam que a forma como as pessoas respondem aos bebês tem sinais evolutivos, principalmente nas respostas intuitivas das mães, que demoram menos de um segundo para responder aos sinais do filho (Keller et al., 2010). Mas esses trabalhos mostram, principalmente, a importância das práticas culturais nos modos dos adultos se comunicarem com os pequenos, indicando significativas variações culturais.

Keller (1998) e Keller, Kärtner & Yovsi (2010) apresentam estudos que evidenciam as diferenças encontradas entre contextos ocidentais e não ocidentais (também não urbanos), mostrando que as interações das crianças com seus cuidadores são permeadas por condições e manifestações afetivas muito distintas. No contexto ocidental, os pais respondem aos bebês mais verbal e visualmente, além dos bebês ficarem mais distantes dos cuidadores, permanecem em carrinhos ou berços, sem muito contato corporal. Por outro lado, nos contextos não ocidentais, respondem predominantemente de forma física (toque, cheiro, posição) aos bebês, uma vez que o contato corporal é praticamente constante.

Rogoff et al. (1990), nessa mesma linha transcultural, discute exatamente o que pode ser verificado nesse estudo, indicando que as diferentes formas de comunicação mãe-bebê possibilitam a emergência de determinadas expressões dos pequenos. As crianças que são separadas dos seus cuidadores, ficando mais distantes deles, necessitam usar uma forma de comunicação coerente com essa distância, como as vocalizações (choro, gemido). Enquanto

que crianças que ficam constantemente na presença dos adultos, utilizam mais comunicações não verbais, como o olhar e as expressões faciais.

Além disso, essas práticas culturais delimitam até mesmo o olhar do pesquisador, que pode estar mais direcionado para a comunicação verbal, alterações posturais, olhares ou toques, de acordo com o viés cultural do seu estudo (Rogoff et al., 1990).

A mãe, como principal parceira de relação do bebê, utiliza muito a fala para responder às expressões de desprazer da filha, mas também tem outras formas de se comunicar com o bebê, no sentido de atendê-lo em suas demandas. No gráfico 24, que especifica as expressões e ações da mãe, observamos que mais se destacam as expressões vocais e as ações direcionadas ao bebê, seguidas pelo olhar e pelas expressões corporais; e, por fim, as expressões faciais, com as menores frequências.

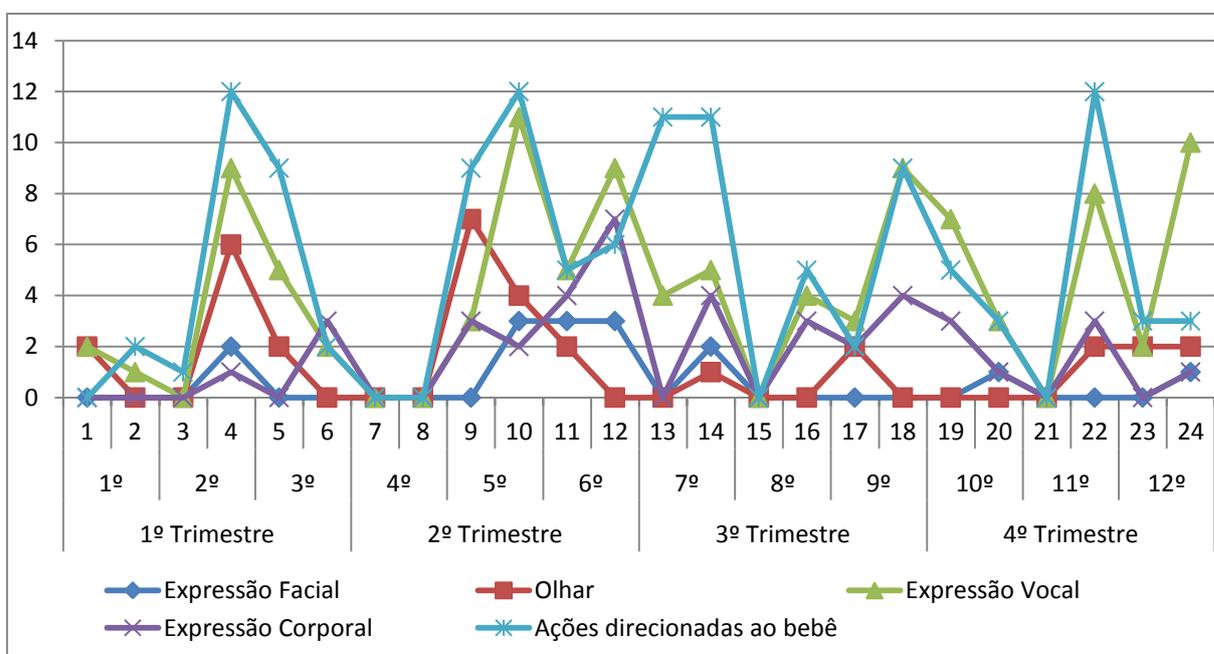


Gráfico 24: Expressões emocionais da mãe e suas ações direcionadas ao bebê ao longo do primeiro ano de vida.

As expressões corporais dos parceiros dividem-se em três tipos: movimento de cabeça em direção ao bebê, aproximação e afastamento. No gráfico 25, é possível observar que os movimentos de aproximação são mais frequentes do que os de afastamento; e que o direcionamento da cabeça para o bebê atinge frequências maiores, mas acontece em menos recortes. Todos esses movimentos precisam ser analisados juntamente com as outras expressões, como o olhar, além da situação e contexto. O movimento de cabeça, por exemplo, muitas vezes não acontece porque o parceiro já está direcionado para o bebê. É a mesma

situação que explica a ausência de movimentos corporais dos parceiros no primeiro trimestre de vida, pois são gravações em que a mãe permanece por mais tempo próxima ao bebê; ou, ainda, são episódios em que Marina está dormindo e não solicita a presença do outro.

As ações direcionadas ao bebê foram divididas em várias subcategorias, que foram surgindo, inclusive, no decorrer da análise dos vídeos. No gráfico 26 pode-se visualizar sua diversidade e frequência, observando-se que as mais utilizadas pelos parceiros de interação foram brincar ou tentar distrair o bebê e o toque carinhoso.

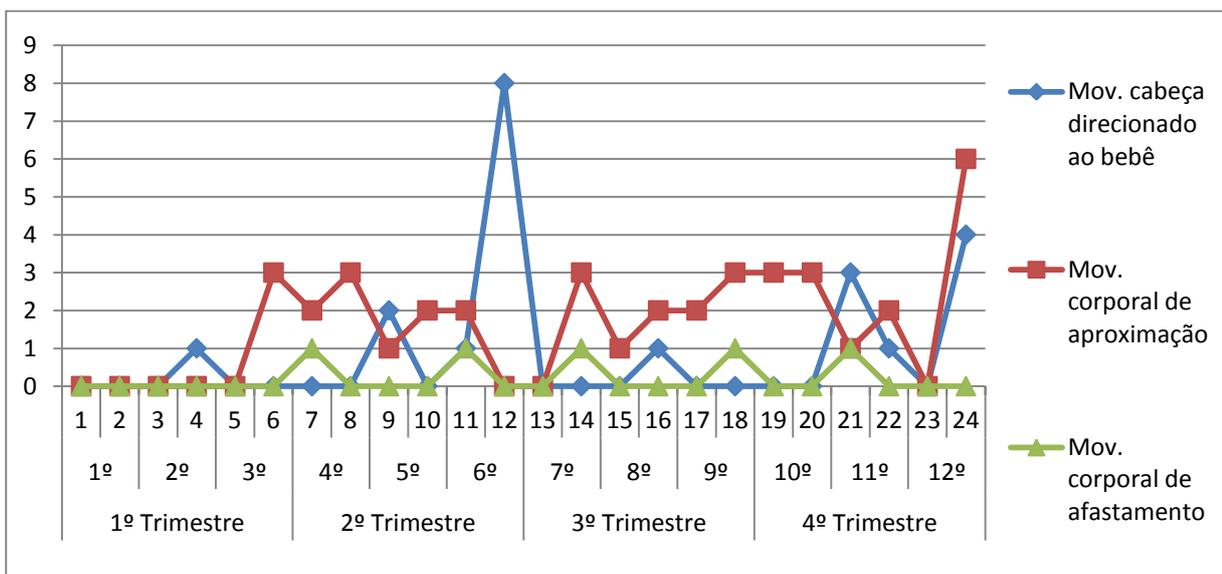


Gráfico 25: Movimentos corporais dos parceiros de interação do bebê ao longo do primeiro ano de vida.

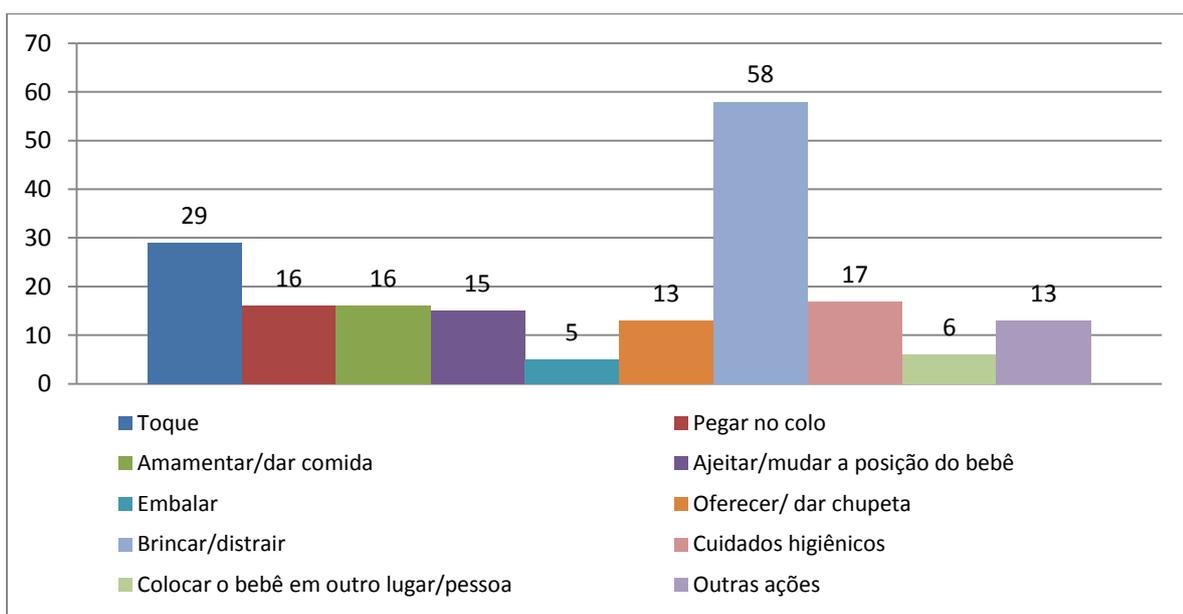


Gráfico 26: Frequência das ações direcionadas ao bebê pelos parceiros de interação durante o primeiro ano de vida.

Verificam-se as diversas ações que foram realizadas pelos parceiros, preferencialmente pela mãe, durante o primeiro ano. Estas serão mais detalhadas na análise dos trimestres, pois foram se modificando ao longo do tempo de acordo com a idade e as demandas do bebê, e pela relação que os parceiros foram construindo.

4.3 Análise do processo de transformação das expressões emocionais de desprazer do bebê e as ações dos parceiros de interação ao longo do primeiro ano de vida

Ao observar as informações que resultaram do mapeamento realizado, percebeu-se que o primeiro ano de vida poderia ser dividido em trimestres pela densidade das mudanças ocorridas ao longo deste período e que demarcaram alguns saltos nas formas específicas do bebê manifestar seu desprazer, que coincidem com a divisão em trimestres. Assim, a cada três meses, foi possível identificar transformações importantes na manifestação das expressões emocionais do bebê, conduzindo para uma apresentação mais didática desta análise. No entanto, apesar dessa discussão estar dividida em quatro trimestres, não se tem o intuito de criar etapas separadas entre si, mas mostrar a constante articulação entre os períodos e como um estava gestado/gestando (d)o outro.

Ao longo desta discussão serão apresentados os dados numéricos, construídos pela categorização, e também recortes dos relatos de vídeos, os quais foram exibidos na primeira sessão dos resultados. Essa forma de construção da análise visa articular as diversas fontes de informações (quantitativa e qualitativa); e, ainda, relacionar as manifestações emocionais do bebê às expressões e ações dos parceiros de interação, de forma que a discussão apresente a dinâmica e os processos de transformações imbricados e dialógicos ao longo do primeiro ano de vida (Rossetti-Ferreira & Amorim, 2008).

Além disso, selecionou-se, para cada trimestre, um episódio de interação que apresentasse algumas características próprias do período em questão. Baseando-se nas concepções de ciência e metodologia da perspectiva sócio-histórica, que diz respeito à investigação das relações e processos dos fenômenos estudados, compreende-se que não se têm buscado somente a quantificação de dados, mas uma compreensão aprofundada das questões relacionadas às expressões emocionais dos bebês. Dessa forma, as relações e os processos de cada elemento recortado da realidade são foco de investigação, considerando ainda que o pesquisador não retira os dados qualitativos da realidade, mas os constrói juntamente com o fenômeno estudado, dialogicamente. Isso significa, além de explicitar e

analisar as situações, buscando a desnaturalização do que se vê, realizar um mergulho na gênese do processo estudado, ou seja, compreender “os movimentos, transições, aquilo que propicia uma compreensão integral dos fenômenos, por contemplar as relações de constituição recíproca desses e da totalidade que os mesmos compõem, e também a gênese das mudanças de qualidade propiciadas por estas íntimas relações” (Zanella et al., 2007, p. 28).

Assim, os episódios devem apresentar as unidades de análise referente ao todo, mostrando a gênese dos processos de desenvolvimento (Góes, 2000). Portanto, mesmo que o objetivo não seja a realização exata de uma análise microgenética, busca-se, através do episódio, apresentar uma sequência clara de interação entre o bebê e o seu meio, de forma que se possa visualizar a emergência das expressões emocionais de desprazer do bebê, circunscrita ao contexto e às relações construídas com os parceiros (Pedrosa & Carvalho, 2005).

Uma informação relevante para o leitor é que existem duas fontes empíricas de informação para a análise a seguir: os episódios, que serão apresentados no início de cada trimestre; e os recortes de gravação (relatos de cada vídeo categorizado, apresentado no início da sessão dos resultados), que também serão discutidos no decorrer da análise. Buscou-se realizar uma análise cronológica das mudanças, discutindo os recortes de vídeo de forma sequencial, mas os episódios do segundo, terceiro e quarto trimestres não correspondem com os primeiros recortes de cada um desses períodos. Sendo assim, os episódios darão início à discussão de cada trimestre, mas durante a análise se retornará aos recortes iniciais de cada período, com o intuito, muitas vezes, de discutir a gênese de algumas expressões emergentes no trimestre em questão. Para esclarecer, a tabela 8 situa cronologicamente cada episódio que será apresentado.

Tabela 8: Posição cronológica dos episódios de interação

TRIMESTRE	MÊS	RECORTE DE GRAVAÇÃO	IDADE DO BEBÊ	EPISÓDIO
1°	1°	1	0;6	Episódio 1
		2	0;20	
	2°	3	1;3	
		4	1;20	
	3°	5	2;2	
		6	2;21	
2°	4°	7	3;6	Episódio 2
		8	3;19	
	5°	9	4;2	
		10	4;18	
	6°	11	5;3	
		12	5;17	
3°	7°	13	6;0	Episódio 3
		14	6;13	
	8°	15	7;0	
		16	7;26	
	9°	17	8;9	
		18	8;23	
4°	10°	19	9;9	Episódio 4
		20	9;22	
	11°	21	10;5	
		22	10;24	
	12°	23	11;8	
		24	12;0	

4.3.1 PRIMEIRO TRIMESTRE: Evidenciando a dimensão biologicamente cultural das expressões de desprazer do bebê.

1° Episódio: “Ah, o que você tem?”

Idade do bebê: 6 dias

Participam da cena: Marina (bebê), Júlia (mãe) e Luciana (pesquisadora)

Tempo: 49 segundos.

Descrição do episódio: Contextualizando o episódio, depois que a mãe deu banho e trocou a filha, ela colocou-a no carrinho. Lá, Marina permaneceu acordada por dez minutos enquanto a mãe e a avó faziam outras coisas (aparentemente na cozinha). Depois destes dez minutos, o bebê começou a expressar gemidos e movimentos desordenados do corpo, que durou cerca de um minuto, até chorar pela primeira vez. A mãe, que estava à distância, não fez nada para que a criança parasse de chorar, mas ela parou. A pesquisadora fala que ela está bocejando e a mãe fala que ela deve estar com sono. Depois de um minuto, Marina chorou mais forte e a mãe se aproxima para acalenta-la, virando-a de lado no carrinho e mudando o carrinho de posição na sala. Depois de oito minutos, a mãe leva o carrinho para a cozinha, onde ela está. Após mais dois minutos, Marina chora novamente. A mãe vai até o carrinho, arruma sua roupinha, deixando a mão do bebê livre, faz carinho na filha e fica dando batidinhas ritmadas com a mão em seu corpinho. Marina fecha os olhos, parecendo começar a dormir. A mãe para, Marina abre os olhos e se mexe; a mãe arrasta uma cadeira para perto do carrinho, senta-se ao lado e volta a dar as batidas ritmadas. Marina começa a chorar. A mãe conversa com ela dizendo “Ah, o que você tem?”. Ela chora mais um pouquinho e volta a fechar os olhinhos. Então, inicia-se o recorte específico. A mãe continua acalutando o bebê batendo a mão levemente em seu corpo. Marina emite um gemido, com expressão facial de incômodo, virando a cabeça para o lado direito, mas para de gemer e retorna a cabeça (Figura 9), enquanto a mãe está abanando a mão para espantar mosquitinhos. Marina continua gemendo, com expressão facial de incômodo, mexendo as mãos, os braços e a cabeça de forma desordenada, (Figura 10). A mãe olha atentamente para algo dentro do carrinho. Em seguida, Marina continua movimentando as mãos e os braços, e suas expressões de gemido e incômodo dão origem às manifestações vocais e faciais de choro, comprimindo os olhos, abrindo a boca, e chorando, um som alto e agudo. A mãe mexe na roupa da filha e fala “tá com dor de barriga?” Marina chora mais alto e forte (Figura 11). O choro diminui, mas o bebê continua gemendo e, por um instante, parece fazer bico. A expressão facial modifica-se, ficando menos tensa e contraída (Figura 12), mas logo Marina vira a cabeça para o lado direito novamente e emite um choro mais forte, com os olhos comprimidos e a boca aberta (Figura 13). No momento em que Marina emite este choro, virando a cabeça para a direita, a pesquisadora fala “aí, ela tá procurando! Mamá também agora não é possível né?!” A mãe responde “hum, hum, deve ser um pouquinho de cólica, olha lá”. Neste momento, Marina permanece quieta, com os olhos semifechados. (Figura 14).



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14

Wallon (1941/1986, 1934/1971) discute que as expressões do bebê são elementos que possibilitam a vinculação entre ele e os outros ao seu redor. No episódio apresentado, no qual Marina está com seis dias de nascida, observa-se o quanto as suas expressões exercem essa função relacional: de mostrar-se ao outro, mesmo que, no caso do bebê, não se reconheça exatamente o que ele esteja sentindo ao se expressar. Porém, no decorrer dos meses, isso vai se tornando cada vez mais claro e significado relacionalmente.

No primeiro mês, ocorrem algumas cenas de choro como a exibida acima, nas quais Marina comprime bem os olhos, abre a boca e as bochechas levantam, demonstrando uma expressão emocional “negativa”, mesmo que ainda não se possa dizer qual seja. Segundo Messinger (2002), essas contrações musculares, que estão presentes tanto no sorriso quanto no choro, mostram a intensidade da emoção à medida que a musculatura é mais ou menos contraída. No próprio episódio, podem-se observar momentos em que a contração muscular é maior, nos quais se tem a impressão de que Marina está mais irritada, por causa de dor, de fome ou por qualquer outra causa.

O motivo das manifestações emocionais se impõe de uma forma expressiva neste episódio. Por que Marina está chorando, contraindo-se e gemendo? Observa-se o questionamento da mãe e da pesquisadora quanto à fonte de reclamação do bebê. Será que é cólica? É dor? É fome? Mesmo que não se saiba exatamente os reais motivos, há algo importante neste questionamento: o contágio emocional que a expressão de Marina exerce sobre os que estão à sua volta, gerando o desejo de resolver o que se passa com o bebê. Segundo Wallon (1941/1986), é esta a natureza da emoção, o contágio, que provocará o outro, estabelecendo o primeiro canal de trocas psíquicas. Marina permaneceu sozinha por algum tempo antes de chorar, mas foram os seus gemidos e o seu choro que fizeram com que a mãe se aproximasse, acalentasse a filha e se sentasse ao lado dela.

Esse episódio apresenta um pouco da dinâmica do primeiro trimestre de vida, que, como pode ser visualizado na tabela 1, compreende as gravações realizadas dos seis dias de vida (0;6) aos dois meses e vinte e um dias (2;21). No início do trimestre, Marina utiliza como principais recursos de expressão emocional o gemido (expressão vocal), a expressão facial de incômodo, além de movimentos corporais desordenados para manifestar as sensações de desprazer.

Nesse período, verifica-se que as expressões faciais, vocais e corporais se combinam de forma íntima e articulada. No entanto, em todo o trimestre, observa-se a prevalência da expressão corporal, que se manifesta através de movimentos desordenados, em que o corpo se mexe de forma desorganizada, sem direcionamento, com movimentos bruscos de braços e pernas (gráfico 17). Essas manifestações corporais são acompanhadas pela expressão vocal,

principalmente o gemido, às vezes o choro (gráfico 15). A expressão facial é pouco manifestada no primeiro mês, começando a aumentar a partir do segundo mês, revelando principalmente as expressões de incômodo e choro (gráfico 12). O olhar é pouco utilizado, sendo ainda vago e não direcionado. Seu uso na relação com o parceiro começa a fazer parte do rol de expressões emocionais a partir do terceiro mês de vida, no segundo trimestre, como pode ser visualizado no gráfico 13.

Wallon (1934/1971) comenta a inaptidão inicial do recém-nascido, sendo ele incapaz de manter relações ativas com o meio físico. Para endossar essa afirmação, o autor descreve algumas inabilidades do bebê, como não conseguir fixar o olhar ou movimentar a cabeça com firmeza, além da falta de acuidade visual. Ainda, ressalta a importância do sono, por ser uma das grandes funções da vida do bebê, em torno da qual se organiza sua vida e atividade.

No entanto, por analisar o desenvolvimento de forma concreta, completa, biológica e cultural, o autor também reconhece que o bebê nasce com as condições biológicas necessárias para despertar no outro os cuidados dos quais ele precisa, devido ao seu alto grau de dependência; encontrando uma função muito específica para a emoção, que, inicialmente, é seu efeito de contágio, sendo esta a parte ativa do bebê na relação com o seu meio: “solicitar”, através das expressões emocionais, a ajuda do outro, mesmo que ainda não intencionalmente. É a partir desse processo que “qualquer simples associação fisiológica é acompanhada de outra que passa para o plano da expressão, da compreensão, das relações interpessoais, em que o efeito obtido torna cada vez mais intencional a manifestação emotiva” (Rodrigues, 2011).

Destaca-se neste primeiro trimestre o quanto as expressões corporais e vocais prevalecem sobre a expressão facial, conferindo ao corpo e à voz o papel de veículos centrais na expressão emocional do bebê. A análise das gravações indica, ainda, que essas expressões não acontecem todas ao mesmo tempo, mas vão sendo expressas numa determinada ordem até que todas sejam manifestadas de forma simultânea, uma sendo articulada e adicionada à outra. Aos seis dias de vida (recorte 1), por exemplo, num momento em que a mãe não se encontra por perto da criança, Marina vai intensificando aos poucos os sinais de indisposições internas. Ela começa pelas manifestações corporais (movimento desordenado de cabeça e corpo), depois adiciona as vocais (gemidos) e, finalmente, expressa o incômodo facialmente, até que Júlia (a mãe) se aproxima, mesmo sem o bebê ter chegado a chorar.

Observa-se, portanto, a centralidade das expressões corporais, como Wallon propôs em sua teoria. Para ele, e diferentemente dos teóricos de sua época, os movimentos corporais do bebê são, inicialmente, descargas motoras, desorganizadas e sem aparente propósito

específico, mas que, correspondendo a toda a atividade tônica do organismo, exerce a função social de conectá-lo ao mundo. Nesse caso, a função tônica relaciona-se com todas as percepções que o bebê está submetido após seu nascimento: sons, luzes, estímulos do próprio corpo (fome, dor, frio), toque, cheiros. Enfim, tudo se transforma nele mesmo e se manifesta através das expressões emocionais, principalmente as de desprazer, cuja função é comunicar desconforto ao outro.

Ainda, Wallon explicita em seus estudos a conexão descrita nestes dados empíricos, que é a relação entre as expressões corporais e vocais. Para ele, ao manifestar-se vocalmente, o bebê contrai as paredes das cavidades respiratórias sobre o ar expirado, podendo o choro, grito ou gemido, diminuir as sensações desagradáveis que possa estar sentindo, sem substituí-la por uma agradável, logicamente. Mas, sendo essas expressões vocais um fenômeno tão complexo da respiração, músculos e nervos, elas também se apresentam como uma expressão do corpo, tendo “a mesma motilidade plástica da qual são feitos o jogo das vísceras e o das atitudes” (Wallon, 1934/1971, p. 35).

Branco et al. (2006) afirmam que, inicialmente, não existe um controle voluntário do choro pelo bebê, sendo que as expressões vocais refletem vários estados psicofisiológicos, como fome, frio ou dor, sendo que o controle voluntário seria adquirido após o primeiro mês de vida. Mais uma vez, observa-se o elemento biológico, que se apresenta de uma forma mecânica, mas também é matéria prima para que, rapidamente, possam surgir variadas formas de expressão vocal pelo bebê, principalmente através da relação com o outro, na qual o bebê muito precocemente emite vocalizações simultâneas às da mãe, no mesmo tom (Papousek et al., 1984 citado por Bussab e Ribeiro, 1998).

Nos recortes 2 (0;20) e 3 (1;3), Marina apresenta expressões faciais, corporais e vocais de incômodo mesmo quando se encontra sonolenta ou dormindo, apesar de serem poucas as manifestações. Nestes primeiros dois meses, o estado de vigília do bebê é consideravelmente menor, estando ele muitas vezes dormindo ou mamando. “Quando não dorme, o recém-nascido mama, a menos que chore. Se não mama, não digere, e chora ao voltar a fome. Dessa forma, as funções de nutrição assumem no seu comportamento um lugar, pelo menos, igual ao do sono” (Wallon, 1934/1971, p. 30).

Kopp (1982) propôs um modelo ontogenético do desenvolvimento da autorregulação, formulado em cinco fases que se sucedem desde o nascimento até os três anos de vida. Segundo o autor, a primeira fase é a da “modulação neurofisiológica”, na qual o bebê está vivenciando adaptações neurofisiológicas e de reflexos ao meio. Ele ainda não tem controle de si mesmo nem do ambiente, e necessita do auxílio dos cuidadores, que, quando acordados,

ajudam o pequeno a focar a atenção em características relevantes do ambiente. Por isso, a importância da rotina, que funciona como um suporte externo para o controle interno do ciclo sono-vigília, de forma que, por volta dos três meses, o bebê demonstra estar ajustado aos ciclos bem definidos de vigília, que são relativamente congruentes com as definições sociais do dia e da noite (Kopp, 1982, p. 202-203).

Assim, entre o segundo e terceiro meses de vida, Marina aparece um pouco mais de tempo acordada nas gravações, e começam a aparecer os olhares direcionados para a mãe (gráfico 13 e 14). Ainda se mantém a manifestação da tríade *expressão facial de incômodo – gemido – expressão corporal desordenada*, novamente se observando que Marina, estando longe da mãe, começa a expressar seu incômodo primeiramente através do corpo, seguido pela expressão vocal e, finalmente, pela expressão facial. Não sendo o bebê atendido, as expressões emocionais se intensificam, algumas vezes chegando ao choro propriamente dito.

Seidl-de-Moura et al. (2011), em um estudo sobre os estados de vigília de bebês (de um e cinco meses), e as atividades maternas durante esses estados, observou que os bebês de um mês apresentaram maior variação entre os estados de vigília (dormindo, sonolento, acordado, inquieto, chorando), passando de um estado para o outro em curtos períodos de tempo, sugerindo que pudesse estar ocorrendo a emergência da capacidade de regulação desses estados, uma vez que é reduzida a manutenção pelo bebê em um único estado, como foi encontrado aos cinco meses. Assim, mãe e bebê estão se conhecendo e se coajustando ao ambiente e aos novos circunscritores. Afinal de contas, os estados de vigília da família também se modificam em função do bebê que nasce. Estão todos aprendendo e ensinando, numa construção dialética do tempo.

Com um mês e vinte dias (recorte 4), ao expressar incômodo após mamar, a mãe beija, conversa e muda a filha de posição, dizendo “*you não tem coco, não tem fome, não tem cólica! O que será?*”, revelando o interesse e a necessidade de dar sentido para o incômodo do bebê, o qual ainda parece indefinido. No recorte 5, em que a mãe está trocando a fralda de Marina, o bebê manifesta mais expressões faciais e vocais de incômodo do que corporais, já que a mãe está próxima a ela. Mesmo em contato com a filha, Júlia utiliza a fala como principal recurso para acalantar o bebê, como pode ser observado no gráfico 24. (Keller, 1998; Keller, Kärtner & Yovsi, 2010; Rogoff, 1990).

Essa observação – do recurso utilizado pela mãe frente a uma manifestação de desconforto da filha e sua interpretação dessas expressões – vai sendo confirmada nos episódios seguintes. Por exemplo, no recorte 5 (2;2), em que Marina começa a esboçar um choro, a mãe questiona porque a filha está incomodada, falando, primeiramente, que ela está

com frio. Apesar de Júlia estar em contato com o bebê porque está trocando a fralda dele, sua principal forma de acalantar ou lidar com as expressões de incômodo da filha é conversando com ela, realizando as ações de enrolar o bebê numa manta (por causa do frio). Uma vez agasalhada, Marina chora novamente e a mãe a leva para mamar.

Neste primeiro trimestre, observa-se que - como em todo o primeiro ano - a fala é o principal recurso utilizado pela mãe e pelos outros parceiros de interação (gráficos 20 e 24). No gráfico 27, identifica-se que as ações direcionadas ao bebê nestes primeiros três meses são, em ordem de frequência: toque afetivo (8), ajeitar/mudar a posição do bebê (4), cuidados “higiênicos” (4), amamentar (3), dar chupeta (2), brincar/distrair (2), pegar (1), embalar (1), colocar o bebê em outro lugar/ com outra pessoa (1).

Seidl-de-Moura et al. (2011), no trabalho citado acima (estados de vigília do bebê), também avalia as respostas da mãe frente às demandas do filho e assinala que as mães conseguem auxiliar o bebê em sua regulação de estado principalmente mudando a sua posição e amamentando-o. A fala, mesmo aparecendo muito em seus estudos, ainda não funciona como um recurso regulador para a criança que está inquieta, por exemplo. Já com cinco meses, a fala será o principal regulador nessas situações, ajudando a acalmar o filho.

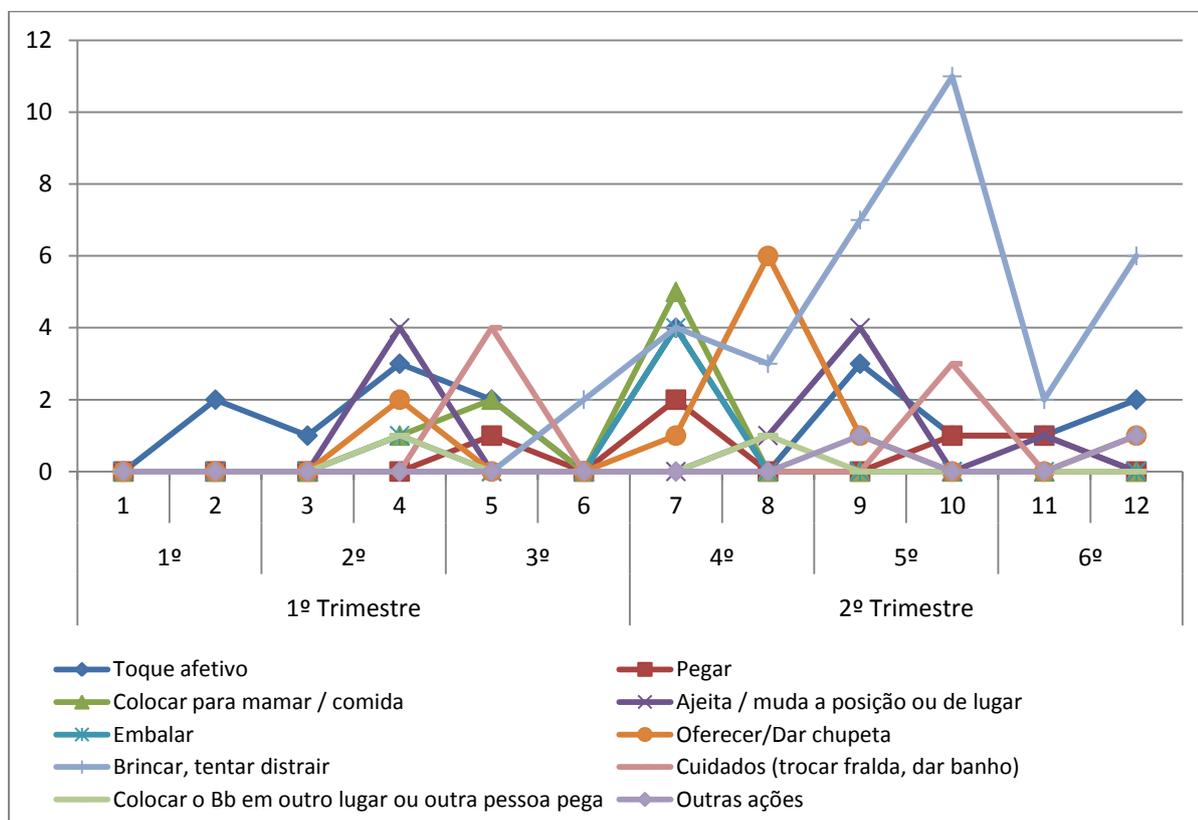


Gráfico 27: Ações direcionadas ao bebê pelos parceiros de interação durante o primeiro semestre de vida.

Concluindo a análise deste primeiro trimestre, observa-se através dos gráficos e relatos, que ocorre uma mudança significativa (primeiro salto) nas manifestações emocionais do bebê, particularmente a partir da metade do segundo mês, quando Marina está com 2 meses e 21 dias (recorte 6). Neste episódio, os movimentos corporais que, até então pareciam desordenados, tomam nova forma. O bebê bate as pernas e as mãos, e, segurando uma fraldinha, puxa, mexe e a levanta até próximo ao rosto: são movimentos mais ordenados – e não bruscos e aparentemente não intencionais como os apresentados até agora –, que demonstram a inquietude de Marina e que, juntamente com os gemidos e a expressão facial de incômodo, culminam no choro do bebê. Esse ciclo crescente de movimentos e gemidos dura dez minutos. Ou seja, Marina fica por dez minutos manifestando essas expressões emocionais de desprazer, até que a mãe chega. Assim, a inquietude do bebê vai aumentando, e principalmente através de sua corporeidade (Amorim & Rossetti-Ferreira, 2008), demonstra essa condição.

Wallon cita em seus estudos um momento no desenvolvimento do bebê em que “um conjunto de reações, que até então parecia surgir de modo autônomo, é como que reduzido ou abolido” (Wallon, 1934/1971, p. 62), sendo que essa inibição do movimento automático é o destino das reações “primitivas”, uma vez que não são produzidas por elas mesmas, mas integram os sistemas mais complexos de atividade. Os “novos” movimentos que surgem, portanto, emergem da relação inerente entre o biológico e o cultural. Como afirmam Amorim e Rossetti-Ferreira (2008), o bebê tem um corpo que está intimamente conectado ao mundo, em processo relacional. O corpo representa a interligação eu-outro, especificamente no bebê que está em contato corporal com o outro todo o tempo, e de forma muito intensa nesse primeiro trimestre de vida.

Também aparece com maior frequência e de forma mais definida um movimento corporal específico que Marina usualmente faz (e fará) nas situações de incômodo e irritação, principalmente estando sozinha, que é juntar uma mão na outra, esfregando-as e, às vezes, levando-as à boca. Esse gesto pode ser observado desde a primeira gravação, com seis dias de vida.

Observar as marcas do contexto e das relações sociais durante o primeiro ano de vida do bebê não é difícil, pois pode ser visto pela preferência dos pequenos pelos pais, os balbucios, e até a manipulação de objetos do ambiente, como controles remotos, celulares e computadores – cenas que se tem visto no cotidiano de crianças pequenas. No entanto, como falar de um bebê que, ainda tão pequeno – com poucas horas ou dias de vida –, já tem a suas manifestações articuladas e coordenadas com o ambiente, principalmente com as pessoas ao

seu redor, como os batimentos cardíacos e cheiro da mãe, ou igualações vocais, manifestando vocalizações simultâneas às da mãe?

Para tal questão, discute-se que a separação biologia x cultura não ajuda a entender tamanha complexidade das relações iniciais de um bebê com o seu meio, mas que a conexão entre essas duas naturezas humanas podem indicar caminhos férteis para a análise dessas interações e da importância das expressões emocionais no início da vida (Bussab e Ribeiro, 1998).

4.3.2 SEGUNDO TRIMESTRE: O cotidiano, as interações e as interpretações dos parceiros como circunscritores das expressões emocionais do bebê.

2º Episódio: “Está irritada por quê?”

Idade do bebê: 5 meses e 3 dias

Participam da cena: Marina (bebê), Júlia (mãe) e Luciana (pesquisadora)

Tempo: 1 minuto e 50 segundos.

Descrição do episódio: Marina está no carrinho, enquanto a mãe faz algo na cozinha. O móbile está tocando uma música e ela está com um bicho de pelúcia dentro do carrinho. Marina está mexendo neste bichinho, olhando para cima e parece um pouco inquieta. Junta as mãozinhas e as coloca na boca, olhando para cima (não sei se para o móbile ou se para a pesquisadora). Tosse uma vez, abaixa o olhar e as mãos. Mexe-se no carrinho, elevando o tronco; olha para cima e leva as mãos na boca novamente. Desce as mãos e o corpo, gemendo (Figura 14). Vira-se para o lado gemendo, como se estivesse fazendo força; coloca as mãos na boca. Volta a ficar reta no carrinho, gemendo, com tom irritado. Mexe com as mãos, colocando-as na boca e tosse, como se fosse começar a chorar. Continua com as mãos na boca, olha para o lado e para baixo. Tira as mãos da boca por um instante e choraminga; depois, coloca-as na boca novamente, repetindo essa sequência de comportamento duas vezes (Figura 15). Choramingando, segura a orelha do bicho de pelúcia e faz expressões de incômodo, franzindo a sobrancelha e apertando a boca, esboçando um bico (Figura 16). Continua choramingando, como se fosse chorar, dá um gritinho e emite gemidos. Enquanto isso, faz diversas expressões faciais: abre e fecha a boca, franze a sobrancelha e aperta a boca, como se fosse chorar (Figura 17). Tosse e choraminga, como se estivesse resmungando. Faz bicos e fica mexendo no bichinho. A mãe, provavelmente da cozinha, assobia; e a pesquisadora dá corda no móbile. Ao ouvir esses sons, Marina olha ao seu redor somente com os olhos, parando de gemer o corpo por instantes; mas, logo volta a choramingar. A mãe persiste com os assobios, Marina dá alguns gritinhos e quase esboça um sorriso (Figura 18), que logo se mistura às expressões de desagrado novamente. A mãe chega ao local em que Marina está e

conversa com a filha: “Amore, amore”. Marina olha para a mãe, esboça um sorriso, dá um gritinho, coloca uma das mãos na boca e acompanha a mãe com o olhar. Enquanto isso, Júlia vai dizendo “Amole, amole, oi, oi!” e depois sai do campo de visão da filha. Marina volta o olhar para frente e começa a gemer, como se estivesse fazendo força. Tosse algumas vezes e choraminga; depois, parece que vai chorar e fica fazendo expressão de incômodo, como se estivesse fazendo força. A mãe chega perto dela e pergunta “colocar você no berço vai ser pior?” Marina faz vocalizações, como se estivesse conversando. Júlia tira o bicho de pelúcia que está no carrinho e diz “tá com calor”, referindo-se à Marina. Ela olha a mãe tirar os bichos. Depois volta a gemer, tossindo algumas vezes como se fosse chorar. A mãe abre a cortina da janela e diz: “Ai que tosse!”. Marina faz expressão de choro (Figura 19), comprime os olhos, franze a sobrancelha e aperta a boca. Olhando para cima e para trás, no rumo em que a mãe está. Depois, esboça um sorriso. A mãe se aproxima do carrinho da filha, bate palmas e estala os dedos. Marina fica olhando para ela sem fazer nenhum som. Júlia faz barulho com a boca e vai pegando a filha falando: “peguei, peguei, peguei”. Marina sorri (Figura 20). Ao pegar Marina, Júlia a vira de costas e fala: “Olha aqui, tá molhada!”, virando-a de frente para si. Marina sorri e dá gritinho, emitindo leve sorriso (Figura 21). Júlia continua falando em tom de brincadeira: “Ninguém me entende, ninguém me entende, (risos), ninguém me entende que eu sou muito calolenta!”.



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21

Neste episódio, no qual Marina está no sexto mês de vida, percebe-se a diferença do episódio do primeiro trimestre na forma do bebê se expressar emocionalmente. Observa-se o papel dos gemidos e vocalizações, enquanto que suas expressões faciais de incômodo, no começo do episódio, são sutis. Por outro lado, há aumento na movimentação do corpo, que já não têm a aparência de espasmos, ocorrendo através de movimentos mais coordenados, ao contrário do primeiro episódio.

Acompanhando a descrição do vídeo, observamos que Marina está mexendo com todo o corpo durante a maior parte da cena. Além disso, ela se expressa facialmente de forma sutil, até que as expressões faciais de irritação e incômodo vão se tornando mais bem definidas, bem como os gemidos, que é quando a mãe vai ao seu encontro. Nota-se que, só pelo fato de Júlia chegar perto da filha, Marina muda a sua expressão de irritação, e seus gemidos desaparecem, expressando-se o sorriso. Essas situações de separação/aproximação bebê-mãe são constantes no segundo trimestre e apontam para a discussão da co-regulação e significação (Carvalho, Império-Hamburger & Pedrosa, 1996; Rossetti-Ferreira, 1984; Amorim et al., 2012)

Este episódio foi intitulado “Está irritada por quê?”, já que, ao pegar a filha, Júlia diz que ela estava com calor; mas é notória a mudança na expressão do bebê logo que sua mãe se aproxima e conversa com ela, demonstrando que seu incômodo poderia não ser apenas pelo

calor, mas principalmente pela busca da presença da mãe, e não de qualquer outra pessoa, já que a pesquisadora está próxima a ela todo o tempo e, mesmo assim, a criança não se acalma.

Acerca disso, Rossetti-Ferreira (1982/1984), em seu estudo sobre separação mãe-bebê tece uma discussão sobre a construção do apego, apontando que a ligação afetiva da criança é fruto do ambiente sócio-cultural, diferenciando-se de acordo com a organização do grupo familiar e da cultura. Considerando uma família nuclear, por exemplo, percebe-se que o cuidado do bebê recai quase exclusivamente sobre a mãe, criando uma condição de apego muito maior com esse parceiro de interação, sendo que uma das consequências que advém disso é a preferência por determinadas pessoas. Esse maior direcionamento na relação afetiva não é tão evidente em ambientes cujo cuidado das crianças é mais compartilhado e dividido entre vários elementos da família. No entanto, Leiderman e Leiderman (1974, 1977, citado por Rossetti-Ferreira, 1984), afirmam que, mesmo quando o cuidado é compartilhado com irmãos mais velhos, como observado em um estudo africano, a mãe continua sendo preferida em momentos de tensão, os bebês reagindo ao seu afastamento.

O episódio apresentado, portanto, evidencia algumas das mudanças observadas ao final do primeiro trimestre de vida do bebê e que aparecem de forma mais solidificada neste segundo trimestre; ou seja, continua aumentando a frequência de todas as expressões emocionais manifestadas pelo bebê. Ainda, ocorrem mudanças importantes, por exemplo, nos dois primeiros recortes deste trimestre (7 e 8), em que Marina manifesta expressões emocionais inéditas, até então não visualizadas nas gravações: como o choro intenso, os gritos e as vocalizações (gráfico 15), a expressão facial de irritação (gráfico 12), o olhar e movimento de cabeça direcionado a alguém/algo (gráfico 28).

Com relação às vocalizações do bebê, desde muito cedo eles apresentam alternações vocais do tipo diálogo, que indicam a aquisição da linguagem. Segundo Stern et al. (1977, citado por Burssab & Ribeiro, 1998), as vocalizações simultâneas são duas vezes mais frequentes a partir do terceiro mês de vida, corroborando os resultados dessa pesquisa que apontam aumento considerável nas expressões vocais do bebê, as quais são manifestadas, muitas vezes, em sintonia com as vocalizações e fala maternas, como pode ser observado no episódio deste trimestre.

Nesse sentido, considerando que biológico e cultural se constituem mutuamente, possibilitando o desenvolvimento integral do bebê, Blasi et al. (2011) investigaram a ativação cerebral de bebês de três a sete meses em relação a vocalizações humanas (sem fala), em suas diferentes modulações emocionais (neutra, positiva e negativa). Os autores concluem que existem padrões de ativação cerebral diferentes para as três expressões vocais, sendo que as vocalizações tristes ativam mais fortemente regiões cerebrais específicas, envolvidas nos processos de

estímulos afetivos. Trata-se de um estudo extenso, com diversas especificações sobre o reconhecimento de sons, inclusive humanos e não humanos, pelos bebês. Mas, de forma geral, os autores afirmam que existe uma especialização funcional do cérebro para o reconhecimento de vozes humanas e emoções negativas desde o desenvolvimento inicial de bebês.

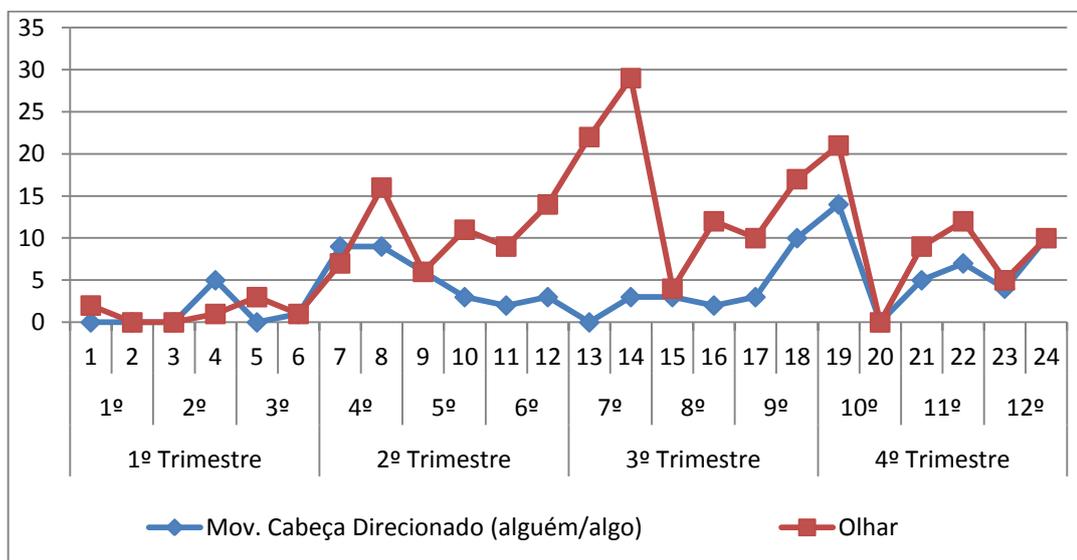


Gráfico 28: Movimento de cabeça direcionada a alguém/algo *versus* olhar do bebê direcionado para alguém/algo.

Aos três meses e seis dias (recorte 7), Marina está em sua casa com a avó materna e com a pesquisadora (a mãe não está presente). É a primeira vez, dentre as gravações visualizadas, que ela manifesta facialmente a expressão de irritação, além de ser o primeiro e único episódio em que apresenta um choro muito intenso, durante o qual Marina chega a tremer o corpo e a perder o ar de tanto chorar, como descrito no recorte 7.

Além do choro intenso e da expressão de irritação, aparece pela primeira vez o grito, um recurso vocal que será utilizado ao longo de todo o final deste primeiro ano, em diversas outras situações de incômodo e irritação. Evidencia-se, ainda, o olhar direcionado para o outro que, apesar de já ter aparecido no trimestre anterior, é expresso de maneira mais clara e direcionada neste trimestre, também articulado com o movimento direcionado de cabeça, como pode ser visualizado no gráfico 28.

Wallon (1934/1971) vincula os movimentos de cabeça ao olhar, afirmando que, antes do 4º, 5º ou até 6º mês, o bebê é incapaz de se orientar, com um movimento contínuo de cabeça, nas diferentes direções do espaço. No entanto, observa-se neste estudo empírico que, no final do primeiro trimestre de vida, começa a elevar a frequência dos movimentos de cabeça e o direcionamento do olhar, de forma muito articulada (gráfico 28).

No recorte 7 ocorreram diversas mudanças que continuarão acontecendo e se solidificando no recorte 8, no qual Marina está com 3 meses e 19 dias de vida. O bebê aparece neste episódio com o olhar direcionado e muito atento para a avó, a pesquisadora e o ambiente; ainda, inaugura a vocalização como forma de expressão vocal, que acompanha os gemidos. É um episódio complexo, com muita expressão corporal e vocal, como pode ser observado em trechos do relato 8.

Observa-se que as expressões faciais, vocais e corporais de incômodo destes episódios são muito voltadas para chamar a atenção do outro, tanto que elas cessam quando a avó conversa ou brinca com a neta. Poderíamos atribuir às manifestações de incômodo e irritação presentes neste recorte um sentido diretamente relacional, pois as expressões não parecem advir de alguma causa física (fome, calor...). Ao contrário, aparecem como recurso comunicativo para a busca da atenção do outro. No entanto, apesar disso, quando a avó pega a neta, ela atribui o desconforto do bebê ao calor, como se ele não pudesse estar querendo apenas colo ou que houvesse a necessidade de ter um motivo de ordem física que justificasse “pegar o bebê”.

Pode-se pensar nessa possibilidade do bebê estar querendo apenas colo, pois as expressões de incômodo diminuem quando a avó pega a neta, voltando a aumentar quando é colocada no chiqueirinho novamente, sozinha. Observa-se também, nesta cena, a mistura de expressões numa interação face-a-face do bebê com a pesquisadora (ou com a câmera), além dos gritos e vocalizações que ela manifesta ao ser deixada pela avó no chiqueirinho, como pode ser analisado novamente no relato 8.

Mais uma vez, é possível pensar nas práticas educacionais e os sentidos que permeiam a educação dos bebês na cultura ocidental, particularmente brasileira, de não poder pegar o bebê quando ele solicita, para não ficar manhoso, endossando o que Keller (1998) chama de “incentivo à independência precoce”. Moura (2012) e Amorim et al. (2012) fazem uma discussão sobre “pegar o bebê” em diversos contextos, inclusive em abrigo, onde não se pode pegar a criança para “não se apegar” ou para “não se acostumar mal.

Apesar de nestes artigos, se tratar de contextos diferentes – família, creche e abrigo –, pode-se observar certas similaridades nas formas de lidar com as expressões emocionais do bebê, salvo as particularidades de cada um. Assim, não é somente no abrigo ou creche que pode ocorrer um comportamento de evitar pegar o bebê ou narrativas que afirmem a manha e o apego exacerbado, mas também no contexto familiar. Portanto, há discursos e práticas que se assemelham entre esses contextos, mostrando que “o individual está atravessado pelo cultural e social, da mesma maneira como os discursos e práticas sociais são construídas pelas condutas individuais em condições relacionais” (Amorim et. al, 2012).

Considerando essa demanda de Marina em ser atendida pelo outro, e o aumento das suas manifestações emocionais, houve também um aumento de todas as expressões, principalmente vocal, e das ações direcionadas ao bebê pelos parceiros de relação (nos recortes 7 e 8, especificamente da avó). Sendo assim, neste segundo trimestre, observa-se nos parceiros de interação os níveis mais altos de expressão vocal (gráfico 22), corporal (gráfico 25), facial (gráfico 21), olhar (gráfico 29) e ações direcionadas ao bebê no período de um ano (gráfico 27). Até mesmo a expressão facial - que é pouco manifestada por ela - é mais utilizada neste período, como pode ser visualizado nos gráficos 20 e 21.

As transformações deste segundo trimestre até então analisadas são específicas dos dois primeiros recortes de gravação (7 e 8). Mas, os demais episódios também vão indicando outras peculiaridades no desenvolvimento de Marina e nas manifestações emocionais do bebê e das pessoas em relação. Apesar de ser um período de aumento das expressões e ações dos parceiros de interação, é também o momento em que Marina começa a ficar mais tempo sozinha, longe da mãe, o que não acontecia com tanta frequência nos meses anteriores (Keller, 1998, 2010; Rogoff et al., 1990) Distante de Júlia, Marina apresenta grande desconforto e inquietude. A forma de manifestar as suas expressões solidifica a ordem de manifestação já apresentada no primeiro trimestre: 1º) expressão corporal, 2º) expressão vocal, 3º) expressão facial. Será discutida, a seguir, a forma como essas manifestações foram se articulando nesse segundo semestre, período de maior intensidade das expressões do bebê e dos parceiros.

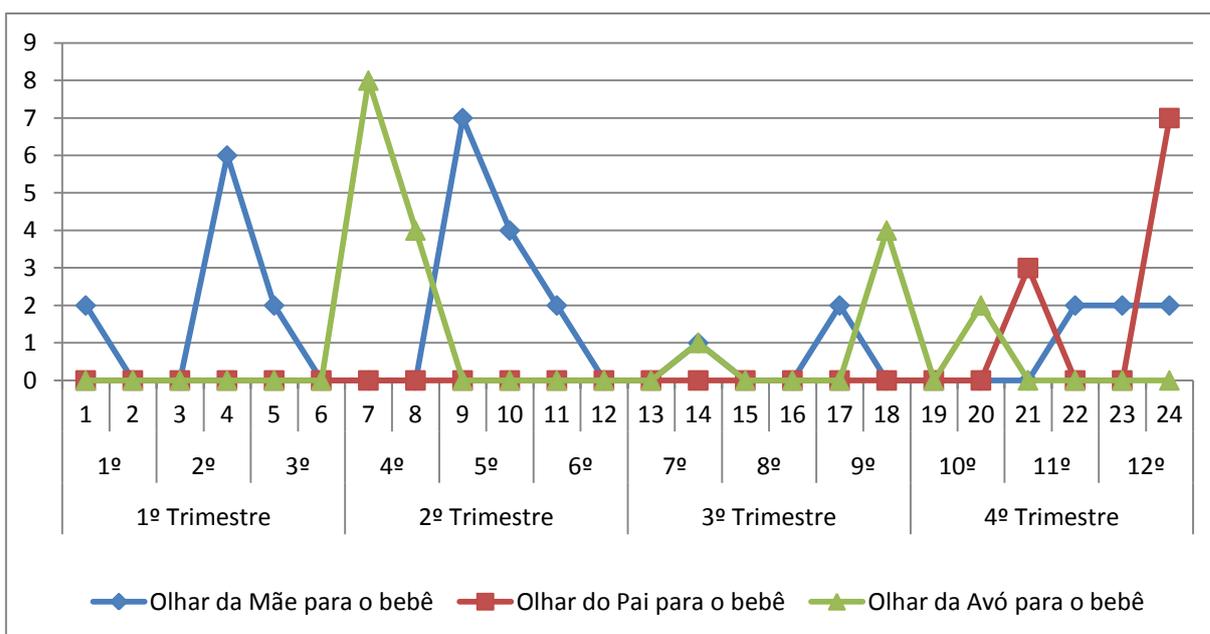


Gráfico 29: Direcionamento do olhar para o bebê pelos parceiros de interação.

No recorte 9, por exemplo, Marina faz algumas expressões faciais de desconforto, como se estivesse acordando, mas nada que pudesse ser considerada como uma expressão facial de incômodo ou irritação. A manifestação mais forte e que é primeiramente expressa é corporal. Marina mexe o corpo e a cabeça, esfregando-se no ombro da mãe; então, expressa alguns gemidos; e, só depois, apresenta expressão facial de incômodo. Essa sequência acontece em menos de dois minutos, mas apresenta uma ordem que não coloca em evidência e em primeiro lugar a expressão facial. Pelo contrário, ela acompanha ou segue atrás de outras expressões – corporal, vocal – que dão sinais de um bebê que já estava incomodado com algo. Essa evidência, observada em todo o primeiro ano de vida, possibilita questionar a centralidade que os estudos dão à expressão facial nas investigações sobre emoção no desenvolvimento de bebês, em detrimento das outras formas de expressão, como foi possível observar na introdução deste trabalho.

No recorte 10, Marina fica algum tempo longe da mãe, sozinha no chiqueirinho. No entanto, nitidamente, ela vai ficando irritada ao longo desse tempo. Observamos novamente a sequência: movimento corporal de irritação, expressão vocal (gemido), expressão facial de incômodo e, por fim, o choro (expressão facial e vocal). O grito também aparece com mais frequência e intensidade neste episódio, endossando os recursos vocais que demonstram irritação/incômodo. A mãe permanece por um tempo longe e, percebendo a reclamação da filha, fica conversando com ela à distância. A pesquisadora também tenta acalmar o bebê brincando. Observa-se a utilização da fala por parte da mãe como recurso central, mas começam a aparecer também outros recursos para distrair o bebê, como apresentação de brinquedo (móvil que toca música), tocar DVD infantil e colocar desenho na televisão.

Neste episódio, Júlia utiliza especialmente a fala, o móvil e o DVD infantil, mas Marina ainda não se distrai muito com esses recursos, expressando seu incômodo durante todo o tempo que permaneceu longe da mãe. O que realmente cessa as expressões de incômodo de Marina é ir ao colo de Júlia. Assim que a mãe pega a filha, o bebê começa a sorrir, gritando e olhando para Luciana. No entanto, a atribuição de sentido da mãe é que a filha precisa tomar banho e está com sono. Mais uma vez, os sentidos para seus parceiros e que perpassam as expressões emocionais do bebê estão relacionados a causas físicas (tomar banho, sono), mas não à necessidade de afeto ou à presença do outro (Amorim et al., 2012; Keller, 1998; Keller, Kärtner & Yovsi, 2010). No entanto, esse “outro” não é qualquer pessoa, pois, nesse episódio, a pesquisadora está no mesmo ambiente que o bebê, tentando acalmá-la, e Marina não para de manifestar seu desconforto. Mas, quando a mãe chega e pega a filha no

colo, o choro do bebê cessa, revelando sua preferência, escolha do parceiro de interação e até o direcionamento das expressões de incômodo, destinados à mãe.

Dando sequência a esses acontecimentos, no recorte 11, Marina, com 5 meses e 3 dias, ainda demonstra muita inquietação com a ausência da mãe. Como recurso expressivo, ela mexe os braços, as pernas e movimentava a cabeça para todos os lados, de forma articulada com o movimento corporal, não sendo desordenados. A expressão vocal de Marina fica entre choro e gemido, e a expressão facial entre incômodo e irritação. Destaca-se que, a partir desses dois últimos recortes, começa a crescer a atenção do bebê voltada para o ambiente, tanto que o seu olhar, além de se direcionar para as pessoas, também vai estar orientado para o contexto (TV, próprio corpo ou algum objeto), como pode ser observado no gráfico 13. Assim, a utilização dos recursos audiovisuais, como TV, DVD de música/show e brinquedos começa a chamar a atenção de Marina e a distraí-la, num período em que ela já consegue ficar mais tempo acordada.

Com essa idade, o bebê se encontra na segunda fase do modelo ontogenético do desenvolvimento da autorregulação, proposto por Kopp (1982). Nesta fase, que compreende entre 3 e 9/12 meses, o bebê modula suas ações através de comportamentos motores, como “pegar”, “alcançar”, de acordo com o contexto situacional. Essa modulação sensório-motora servirá de base para as atividades de controle, ajudando o bebê a desenvolver consciência da sua própria ação, uma vez que vai aprendendo a diferenciar sua ação da ação do outro.

Percebe-se através da análise dos episódios que essa modulação do comportamento emerge da/na relação com o outro (Seidl-de-Moura et al., 2011), através da qual Marina tem a possibilidade de explorar os objetos, pois são dadas a ela essas alternativas para se entreter nos momentos em que está incomodada ou irritada e a mãe não pode permanecer com ela.

Ainda assim, como tem sido discutido neste segundo trimestre, Marina se mostra intolerante à ausência da mãe e por isso expressa muito incômodo. Isso pode ser confirmado quando o bebê permanece na presença da mãe, a forma de expressão de Marina sendo consideravelmente diferente de quando está longe da mãe. Esta situação ocorre no último recorte deste trimestre (12), no qual Marina está com 5 meses e 17 dias, quando diminuem todas as expressões emocionais e se aproximam as frequências dentre elas (não havendo muita diferença numérica), porque ela está na presença constante da mãe e da avó, na casa dos avós maternos. Marina expressa certo incômodo no colo da mãe, interpretado por elas (mãe e avó) como calor. No caso, o uso das expressões corporais é bem menor comparado com os outros recortes deste período. Mas, ainda assim, é maior do que a expressão facial e o olhar. A questão é que ocorre menos manifestação de expressão emocional de irritação ou incômodo

quando o bebê está próximo a alguém, preferencialmente a mãe e o pai (Rosseti-Ferreira, 1984; Bowlby, 1969).

Observando as manifestações dos parceiros de interação, apesar de ser um trimestre em que Júlia deixa a filha um pouco mais sozinha, é também um período de muita interação com o bebê, principalmente com brincadeiras e distrações, como foi discutido nos recortes 10 e 11. Focalizando a relação, entende-se que, se existe um bebê que solicita a presença do outro e o parceiro está atento a essa demanda, mesmo estando à distância, ele busca acalmar o bebê de alguma forma, principalmente se a inquietação dele não estiver relacionada a alguma causa física (fome, dor, frio). Por isso, como pode ser observado no gráfico 27, destaca-se – dentre as ações direcionadas ao bebê – a subcategoria “brincar e distrair” (33), seguido das outras ações: toque afetivo (11), oferecer/dar chupeta (9), ajeitar/mudar a posição do bebê (6), amamentar/dar comida (5), pegar (4), embalar (4), cuidados (3), outras ações (2), colocar o bebê em outro lugar/pessoa (1).

No entanto, o fato de a mãe ficar longe do bebê diminui a interação entre eles e marca um declínio na intensidade das expressões e ações dos parceiros de interação a partir deste segundo trimestre, como pode ser observado no gráfico 30. Nele, visualiza-se que, enquanto as expressões do bebê aumentam, as manifestações dos parceiros diminuem, mesmo mantendo a correspondência entre eles, ou seja, quando aumentam as expressões do bebê aumentam as dos parceiros, numa dinâmica diretamente proporcional (com exceção dos recortes 13, 19 e 20).

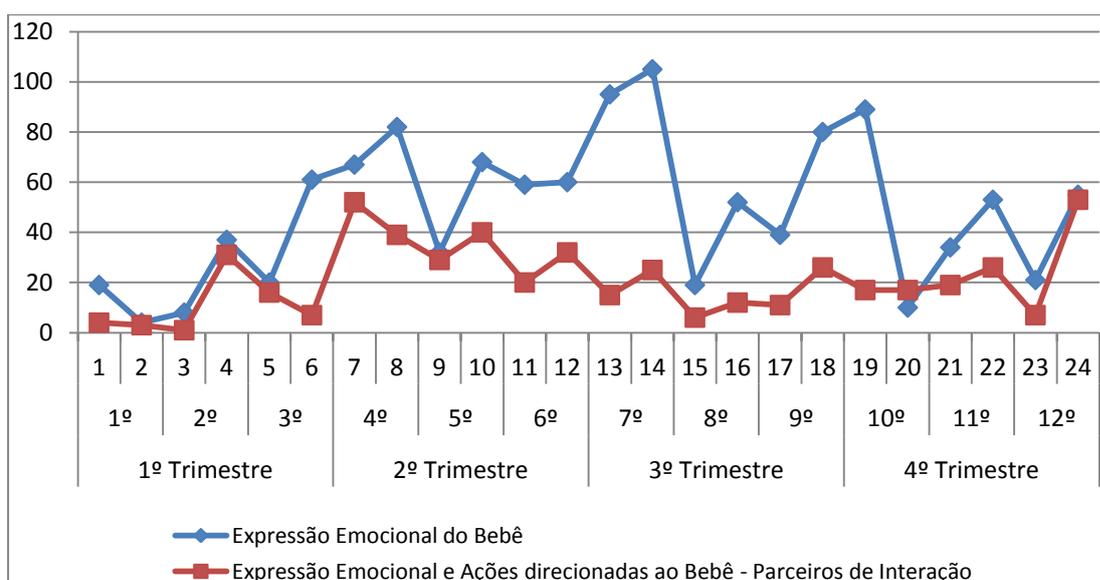


Gráfico 30: Relação entre a expressão emocional do bebê e as expressões e ações dos parceiros de interação ao longo do primeiro ano de vida.

Observamos que, no primeiro trimestre, houve uma maior sincronicidade entre as expressões, que pode estar relacionada com a presença mais constante do parceiro de interação. Mas, no segundo trimestre, o bebê fica mais tempo acordado (Seidl-de-Moura, 2011) e começa a permanecer por mais tempo sozinho, resultando na diminuição das manifestações dos parceiros de interação e também na diversificação das ações, como já foi discutido.

Seidl-de-Moura et al. (2011), identificou que, aos cinco meses, os bebês passam a maior parte do tempo acordados, alternando menos seus estados de vigília, em comparação com o primeiro mês de vida. O papel da mãe também se modifica, mostrando que a fala passa a ser mais eficaz no auxílio da autorregulação do bebê; e, que o contato físico e o toque já não exercem a mesma função e relevância encontrada com os bebês de um mês de idade. Segundo o estudo empírico, aos cinco meses, a fala materna é o recurso que mais ajuda o bebê a alternar seu estado de vigília de “acordado” para “sonolento” e de “irritado” para “acordado”. No mesmo sentido, Papousek et al. (1984, citado por Bussab & Ribeiro, 1998), afirmam que existe um perfil típico nas falas maternas, sendo que as falas tranquilizadoras têm uma queda tonal no final da emissão, que convida ao aquietamento do bebê; e o movimento vocal oposto convida à brincadeira.

Assim, em uma relação dialógica, o papel da mãe vai se modificando ao longo do tempo, também de acordo com as necessidades e desenvolvimento do bebê. A fala/linguagem se “insere nesse sistema de regulação com a possibilidade de substituir temporariamente o contato físico com a mãe, o que indica uma transformação na configuração das trocas diádicas, refletindo aspectos do desenvolvimento do bebê e da sensibilidade materna para essas mudanças” (Seidl-de-Moura et al., 2011, p. 58).

Em um estudo realizado por Malatesta e Haviland (1982), foram examinadas as mudanças na expressividade de bebês de ambos os sexos com 3 e 6 meses, e o papel materno na socialização dessas expressões, através da análise das manifestações emocionais da mãe e suas falas durante interações face-a-face com o filho, gravadas em laboratório. Foram encontradas oito categorias de expressões faciais dos bebês: interesse, alegria, surpresa, tristeza/angústia, raiva, *knit brow* (expressão de enrugar a testa, carrancudo, assemelha-se ao irritado deste trabalho), desconforto/dor, e *brow flash* (elevar a sobrancelha rapidamente, expressão que denota cumprimento ou atenção).

Segundo as autoras, houve diferença na manifestação das expressões faciais de acordo com a idade, sendo que os bebês de três meses mostraram mais expressões de *knit brow* (irritação) e desconforto/dor do que os de 6 meses; resultado que também pode ser observado

neste trabalho (gráfico 12). As autoras apontam que também houve diferença entre meninos e meninas. Os primeiros, com 3 e 6 meses, expressaram facialmente (maiores frequências) *knit brow* e alegria. Enquanto que as expressões faciais das meninas distribuíram-se em quatro categorias: *knit brow*, interesse, raiva e alegria. De forma geral (retirando as diferenças entre idade e sexo), por ordem decrescente de frequência, as expressões faciais apresentadas pelos bebês foram *knit brow*, alegria, raiva, interesse, *brow flash*, surpresa e tristeza.

As expressões faciais maternas também foram categorizadas, sendo encontradas todas as expressões dos bebês, com exceção da dor/desconforto. No entanto, examinando a frequência de cada expressão das mães na interação face-a-face com os filhos, evidenciou-se que as mães restringem suas manifestações às emoções positivas (alegria, interesse, surpresa e *brow flash*), em contraste com a ampla gama de expressões positivas e negativas exibidas pelos bebês. Esse resultado ajuda a compreender o que também foi encontrado nesta pesquisa de mestrado, que, apesar dos parceiros de interação manifestarem poucas expressões faciais, quando o fazem são positivas, como o sorriso.

Outro achado relevante das pesquisadoras diz respeito à análise conjunta das expressões na interação face-a-face mãe-bebê. Elas referem que existe uma sincronia entre as manifestações faciais, sendo que as mães tendem a modificar suas expressões de acordo com as mudanças nas expressões dos bebês, indicando uma forte tendência em igualar/imitar a maioria dos semblantes dos filhos, com exceção das expressões *knit brow* e dor/desconforto, as quais a mãe ignora. Esse resultado, portanto, endossa o que foi encontrado nessa pesquisa com relação as expressões faciais dos parceiros, uma vez que, se as mães não tendem a igualar suas expressões as de dor e desconforto, instaura-se mais um motivo para a baixa frequência de manifestação facial dos parceiros. Além disso, mesmo os bebês manifestando mais expressões faciais de desprazer, as mães respondem com outras expressões.

4.3.3 TERCEIRO TRIMESTRE: A emergência da emoção segundo a co-regulação e construção de significado com diferentes parceiros de interação

3º Episódio: “Cê tá brava? Ai que sofrimento!”

Idade do bebê: 7 meses e 26 dias

Participam da cena: Marina (bebê), Júlia (mãe) e Luciana (pesquisadora)

Tempo: 1 minuto e 21 segundos.

Descrição do episódio: Marina está no chiqueirinho, enquanto a mãe está na cozinha fazendo almoço e conversando com a pesquisadora sobre o cozimento da soja. O bebê

demonstra estar inquieto durante toda a gravação deste dia, sendo modificado de um lugar para outro quando sua irritação aumentava. Neste recorte, especificamente, Marina está meio deitada/meio sentada no chiqueirinho, apoiada nos travesseiros, com expressão facial aparentemente neutra, porém, séria, com os cantos da boca levemente abaixados. Ela faz um gemido, batendo os braços e as pernas para cima e para baixo, direciona o olhar para frente rapidamente, e volta o olhar para baixo, direcionando-o para o próprio corpo, fazendo uma vocalização (Figura 22). Marina continua movimentando o corpo, batendo pernas e braços de forma coordenada, abre a boca e fecha por duas vezes, com intervalo de um segundo, mas não emite nenhum som. Após quatro segundos, faz um gemido vocalizado, no mesmo instante em que eleva o olhar em direção à pesquisadora (Figura 23), que começa a falar com Júlia (que está na cozinha). Marina volta o olhar para o próprio corpo novamente, movendo braços e pernas de forma coordenada, gemendo. Para por um instante, modificando o direcionamento do olhar para dentro do chiqueirinho, depois para frente, quando a pesquisadora fala. Ela fica um instante sem mover o corpo e, depois, começa a choramingar, com expressão facial e vocal de choramingo, olhando na direção da pesquisadora. A mãe parece se aproximar e o choramingo de Marina se transforma num gemido vocalizado nervoso, com expressão facial de incômodo e movimento corporal inquieto (Figura 24). A mãe fala “ooi”! Marina eleva a cabeça e o olhar, direcionando-os para Júlia. Emite um gemido e mantém o olhar para frente, onde provavelmente estão a mãe e a pesquisadora, parando de choramingar e movimentar o corpo por um instante, enquanto olha para elas (Figura 25). Porém, logo volta a choramingar (expressão facial e vocal) e a balançar os braços e as pernas, de forma coordenada e inquieta. Aparentemente, a mãe voltou para a cozinha, pois ela conversa com a pesquisadora e sua voz está mais distante. O choramingo de Marina se transforma em um choro (Figura 26). Nesse instante, a mãe chama a filha, falando o nome dela. A criança cessa o choro, apesar de continuar choramingando, demonstrando facialmente estar irritada. A pesquisadora se movimenta, mudando o ângulo da câmera Marina mantém o olhar voltado para frente, enquanto a mãe parece se reaproximar, falando que vai colocar a filha no andador, porque ela está com muita meia nos pés e não vai caber em nenhum sapato. O bebê segue a mãe com o olhar, emite um gemido vocalizado, como se estivesse fazendo força, com expressão facial de incômodo, movimentando as mãos e as pernas (Figura 27). A mãe vai se aproximando do chiqueirinho, falando: “Vem cá, vem! Cê tá brava?” Marina continua gemendo, batendo as mãos e pernas e olhando para a mãe. Júlia pega a filha falando: “Vem cá! Ai, nossa! Ai, que sofrimento! Ai, que sofrimento!”. Marina direciona o seu olhar para a câmera, ainda gemendo, mas sem expressão facial de incomodo ou irritação.



Figura 22



Figura 23



Figura 24



Figura 25



Figura 26



Figura 27

Nesse terceiro trimestre de Marina, verificou-se novas significativas transformações nos modos de manifestação emocional do bebê, as quais podem ser observadas no episódio relatado. As mudanças estão relacionadas, principalmente, ao surgimento das expressões de choramingo, manifestado tanto facial quanto vocalmente, e que será discutida adiante, através de uma análise mais minuciosa dos recortes de gravação anteriores ao episódio apresentado (uma vez que se tem buscado a emergência/gênese das expressões emocionais).

Este terceiro trimestre demarca a entrada do bebê no segundo semestre de vida, um marco no desenvolvimento dos pequenos, no qual, segundo Wallon (1934/1971), surge o fato de maior relevância, que é o “desenvolvimento de uma sociabilidade muito mais ativa e mais extensiva, embora sempre dominada, com notável vigor, pela situação recíproca dos companheiros em confronto” (p. 210).

O título do episódio apresentado é uma fala da mãe direcionada à Marina, quando vai pegá-la no chiqueirinho, e representa um ponto interessante na discussão que tem sido tecida sobre os sentidos atribuídos pela mãe – ou parceiros de interação – às expressões emocionais do bebê. Até o trimestre anterior, observou-se que as causas das manifestações eram atribuídas a questões de ordem física (calor, fome). Neste episódio, a pergunta da mãe “cê tá brava?”, revelando outro olhar para o bebê, inferindo a ele um estado emocional.

As expressões de Marina, portanto, significam e são significadas. Tais significados vão sendo construídos com ela através da fala/linguagem, pela sua corporeidade (Amorim & Rosetti-Ferreira, 2008), suas ações e pelos sentidos que o parceiro de interação faz e atribui às manifestações do bebê. Nessa relação dialógica, modos de se relacionar e se comunicar, todos carregados de significação, vão sendo discriminados, tornando alguns mais frequentes e possíveis que outros, fazendo emergir os circunscritores que delinearão o desenvolvimento do bebê e dos parceiros envolvidos em relação (Amorim et al., 2012; Rosetti-Ferreira et al., 2004).

Outro aspecto relevante deste episódio é o olhar do bebê direcionado à pesquisadora, demarcando a presença da mesma como um circunscritor nesse ambiente e nas relações construídas enquanto se realiza a gravação. Ela também participa ativamente dessas interações, sendo que seus movimentos, olhares e falas não parecem passar despercebidos pelo bebê que, em diversos momentos, direciona o seu olhar para ela. Na voz da própria pesquisadora, “o contato visual está se constituindo como um modo diferenciado de comunicação entre ambas, em que a negociação através desse potente meio de comunicação se sobressai à manifestação de qualquer outro” (Rodrigues, 2011, p. 113).

Passando ao recorte 13 (primeiro deste trimestre), Marina está com exatamente seis meses e exprime um gemido diferente, que está entre uma vocalização e um gemido, como se o bebê estivesse reclamando e, simultaneamente, estivesse chamando a atenção para si, inaugurando o que foi denominado “gemido vocalizado” (gráfico 16). Esses gemidos não são acompanhados de expressão facial de incômodo ou irritação, mas de uma expressão corporal ordenada e inquieta mais intensa (bater mãos e pernas) (gráfico 18). Outra novidade é o choramingar (tanto vocal quanto facial), que não é choro nem gemido, mas é como se fosse um choro com características mais amenas ou como uma caricatura de choro, como se o bebê estivesse forçando o choro. O movimento corporal neste episódio também é muito expressivo. Intensificam-se os movimentos de esfregar as mãos, muito característicos de Marina quando está irritada ou incomodada, mas também o movimento de tronco, levantando o corpo no carrinho.

O recorte 14 representa um dos marcos no primeiro ano de vida e evidencia as mudanças ocorridas. Desde o recorte anterior, já apareceram algumas diferenças nas expressões faciais, vocais e corporais. Porém, estas diferenças se mostram solidificadas neste episódio. Marina está na casa dos avós maternos, no carrinho, em meio à conversa dos adultos. Aparentemente, mostra-se inquieta de uma forma diferente da apresentada até então. Ela movimentava todo o corpo, de forma ordenada, mas inquieta (batendo, esticando pernas e braços), expressa os gemidos vocalizados e, ainda, levanta o corpo para ver o avô que está conversando atrás dela. No mapeamento, esse movimento inaugura o movimento corporal direcionado a alguém ou a alguma coisa. O balbucio também é uma novidade e este é o episódio que Marina mais balbucia (*mama ma...*) durante todo seu primeiro ano de vida. Ela grita, vocaliza e faz gemidos ao mesmo tempo, numa expressão vocal complexa e articulada.

A mãe identifica sua inquietude e se aproxima dela dizendo “olha a alegria”, já prevendo que a filha vai parar de reclamar e começar a sorrir quando pegá-la. E, realmente, isso acontece: quando Júlia pega Marina no colo, a criança cessa o balbucio / vocalização / gemido imediatamente, abrindo um largo sorriso, inclusive olhando na direção da câmera. Neste episódio, as respostas dadas pela mãe são principalmente a fala, a aproximação e a brincadeira; e, muitas vezes, não são respostas imediatas, ou seja, logo que o bebê começa a choramingar ou expressar incômodo.

Nestes dois recortes (13 e 14) observamos mudanças em todas as expressões. Na vocal, aparece o gemido vocalizado, ocorrendo uma inversão proporcional entre o gemido que até então era manifestado pelo bebê e esta nova expressão vocal que surge; emerge também o choramingo, uma expressão vocal que parece uma caricatura do choro. No trimestre anterior

(segundo), o bebê já havia elevado muito a manifestação de vocalizações e gritos, além das misturas de gemido, choro, vocalizações e gritos, que culminou, provavelmente, na emergência do gemido vocalizado e do choramingo. Sendo assim, a partir dos seis meses de vida, os gemidos diminuem consideravelmente, dando lugar ao gemido vocalizado, choramingo, grito, vocalização e balbucio. Todas essas modificações podem ser observadas no gráfico 16, que mostra as expressões vocais do bebê no segundo semestre de vida.

Acompanhando as mudanças das manifestações vocais, as faciais também apresentam novidades, como a mímica de choramingo (gráfico 12). Esta é uma expressão facial que parece uma caricatura do choro, muitas vezes condicionada ao olhar ou resposta da mãe para o bebê; ou seja, ela expressa seu incômodo vocal e corporalmente. No entanto, só quando a mãe conversa com ela (mesmo que à distância) ou se aproxima é que ela faz expressão facial de choramingo, como foi observado em outros episódios deste trimestre.

Além disso, apontam-se novidades também nas manifestações corporais, que aparecem mais direcionadas para alguém ou alguma coisa. Os movimentos de cabeça e do corpo, portanto, apesar de ainda articulados, estão mais separados entre si e direcionados, o que vai se solidificar nos próximos episódios deste trimestre. Diminui o movimento corporal ordenado e inquieto e o movimento de cabeça ordenado com o corpo, aumentando o movimento de cabeça e corpo direcionado a alguém/algo, como pode ser visualizado no gráfico 18, além dos gráficos 31 e 32.

O gráfico 32 evidencia que os movimentos corporais vão se diversificando e complexificando a partir do terceiro trimestre de vida, que é quando o bebê começa a ter movimentos de aproximação e afastamento de alguém ou alguma coisa. No entanto, mesmo havendo essa mudança - e apesar de ser um trimestre em que as expressões corporais e vocais alcançam os maiores índices de frequência -, todas as manifestações emocionais do bebê, inclusive as faciais, começam a diminuir, tanto em termos quantitativos, como principalmente qualitativos. Essa observação será discutida a partir da análise dos demais recortes deste terceiro trimestre, que apresentam outras mudanças, as quais endossam a análise acima (sobre a diminuição das expressões emocionais a partir deste trimestre).

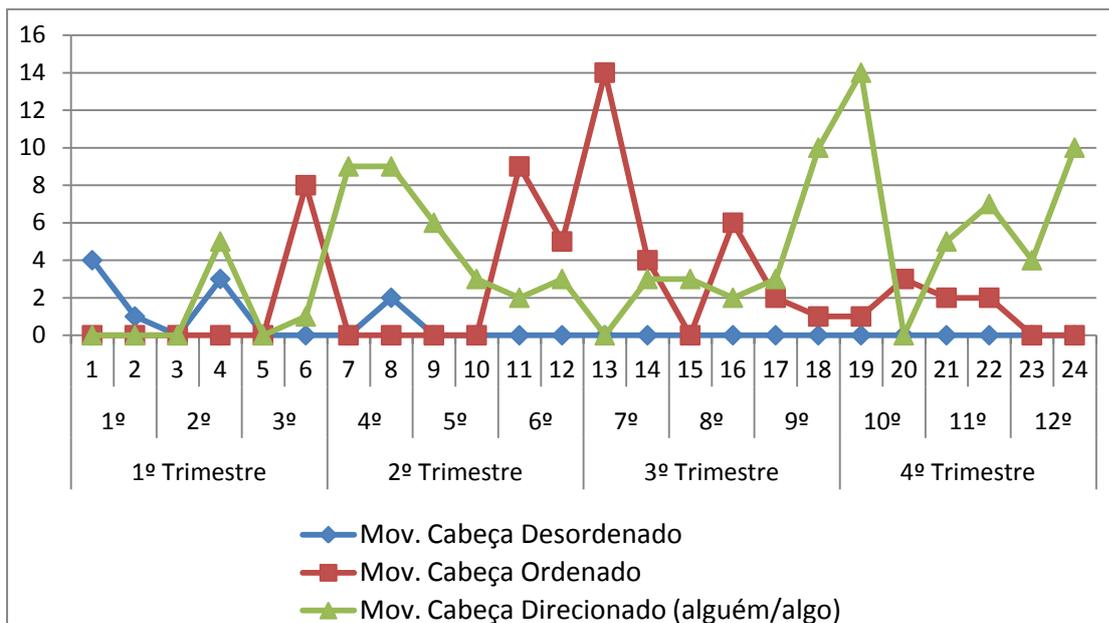


Gráfico 31: Movimento de cabeça do bebê ao longo do primeiro ano de vida em momentos de expressão de desprazer

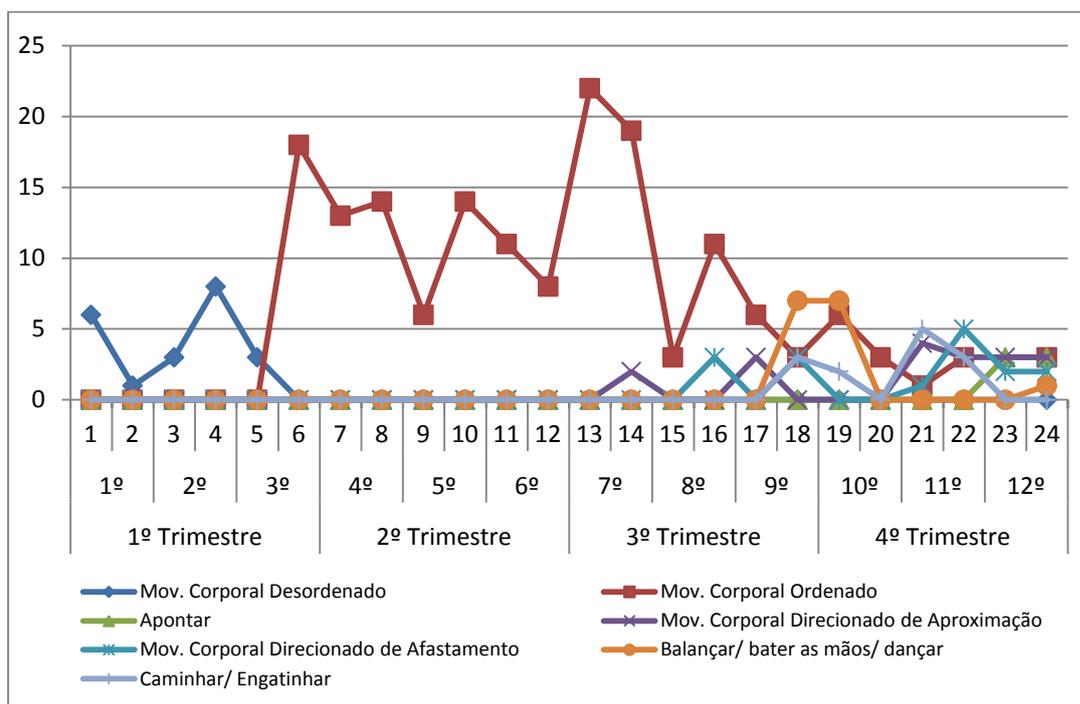


Gráfico 32: Movimentos corporais do bebê ao longo do primeiro ano de vida em momentos de expressão de desprazer.

O recorte 15, por exemplo, apresenta uma situação específica, que é a presença paterna durante a gravação. Durante o episódio, o bebê fica por algum tempo sozinho no carrinho, sem reclamar, começando a dar pistas de uma tolerância maior em permanecer longe da mãe

ou do pai. Marina expressa, então, alguns sinais de incômodo, como o choramingo e alguns gemidos vocalizados, que são consideravelmente mais amenos do que alguns apresentados com a mãe. Apesar disso, o pai logo a pega. Quando ele está presente, Marina fica menos sozinha porque ele fica com ela no colo ou brincando. Destaca-se, portanto, a diferença na relação bebê-pai e bebê-mãe, uma vez que o pai responde de forma mais rápida às expressões emocionais de incômodo da filha. Visualizamos no gráfico 11 que, nos recortes 15 e 20, as expressões corporais, vocais e faciais diminuem consideravelmente e se aproximam em suas frequências. Esses são episódios em que Marina está com o pai e ela apresenta menos expressões emocionais de desprazer. Essa situação só não acontece no último episódio (recorte 24), como será explicitado mais à frente.

Nos recortes 16 e 17, observa-se, ainda, a maior permanência de Marina sozinha, sem demonstração de incômodo. Quando, finalmente, ela começa a reclamar, ela expressa seu incômodo de forma principalmente corporal e vocalmente, mas não facialmente. No recorte 16, ela bate o brinquedo do carrinho, geme, vocaliza e mexe o corpo. A mãe, mesmo estando longe, pergunta se a filha está brava, a que a pesquisadora confirma: “Oh bicha brava, né?!”. Tudo isso acontece sem que ela expresse facialmente sua irritação, apesar de estar com semblante sério, o que também é uma discussão importante, uma vez que Marina apresenta uma expressão facial séria, que pode dar indícios para a expressão facial de raiva, que será manifestada no próximo trimestre. Ao final do episódio, Marina fica entretida com o controle remoto, mostrando que já consegue manter sua atenção a partir da manipulação de objetos.

No recorte 17, ela também permanece por quinze minutos entretida com a chupeta e os brinquedos, até que ela começa a balbuciar e a se movimentar como se estivesse irritada, mas sem expressão facial de incômodo. Quando a mãe fala com ela à distância (da cozinha), Marina expressa facialmente sua irritação e aumenta os gemidos vocalizados. A mãe se aproxima então para dar mingau a ela e diz que a filha está com calor, tirando os panos do carrinho antes de dar a comida. Marina se acalma quando começa a comer.

Além do maior tempo de tolerância sozinha e da maior expressão corporal e vocal, em detrimento da facial, surgem também movimentos de balançar, bater as mãos, dançar e a locomoção (gráfico 32), especificamente no último recorte (18), no qual se ressaltam três aspectos importantes: 1º) o uso do andador, que possibilita maior movimentação e autonomia do bebê, inaugurando novas expressões corporais, como locomover-se sozinha para outros lugares, balançar, bater as mãos e dançar, mesmo estando incomodada com algo; 2º) a centralidade das expressões vocais, uma vez que Marina utiliza todos os recursos de expressão vocal (choro, choramingo, gemido, gemido vocalizado, grito, vocalização e

balbucio) para exprimir seu incômodo; e, 3º) o interesse do bebê cada vez mais voltado para o ambiente, tanto que o olhar voltado para o ambiente e os objetos foi aumentando consideravelmente desde o segundo trimestre (gráfico 13).

Finalizando a análise do terceiro trimestre, observamos que as expressões e ações dos parceiros de interação continuaram diminuindo durante este período, como pode ser visualizado no gráfico 30. As expressões vocais diminuíram, mas voltaram a aumentar a partir do meio do trimestre (gráfico 22); as manifestações faciais praticamente não aparecerem (gráfico 21); o olhar também se manteve em níveis baixos (gráfico 29); e, em relação às expressões corporais, verificou-se que aumentou o movimento corporal de aproximação (gráfico 25).

As ações direcionadas tiveram leve aumento no começo e no final do trimestre (especificamente nos recortes 13, 14 e 18), justamente por terem sido os episódios em que o bebê mais se expressou e demandou ações dos parceiros de relação. Apesar disso, foram diminuindo consideravelmente durante este trimestre, como pode ser visualizado no gráfico 33. As ações direcionadas ao bebê foram em ordem decrescente de frequência: cuidados (trocar, dar banho – 9), brincar/distrair (8), toque afetivo (7), pegar o bebê (6), amamentar/dar comida (6), ajeitar/mudar a posição do bebê (4), outras ações (2), colocar o bebê em outro lugar ou com outra pessoa (1).

Acompanha-se, portanto, nesse movimento relacional entre parceiros e bebê. Uma dança dialógica, coconstruída, emergente. Observa-se, através das análises acima, o ápice da manifestação emocional do bebê neste trimestre, repleto de novidades e combinações complexas de expressões. Apreende-se de forma mais clara a coregulação entre bebê e ambiente, o que já pode ser notado desde os trimestres anteriores, mas que será destacado nesta discussão.

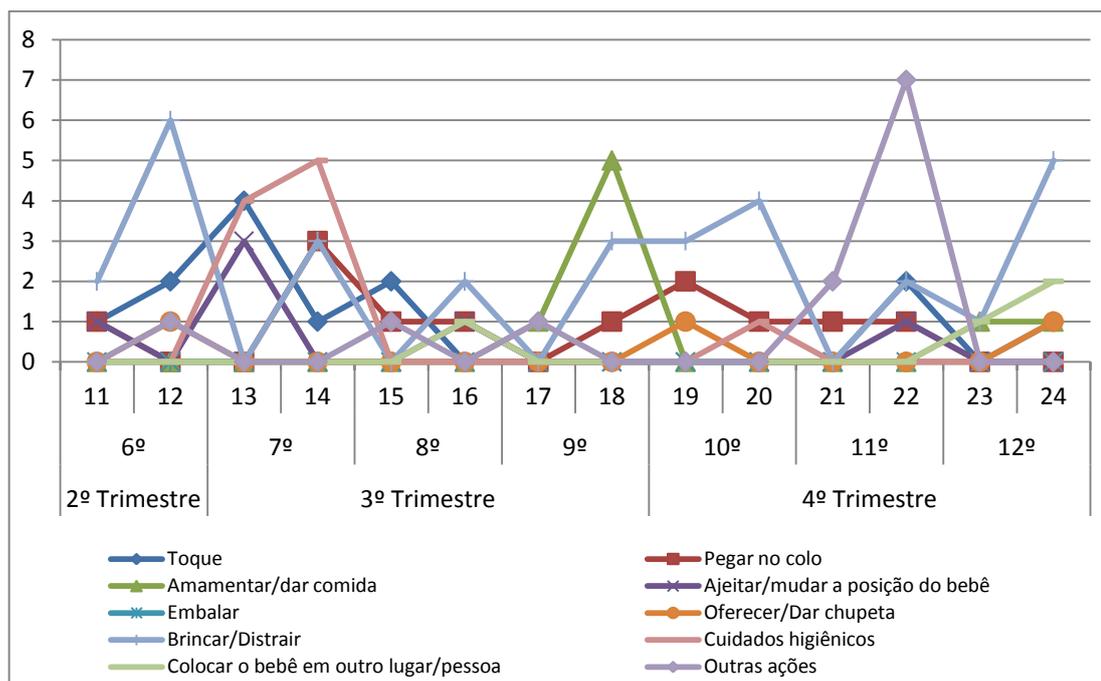


Gráfico 33: Ações direcionadas ao bebê pelos parceiros de interação durante o segundo semestre de vida.

Diversos autores têm discutido sobre regulação, co-regulação, construção e compartilhamento de significados durante os primeiros anos de vida. (Carvalho, Império-Hamburger & Pedrosa, 1996; Amorim, 2002, 2012; Vieira, 2004; Pantoja & Nelson-Goens, 2000; Garvey & Fogel, 2008, 2007). Analogamente ao trabalho de Carvalho, Império-Hamburger e Pedrosa (1996), considera-se nesta pesquisa que a família de Marina – e as relações ali construídas – seja um campo social de interações, assim como

“o campo gravitacional é o campo de interações entre partículas que têm massa, e o campo elétrico-magnético é o campo de interação entre cargas elétricas. *Interação* é compreendida como um potencial de regulação entre os componentes de campo. Diz-se que ocorre *regulação* entre os componentes quando a compreensão dos movimentos ou comportamentos de um ou mais deles requer a consideração dos demais componentes, de acordo com leis próprias de cada tipo de campo interacional (...). Um campo interacional é, portanto, definido pela natureza das partes que interagem, ao mesmo tempo que as constitui. (...) O uso dessa linguagem torna claro que *interação* se refere a um potencial de trânsito de informação entre componentes de um sistema, tal que as propriedades dos componentes definem a natureza do sistema, e os componentes são simultaneamente constituídos na atualização do processo interacional” (Carvalho, Império-Hamburger & Pedrosa, 1996, p. 3-4)

Essa forma de pensar as interações humanas implica em considerar o desenvolvimento a partir de sua complexidade, não linearidade e pela sua dialogicidade. E, pode ser aplicada ao que tem sido discutido sobre a emergência das emoções do bebê e parceiros de interação, possibilitando atentar-se para o processo constituído pelos movimentos

de co-regulação observados na relação do bebê com os outros. Neste trimestre, por exemplo, atenta-se para a constante negociação dos espaços entre mãe e bebê (a criança fica em um lugar separada da mãe) e compartilhamento de afeto (aproximação/afastamento do parceiro), uma vez que Marina, mesmo estando longe da mãe, expressa - através de gemidos, vocalizações e movimentos corporais - sua inquietação e incômodo, o que faz com que Júlia volte sua atenção à filha.

Interessante perceber que, nessa perspectiva discutida por Carvalho, Império-Hamburger e Pedrosa (1996), o processo de regulação entre os indivíduos não depende de uma reciprocidade explícita; o que também é discutido pela rede de significações (Rossetti-Ferreira et al., 2004). Isso destaca que o desenvolvimento humano também é constituído pelas rupturas e ausência de sincronicidade (como quando o bebê chama ou solicita e não é respondido pelo outro).

Assim, no campo de interação familiar deste estudo de caso, as distâncias estabelecidas pelas práticas culturais e educativas de bebês (Keller, 1998; Keller, Kärtner & Yovsi, 2010) possibilitam a emergência de determinadas expressões emocionais, colocando em evidência o corpo e a voz como formas principais do bebê chamar a atenção da mãe. O bebê, portanto, está sendo socialmente regulado pela presença/ausência materna, e suas manifestações emergem circunscritas a essas situações.

Dessa forma, pode-se compreender a diferença em termos de frequência (diminuição) e qualidade (menos intensidade) das expressões de Marina na presença do pai, o qual modifica esse campo interacional, pela sua forma de se relacionar com a filha, significar e responder à sua inquietação ou ao seu incômodo. Nos dois casos – com a mãe e com o pai – o bebê está sendo socialmente regulado, apesar de que através de formas diferentes.

Todo esse sistema regulatório, inclusive com a inserção cada vez mais frequente de objetos (televisão, música, controle remoto, brinquedos), constitui o aparato social que, em conjunto com os processos biológicos, possibilitará o surgimento das mudanças ocorridas no próximo trimestre.

4.3.4 QUARTO TRIMESTRE: Um corpo expressivo imerso na cultura, constituído por e constituinte das relações com o mundo.

4º Episódio: “Mãe, o móbile é meu!”

Idade do bebê: 11 meses e 8 dias

Participam da cena: Marina (bebê), Júlia (mãe) e Luciana (pesquisadora)

Tempo: 1 minuto e 45 segundos.

Descrição do episódio: A mãe coloca um brinquedinho para tocar. A pesquisadora pergunta “isso é daquele móbile que ficava na cadeira, não é?!”. Enquanto isso, Marina vai pegando o brinquedo da mão da mãe (Figura 23) e ela responde “Era! Não, ele tá aqui... ele só tá desmontado, mas funciona”. Marina está de frente para a mãe e começa a mexer o corpo de acordo com a música. A mãe olha para ela, sorri, mexe a cabeça no ritmo da música e diz “Dança, dança”. Neste instante, Marina vira-se para a pesquisadora (Figura 24), que muda de posição, colocando-se mais de frente para Marina, e também fala “Dança, dança”. Marina acompanha Luciana com o olhar, sorrindo e dançando. Ela emite uma vocalização como se fosse cantar. A mãe começa a fazer “la la la la”, acompanhando a música, e fala: “Canta a musiquinha”. Marina intensifica a cantoria. Elas continuam cantando e dançando com a música. Júlia vira para a pesquisadora e diz “Ela canta!”. Volta o olhar para a filha e Luciana responde “afinadíssima”. Marina fica olhando para o brinquedo, ainda cantando. A música vai parando aos poucos e Marina para de cantar, apesar de que Júlia continua cantando mais baixo e mais devagar, no ritmo da música. Marina olha para o brinquedo em suas mãos, que quase não está tocando. Ela levanta a cabeça, canta e dança; olha para a mãe, que também está cantando “lalala”. Durante todo este tempo, Marina esteve em pé e a mãe esteve com as mãos entre as pernas ou entre a barriguinha e as costas de Marina, dando apoio. Quando a música realmente para de tocar, Marina olha pra baixo, pega na mão da mãe como se quisesse tirá-la. Nesse momento, a mãe diz “acabou, põe mais, segura!?”, ao mesmo tempo em que começa a dar corda no brinquedo. No mesmo instante, Marina grita forte e alto, tira a mão da mãe e olha para ela com expressão firme, como se estivesse brava (Figura 25). Júlia fala baixinho “Ah, cê não qué!? Quero por mais!”. Marina olha para o brinquedo e Júlia vira-se para a pesquisadora dizendo “Ficou brava”. Como a mãe deu um pouquinho de corda, o brinquedo continua a tocar. Marina, olhando para o brinquedo, canta e dança. A mãe fala “é... aqui, põe mais”, coloca a mão no brinquedo e diz “aqui oh, vira aqui” e vai virando a filha, que segura em sua outra mão e grita novamente (Figura 26). No mesmo instante, a pesquisadora Luciana ri e Marina vira-se para ela (Figura 27). Luciana continua dando gargalhada, Júlia olha para ela, sorri e Marina esboça um sorriso. A mãe olha para filha e brinca de mordê-la no peitinho. Marina ri e Luciana fala “Cê é brava, heim?!”. Júlia continua brincando com a filha, pegando-a e mordendo no pescoço. Marina dá gritinhos e sorri, segurando o brinquedo nas mãos (Figura 28). Quando Júlia solta um pouco a filha, o brinquedo começa a cair e as duas o acompanham com o olhar. Júlia pega o brinquedo que parece ter caído no seu colo e começa a dar corda, dizendo “Vamos cantar e dançar” (Figura 29). Enquanto Júlia pega o brinquedo, Marina olha para ele e leva as mãozinhas para pegá-lo também. Marina grita e puxa o

brinquedo da mão da mãe (Figura 30), que conseguiu dar corda nele. Julia diz “Vai” e começa a cantar “la la la la”, junto com Marina que canta também.



Figura 23



Figura 24



Figura 25



Figura 26



Figura 27



Figura 28



Figura 29



Figura 30

Acompanhando o percurso de desenvolvimento do bebê e as mudanças ocorridas nas manifestações emocionais, observa-se a nítida diferença entre o episódio anterior (três) e este. A postura corporal de Marina (em pé), as formas de suas expressões emocionais (raiva, grito, movimento corporal de afastamento), e o foco da interação entre mãe e filha em relação a um terceiro objeto (atenção conjunta), exemplificam as mudanças ocorridas neste quarto e último trimestre do primeiro ano de vida do bebê.

No episódio acima, observa-se que Marina se irrita quando a mãe tenta ajudá-la a dar corda no brinquedo e mantém o mesmo comportamento quando a situação se repete. Ou seja, ela não fica com raiva somente na primeira vez em que a mãe interfere, mas em duas vezes sequenciais à primeira ocorrência, expressando-se facial, vocal e corporalmente da mesma forma. Marina, portanto, irrita-se em situações específicas, com fisionomia e expressões vocais que demonstram sua irritação, ligado à questão de “querer um objeto” e não somente ligada a sensações, como fome, calor ou dor. O primordial desta cena são as expressões que o bebê utiliza para demonstrar sua irritação, não mais da forma como até então vinha sendo apresentada, tanto que uma nova expressão é exibida: a raiva.

Seria possível dizer que um bebê sente ou está com raiva? Darwin (2010) observa essa emoção em seu filho desde o oitavo dia de vida, apontando diversas situações cotidianas até dois anos que o fizeram ficar com raiva. Nesta presente dissertação, denominou-se irritação algumas das características que Darwin descreveu, sendo, talvez, possível afirmar que a irritação demonstrada desde o primeiro trimestre por Marina tenha sido a base para o surgimento da expressão de raiva, descrita nas categorias do mapeamento e observada no episódio apresentado.

Assim, percebe-se a diferença entre a irritação e a raiva, sendo que uma pode ter emergido da outra. O que nos primeiros meses parecia difuso e indiscriminado, nos últimos meses, principalmente no 12º mês, apresenta-se de uma forma muito específica e clara. Marina não precisou chorar, apesar deste também ser um recurso ainda utilizado pela criança em situações de irritação. Porém, ela gritou, olhou firmemente para a mãe e afastou a mão de Júlia do objeto. Sua expressão foi tão clara que a própria mãe parece haver se assustado, abaixando a voz após o grito da filha, afirmando que ela ficou brava.

Como já foi mencionado no trimestre anterior, Wallon (1934/1971) explicita que o segundo semestre de vida é um período de expressiva sociabilidade do bebê, sendo que as suas reações diante das ações do outro atingem seu grau máximo de frequência. O autor descreve diversos comportamentos que indicam essa sociabilidade, como os gestos de apreensão, que contribuem para ação contínua da criança sobre o outro (episódio do móvel) e

o olhar dirigido às pessoas: “os olhos se procuram, os olhares trocados são inteligentes” (p. 213).

O quarto trimestre começa com elevados níveis de expressão emocional de Marina, exceto na modalidade de expressão facial que, desde o início do 6º mês, foi diminuindo (gráfico 11 e 12). As expressões vocais e corporais atingem altas frequências, mesmo Marina estando no andador e podendo se locomover. O bebê demonstra corporal e vocalmente sua irritação/incômodo, como pode ser observado no seguinte trecho “*Marina fica os primeiros dez minutos sozinha com a pesquisadora, a criança estando no andador. Neste tempo, ela grita e expressa alguns gemidos vocalizados, mas sem expressão facial de incômodo ou irritação. Porém, tem algumas expressões corporais que demonstram certa irritação, como bater forte no andador, esfregar uma mão na outra e as duas mãos no rosto. Depois de um grito da filha, a mãe se aproxima da sala, chamando-a. Quando Marina vê a mãe, começa a choramingar. Júlia, então, pega a filha, vê que ela está com a fralda suja e pergunta o que ela tem, dizendo que deve estar com sono e que vai dar banho nela*” (descrição recorte 19).

No caso, algumas expressões corporais de irritação são novas, como bater fortemente no andador, enquanto outras se mantêm, como esfregar uma mão na outra. Além disso, a emergência de uma expressão facial de choro ou choramingo com a proximidade da mãe continua acontecendo, como já foi relatado em outros episódios durante o primeiro ano.

No recorte 21, é interessante notar que a mobilidade física possibilita que Marina ande pela casa e não fique sozinha em um único lugar. Esse aspecto pode justificar o fato de que ela se encontra aparentemente mais tranquila, menos inquieta. Além disso, começam a aparecer situações em que o bebê tem interesse por algum objeto específico e as expressões faciais não são necessariamente de desprazer, incômodo ou irritação, como nesse recorte (21), no qual ela quer algo que está em cima da mesa, mas o pai não a deixa pegar. Por isso, ela resmunga, sem apresentar expressão facial de desconforto. No momento em que ela chora, levantando as mãos para o pai pegá-la, ela chora por uma situação específica - porque o pai não deixou que ela ficasse com as mãos penduradas na mesa. Esta manifestação é inédita nas gravações visualizadas, situação esta em que o bebê chora por algo que ela quer fazer e os adultos não permitem que seja feito.

No recorte 22, no qual Marina tem 10 meses e 24 dias, ela inaugura nas cenas de vídeo o apontar o dedo. Percebe-se o quanto Marina aponta o dedo: para a televisão, ao quintal e à pesquisadora (Tomasello, 2007; Vigotski, citado por Magiolino, 2004; Wallon, 1934/1971). Ainda, nota-se a autonomia com o engatinhar, inclusive querendo ficar no chão, ao invés de no colo da mãe. Ela manifesta expressões de desprazer e seu incômodo se mostra mais no

interesse que tem por outros objetos/lugares, como o quintal de casa (onde ficam os cachorros).

Esse trimestre inicia quando Marina completa nove meses de vida e podem-se observar comportamentos e expressões que remetem ao que Tomasello denominou “revolução sócio-cognitiva”, a qual tem sido discutida por diversos autores que estudam bebês (Amorim, 2012; Colus, 2012; Vieira, 2004). O gesto de apontar, por exemplo, indicaria o surgimento de uma habilidade comunicativa linguística inicial, já que gesto e palavra teriam a mesma função comunicativa.

Além disso, a atenção do bebê voltada para os objetos e a evidência do compartilhamento dessa atenção com o outro. Essa atenção é denominada de “atenção conjunta”, caracterizando-se por um conjunto complexo de habilidades e interações sociais, através dos quais o bebê coordena suas ações com outro, direcionando-as para um terceiro objeto, o móvel, por exemplo. Observa-se que este último trimestre está repleto de situações que evidenciam essa relação triádica, principalmente considerando o grande interesse do bebê pelos objetos, cuja atenção foi sendo mediada pelo outro desde o trimestre anterior.

No entanto, ressalva-se que, desde o início da vida do bebê, observamos sistemas de regulação, que foram se complexificando ao longo do ano (Vieira, 2004). Pode-se observar que, na cultura ocidental (Keller, 1998, 2008), os objetos são elementos contextuais importantes, sendo utilizados pelos adultos para distrair os bebês ou para brincar com eles, como foi observado muitas vezes nas gravações de Marina. O manuseio de objetos e sua importância na relação estabelecida entre criança e adulto vão criando condições para que esse bebê, nessa idade, volte sua atenção mais especialmente para os objetos.

Esse interesse do bebê e a possibilidade de se locomover até o objeto vão circunscrevendo, inclusive, a ação e expressões da criança. No recorte 23, por exemplo, Marina já está dando os primeiros passos, apoiada na mãe, e suas expressões emocionais de desprazer giram em torno da irritação de querer fazer algo ou pegar alguma coisa, como no episódio do móvel, em que a mãe vai dar corda no brinquedo que parou de tocar e Marina, que estava cantando, dançando e sorrindo, afasta a mão da mãe, dá um grito e olha para a mãe com expressão facial de brava, inaugurando essa forma de manifestar facialmente sua irritação (gráfico 12). Com relação ao movimento corporal, vê-se aumentar os movimentos de oposição ou afastamento neste trimestre, muito presente quando a mãe tenta ajudar a filha em algumas situações. Se anteriormente, a criança manifestava desprazer pela ausência ou distância da mãe, ela passa agora a tentar realizar sozinha o que deseja, e, mesmo solicitando

a presença/atenção do outro, às vezes se incomoda com o controle deste outro (Amorim et.al, 2012).

Dantas (1992, p. 92), de acordo com Wallon, discute as situações contextuais e relacionais que vão possibilitando a transição do bebê do estágio emocional para o sensório-motor. Segundo a autora, “capaz de explorar visualmente o ambiente, de pegar e largar efetivamente os objetos, falta apenas deslocar-se com autonomia”. Tanto no episódio descrito no início deste trimestre quanto na análise dos recortes, observa-se que Marina já fica de pé e anda com a ajuda da mãe ou do pai, mas que ainda não consegue fazê-lo sozinha. Ainda, percebe-se o seu crescente interesse pelos objetos, que, no caso do episódio do móbile, se mantém mesmo quando a mãe brinca de morder, abraçar e beijá-la.

No último recorte, em que Marina tem exatamente 12 meses, também aparece a expressão facial de brava, em função dos seus interesses, sendo que a expressão se manifesta de forma direcionada e clara. Observa-se a intenção de Marina ir para o colo da mãe e a forma como ela busca esse colo: primeiramente, com o movimento corporal (olhar, apontar o dedo, projetar o corpo) em direção à mãe, sendo que só quando a mãe não a pega, ela começa a choramingar, sendo acalentada pelo pai, sem que a criança desista do colo da mãe. Marina chora, portanto, por uma questão específica, e pode-se identificar o que ela está querendo, diferindo dos primeiros meses em que a causa do desprazer fica levantada enquanto hipótese. Ainda assim, os parceiros buscam distraí-la através de outras ações, caso não seja possível atendê-la, como neste caso.

Sobre os parceiros de interação do bebê, observa-se que ocorre um leve aumento nas expressões emocionais e ações direcionadas deles com relação ao trimestre anterior, como pode ser visualizado no gráfico 30. Ocorre, ainda, uma situação única: no recorte 20, a expressão e ação dos parceiros são maiores do que as manifestações emocionais do bebê (gráfico 30). Este é um episódio em que Marina está com o seu pai e não apresenta muitas expressões de desprazer, apesar de ele dizer que a filha está irritada, como pode ser observado no seguinte trecho do relato: *“Marina está com o pai no sofá assistindo DVD de músicas infantis. Ela acompanha as músicas com o pai, às vezes dançando e sorrindo, um pouco inquieta, mas sem demonstrar irritação ou incômodo (facial ou verbalmente). No entanto, após algum tempo intetendo a filha, ele diz que ela está irritada. Passado alguns minutos, repete novamente que a filha está irritada e confere se ela está com a fralda suja”*. O pai tenta brincar com a filha, distraí-la, cantar e dançar, mas ele afirma que Marina não está respondendo como de costume (sorrindo e brincando também), o que o faz pensar que ela

esteja incomodada ou irritada com algo. Assim, as expressões do pai são maiores que as do próprio bebê.

No último recorte (24), as expressões da criança e dos parceiros se igualam, pois Marina permanece durante toda a gravação na presença dos pais. Então, todas as expressões dos parceiros aumentam, chegando a se igualar às expressões do bebê, como pode ser visualizado no gráfico 30.

Neste trimestre, as ações direcionadas ao bebê (gráfico 33) são: brincar/distrair (15), outras ações (principalmente ajudar o bebê com algum brinquedo ou andador – 9), pegar o bebê (5), toque afetivo (3), colocar o bebê em outro lugar/pessoa (3), amamentar/dar comida (2), oferecer/dar chupeta (2), ajeitar/mudar a posição do bebê (1), cuidados (1).

Considerando os dois aspectos relevantes neste trimestre, mesmo que pareçam paradoxais, que é a sociabilidade do bebê e a sua atenção direcionada aos objetos, compreende-se que as ações que os parceiros mais realizam com os bebês é brincar/distrair. Mas ainda aparecem outras, como pegar e toque afetivo.

Considerações finais

“Do lugar onde estou já fui embora.”

Manoel de Barros

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão tecida em cada trimestre buscou evidenciar as transformações das expressões de desprazer ocorridas durante o primeiro ano de vida dessa criança, articulando as várias informações do *corpus* empírico construído na presente dissertação em diálogo com os estudos sobre desenvolvimento de bebês. Desta análise, destacam-se cinco pontos que perpassaram todos os trimestres e que serão retomados nessa discussão final: 1) a articulação entre as diversas formas de expressão de desprazer – facial, vocal e corporal – e as transformações das mesmas durante o primeiro ano de vida; 2) evidência da expressão corporal em todos os trimestres, compondo como figura – e não fundo – a manifestação emocional do bebê; 3) a dimensão biologicamente cultural da emoção; 4) os processos de regulação entre o bebê e seus parceiros de interação, e a atribuição de significado para as expressões de desprazer; 5) por fim, as práticas educativas compondo a matriz social da qual emergem essas manifestações emocionais, circunscrevendo as possibilidades de expressão do bebê.

Na análise dos trimestres, observaram-se as expressões utilizadas por Marina e como essas foram se transformando ao longo do tempo, evidenciando duas formas de mudança: a primeira diz respeito ao surgimento de novas expressões durante o primeiro ano de vida, como choramingo, gemido vocalizado, balbucio, raiva, movimentos direcionados. A segunda mudança refere-se às diferentes articulações entre as expressões faciais, vocais e corporais, que foram se modificando em virtude das relações construídas entre o bebê e os parceiros de interação.

Através da combinação entre essas duas formas de transformação das manifestações emocionais do bebê, ao final do primeiro ano de vida, observaram-se expressões mais *refinadas*, *circunscritas* e *direcionadas*. *Refinadas* no sentido da apuração que foi ocorrendo nas expressões vocais, corporais e faciais, como a expressão facial de raiva, que apresenta movimentos faciais mais sutis, como um refinamento da expressão de irritação; ou, os movimentos de afastar e apontar, que são mais precisos e refinados, derivados dos movimentos corporais desordenados e ordenados; ainda, os gemidos que se desdobram nas vocalizações, que dão início ao balbucio cada vez mais articulado e verbal.

Tais expressões são vistas como *circunscritas* por serem utilizadas em situações específicas, e não de forma indiscriminada. Nos primeiros meses, discutiu-se a questão da expressão emocional ser manifestada sem motivo explícito, apesar de se saber que havia algum motivo. O bebê gemia e chorava de forma indiscriminada, sendo atribuídos

significados de origem biológica (dor, calor, sujeira, etc.). Mas, ao longo do primeiro ano, através do cuidado dos parceiros de interação, essas expressões foram se especificando, com atribuição de significados que remetem à intencionalidade e ao aspecto afetivo. A expressão facial de raiva, por exemplo, foi utilizada em situações particulares e não em qualquer situação; também o choro, mais utilizado no primeiro semestre, não foi um recurso utilizado pelo bebê no quarto trimestre de vida; e os movimentos corporais, desordenados inicialmente foram dando lugar a movimentos circunscritos na relação, como afastar a mão da mãe do brinquedo.

São *direcionadas* porque foram se formando expressões orientadas para alguém/algum objeto, como a expressão corporal, que ocorreu muito durante todo o primeiro ano, mas no último trimestre o movimento do corpo todo se aquieta, dando lugar ao movimento de cabeça direcionado a alguém/algo, cujo índice atingiu a maior frequência no quarto trimestre, surgindo, ainda, o apontar e os movimentos corporais de afastamento ou oposição. Também algumas expressões faciais e vocais foram sendo direcionadas às pessoas, como quando o bebê exprimia facialmente seu incômodo somente quando a mãe se aproximava dele.

Portanto, foi possível verificar o quanto as expressões estiveram interligadas durante o primeiro ano de vida, de forma que o bebê pudesse manifestar *ao* e *em conjunto com* o outro seus desprazeres; ainda, havia uma coordenação específica entre elas, sendo que não ocorriam de forma sobreposta, simplesmente. Observou-se que a primeira manifestação de incômodo era corporal, seguida da vocal, depois facial; e, por fim, o choro propriamente dito. Essa informação mostra-se relevante, inclusive para a orientação de pais e educadores, tópico que será discutido mais adiante.

Yale et al. (1999) realizaram um estudo analisando a coordenação das vocalizações do bebê com suas expressões faciais. Os autores propõem uma análise baseada no evento que, de forma superficial, é quando duas formas diferentes de comportamento se sobrepõem no tempo, emitindo um sinal comunicativo. A pesquisa foi realizada com bebês de três a seis meses de idade e indicou que eles coordenam suas ações vocais e faciais, ocorrendo as duas ao mesmo tempo, mas que os bebês finalizam a vocalização antes da expressão facial.

Nesta pesquisa de mestrado, não se buscou realizar uma análise sistemática dessas coordenações, mas os estudos que contemplam esse formato de investigação podem mostrar como a sobreposição das expressões, combinadas entre si, servem para esclarecer ou enfatizar a comunicação do bebê. Outro ponto interessante encontrado em um estudo, mas que não pode ser explorado nessa pesquisa, diz respeito às diferenças de expressão facial entre meninos e meninas. Como este trabalho é um estudo de caso realizado com uma menina, e

considerando os resultados encontrados por Malatesta e Haviland (1982), a realização de estudos como este com meninos, não para uma estrita comparação, possibilitaria a emergência de outras discussões, inclusive pelas diferenças contextuais e, por que não, de gênero.

Portanto, como discutido acima, alguns trabalhos também investigam a articulação entre expressões emocionais (Yale et al. 1999; Vieira, 2004; Cavalcante, 2012), mas não se encontrou nenhum estudo que interligasse as três manifestações – faciais, vocais e corporais –, principalmente ao longo do primeiro ano. A maioria dos trabalhos utilizados como referência, tanto sobre as expressões de bebês quanto sobre a relação mãe-bebê, fazem um recorte de idade no primeiro ano. Isso não significa que não existam estudos que contemplem todas essas expressões durante esse período de tempo, mas que a proposta deste estudo parece minimamente inovadora, tanto pelo recorte de tempo, quanto pela busca de articular as diversas manifestações de desprazer.

Lewis (2011) faz uma revisão sobre os estudos que investigam as expressões emocionais no desenvolvimento de bebês e aponta exatamente essas questões. Primeiramente ele discute que os estudos têm focalizado as expressões faciais, cujo recorte vem como herança dos estudos de Darwin e Paul Ekman. Por causa disso, pouca atenção tem sido dada às expressões vocais e corporais, e cita observações suas nas quais percebeu que as crianças não precisam manifestar facialmente suas expressões para mostrarem seu estado emocional, mas o fazem corporal ou vocalmente. A partir disso, ele questiona como os recursos expressivos de face, gestos, atividade e voz se organizam e articulam para manifestar uma emoção?

O segundo ponto relevante dessas considerações finais deriva-se justamente da discussão acima, que é a centralidade da expressão corporal no conjunto da manifestação emocional e a escassez de estudos que contemplem essa dimensão. Considera-se que talvez o grande achado dessa pesquisa tenha sido justamente o destaque que o movimento corporal foi tomando, sendo um meio importante de Marina manifestar seu incômodo, irritação e inquietude. Esses movimentos, presentes desde o nascimento do bebê, vão sendo decodificados na relação com o outro, decorrendo dessa interação os gestos tão explorados por diversos autores do desenvolvimento, como Vigotski, Wallon, Tomasello, Bruner, dentre outros.

Neste ponto, volta-se às discussões do autor que norteou a construção desse trabalho, Henri Wallon. Inicialmente, mesmo utilizando a teoria dele para a construção do projeto, não se tinha a hipótese de que os movimentos corporais apresentariam tamanha relevância na manifestação emocional do bebê. Os trabalhos de Wallon contribuíram para a construção de

uma metodologia de análise que possibilitasse observar o bebê como um todo, em suas diversas dimensões. No entanto, em contato com a literatura, percebeu-se o recorte facial que os estudos têm feito na análise da expressão emocional do bebê, o que acabou interferindo na própria construção do *corpus* de análise da pesquisadora. Assim, na banca de qualificação deste estudo, as professoras convidadas para avaliar o trabalho atentaram para o fato de que, mesmo buscando analisar o bebê como um todo, estava-se restringindo às expressões faciais.

Realizando os ajustes necessários, chegou-se ao mapeamento apresentado nessa dissertação, que buscou contemplar todas as dimensões do bebê, e possibilitou chegar a resultados instigantes do ponto de vista teórico e empírico. Mesmo entendendo que face e voz se expressam através do corpo, existe outra dimensão corporal que tem sido deixada à margem pelos pesquisadores: a função motora, a tonicidade e a postura, tão referida por Wallon.

O autor atribui a origem da emoção na tonicidade do corpo de cada pessoa, por isso, seus escritos oferecem grande embasamento teórico para a discussão dos resultados encontrados nesta pesquisa, que também mostra a centralidade dos movimentos corporais na expressão emocional do bebê durante todo o primeiro ano de vida. Aqueles podem ser altamente comunicativos e eficazes para a construção da relação com o outro.

Existe correlação, portanto, entre os escritos de Wallon e o que foi possível concluir neste trabalho acerca da emoção manifesta no corpo e emergente no tônus. No entanto, não se tem o intuito de discutir a origem da emoção, uma vez que se buscou trabalhar com a emergência biologicamente cultural das expressões emocionais. Ou seja, observar, através da análise do primeiro ano de vida de um bebê, como as expressões emocionais foram surgindo e sendo construídas e significadas na relação com o outro. Ainda, como o bebê pode se manifestar emocionalmente e como o outro constrói sentido e responde a essas expressões. A questão da gênese das emoções pode sim ser discutida, mas ficará em aberto neste trabalho, uma vez que não foi objetivo aprofundar neste tema.

Reconhece-se, aqui, a dimensão biologicamente cultural da emoção. Como afirmam Bussab e Ribeiro (1998),

o ser cultural do homem deve ser entendido como biológico. Há mais do que um jogo de palavras na afirmação de que o homem é naturalmente cultural, ou ainda, de que a chave para a compreensão da natureza humana está na cultura e a chave para a da cultura está na natureza humana. O homem é, a um só tempo, criatura e criador da cultura (p. 180).

Observar as marcas do contexto e das relações sociais durante o primeiro ano de vida do bebê não é difícil, pois pode ser vista pela preferência dos pequenos pelos pais, os

balbucios e até a manipulação de objetos do ambiente, como controles remotos, celulares e computadores – cenas que se tem visto no cotidiano de crianças pequenas. No entanto, como falar de um bebê que ainda tão pequeno – com poucas horas ou dias de vida – já tem a suas manifestações articuladas e coordenadas com o ambiente, principalmente com as pessoas ao seu redor, como acalmar-se com os batimentos cardíacos e cheiro da mãe, ou realizar igualações vocais ou simultâneas às da mãe, como apontam Bussab e Ribeiro (1998)?

Para tal questão, discute-se que a separação biologia x cultura não ajuda a entender tamanha complexidade das relações iniciais de um bebê com o seu meio. É a conexão entre essas duas naturezas humanas que possibilitam traçar caminhos férteis para a análise dessas interações, e pode ser discutida em trabalhos como este em que o bebê foi observado desde a primeira semana de vida.

Assim, o quarto ponto relevante se refere aos processos de regulação e significação que ocorrem através das relações do bebê com o ambiente. Ao se investigar as ações direcionadas à Marina pelos parceiros de interação, buscou-se observar como as pessoas se posicionam, desenvolvem-se dialogicamente e agem em relação às expressões emocionais do bebê, entendendo que essas ações são fundamentais para a construção e regulação das emoções, afetos e aprendizagens desde o início da vida (Rossetti-Ferreira, 1984; Amorim et al., 2012; Seidl-de-Moura et al. 2011; Kopp, 1982; Bowlby, 1969/1970; Vieira, 2004).

Observou-se que os parceiros – principalmente a mãe, que permanece por mais tempo com Marina –, buscam compreender os sinais do bebê e responder a eles de diversas maneiras, tendo a fala como principal recurso utilizado por eles durante todo o primeiro ano de vida. As ações direcionadas ao bebê vão se modificando ao longo do tempo, sendo as mais frequentes tocar o bebê carinhosamente e brincar/distrair, mas diversas outras ações são realizadas a fim de acalmar ou tranquilizar Marina, como mudar de posição, pegar no colo, dar mamadeira/comida. Dados semelhantes foram encontrados por Seidl-de-Moura et al. (2011), como já foi discutido na análise dos trimestres.

Malatesta e Haviland (1982), citados na discussão no segundo trimestre, fazem um estudo transversal, com meninos e meninas de 3 e 6 meses, investigando as expressões faciais dos bebês e também das mães, buscando observar a regulação entre as manifestações. As autoras verificaram que as mães tendem a igualar suas expressões às dos filhos, com exceção das de dor/desconforto e irritação, as quais foram investigadas nesse trabalho. Nesse sentido, relembram-se as baixas expressões faciais dos adultos, e o destaque da fala, como principal recurso utilizado pelo adulto no contato com o bebê.

Segundo Gerhardt (2008, citado por Seidl-de-Moura et al., 2011), as experiências iniciais do bebê com as pessoas são tão importantes que deixam uma marca biológica, sendo “escritas na fisiologia da criança porque esse é o período da vida humana em que hábitos regulatórios estão sendo formados” (p. 64). Nos primeiros meses de vida, por exemplo, os níveis de cortisol são regulados principalmente pelo cuidado que o bebê recebe, como o toque e o embalo. A partir dos seis meses de vida, os pequenos tornam-se mais visuais, sendo regulados por outras ações, como expressões faciais do outro, fala e brincadeira (Seidl-de-Moura, 2011).

Dessa discussão evidencia-se a construção da co-regulação com o bebê através das interações, e a emergência dialeticamente biológica e cultural dos processos emocionais, uma vez que, ao realizar o seu papel de contágio do outro, com alto nível de comunicação, as respostas advindas do meio constituem, inclusive, o desenvolvimento cerebral do bebê, gerando outras manifestações emocionais e afetivas (Gerhardt, 2008, citado por Seidl-de-Moura et al., 2011; Blasi, 2011).

Desde o início da vida, portanto, mãe e bebê se regulam, mesmo que inicialmente não saibam os motivos das expressões de desprazer do bebê. Observa-se que, desde a primeira semana de vida, Júlia busca entender e atender às expressões de Marina. Nos dois primeiros trimestres percebeu-se que os significados estavam mais relacionados a causas físicas, como fome, calor, fralda suja. Porém, a partir dos seis meses de vida, a mãe já ampliou o seu leque de significados, adentrando o campo afetivo e, até, os estados emocionais. Júlia percebia a irritação da filha e nomeava o estado emocional da filha, geralmente “brava”, como a mãe dizia.

Carvalho, Império-Hamburger e Pedrosa (1996) discutem que existe uma liberdade, imprevisibilidade ou potencialidade de diferentes desenlaces na atribuição de significado, pois ela vai sendo definida a cada instante pelos parceiros em interação. O que a mãe faz diante das expressões de desprazer do bebê? Como ela reage a essas manifestações, atribui significado e responde ao filho? Neste estudo de caso, uma das questões centrais na relação bebê-mãe foi a distância entre elas, recorrentes a partir do segundo semestre em função das atividades da mãe, o que frequentemente deixava Marina irritada, principalmente antes de ela poder se locomover sozinha. Assim, a mãe percebia o desconforto da filha e, de acordo com as expressões do bebê, respondia de formas diferentes: mudava Marina de posição ou local, distraía com algum objeto, ligava a televisão, pegava no colo; enfim, são múltiplas as possibilidades de significação.

Segundo as autoras,

a implicação deste argumento é que a ambiguidade de significado da informação oferecida por parceiros sociais, e portanto a exigência funcional de uma capacidade para interpretá-la (atribuir-lhe significado), correlacionam-se positivamente com a complexidade da vida social na natureza, no sentido de que, quanto mais complexa a vida social, maior a ambiguidade potencial do co-específico. Usando outra linguagem, pode-se dizer que a variabilidade potencial de *papéis* do parceiro correlaciona-se positivamente, nas espécies sociais, com a necessidade funcional de transformar informação em significado (Carvalho, Império-Hamburger & Pedrosa, 1996, p. 10)

As expressões emocionais de Marina são como um código que, no campo interacional, têm um significado particular, sendo essa uma construção conjunta entre o bebê e os parceiros de interação. Assim, o gemido, o choramingo, os movimentos corporais, as expressões faciais constituem-se como códigos, que criam uma possibilidade de comunicação com os parceiros, os quais coordenam com o bebê suas ações. Por isso, as possibilidades de significação são diversas, pois esses códigos não têm um sentido *a priori*; sendo que o choro pode chamar mais a atenção da mãe do que os movimentos corporais, por exemplo. Ou ainda, como foi possível observar nesse estudo, cada parceiro significa as ações de Marina de formas diferentes e responde a elas de acordo com essa significação. O pai, por exemplo, estando próximo à filha e observando qualquer sinal de desprazer, já pegava Marina e permanecia com ela, conversando e brincando. Por outro lado, a mãe, talvez em virtude dos seus afazeres domésticos ou por estar mais longe da filha, não respondia ao bebê de forma tão rápida, permitindo que ela gemesse e choramingasse, mexendo-se, por mais tempo.

Assim, retomando a discussão sobre a imprevisibilidade e gama de possibilidade de significação para as expressões, questiona-se: o parceiro de interação pode atribuir qualquer significado para as manifestações emocionais do bebê? A resposta é dupla: sim e não. Sim, porque é necessário considerar a imensa gama de possibilidades de ação destes parceiros. E não, porque as ações deles são históricas e contextualizadas, estando conectadas a tudo que cada parceiro é e com as possibilidades culturais e sociais que eles aprenderam. Ao mesmo tempo, qualquer ação cria uma situação/realidade que não pode ser desfeita, constituindo o desenvolvimento dos parceiros como mãe, pai, avó, e de Marina, como bebê, sujeito, pessoa.

Ainda, a criação compartilhada de significados vai gerando significados persistentes, o que é necessário, na dinâmica das interações, por conferir às relações características permanentes, mas não rígidas ou inflexíveis. É através dessa construção de significados que é possível ocorrer a abreviação da comunicação entre mãe e bebê (Lyra e Rossetti-Ferreira, 1995, citado por Carvalho, Império-Hamburger & Pedrosa 1996; Vieira, 2004).

Por fim, todos esses significados emergem das situações concretas, dos circunscritores históricos e contextuais, que possibilitam determinadas práticas de educação de bebês. Como já foi discutido na análise dos trimestres, na cultura brasileira, perpassam diversos discursos

do que pode ou não no cuidado de bebês. Por exemplo, não se pode pegar muito o bebê porque ele fica manhoso; os pais devem deixar o bebê chorar até parar sozinho, principalmente durante a noite, por diversos dias, porque assim ele compreenderá que não será atendido quando quiser, evitando o mimo e condicionando o pequeno a esperar quando for necessário; o bebê precisa ser amamentado de três em três horas e não quando ele solicita (livre demanda); é importante colocar meias nas mãos dos recém-nascidos para impedi-los de colocar as mãos na boca, para que não tenham o hábito de chupar os dedos. Enfim, diversas são as práticas culturais que delimitam/norteiam as ações dos pais na educação dos filhos, inclusive dos bebês, e que surgiram de uma concepção moderna de que não se pode apegar ou depender dos outros.

A família de Marina, portanto, está imersa nessa malha histórico-cultural, sendo produto e produtora dessas práticas educativas. Por isso, mesmo sendo um estudo de caso, algumas reflexões podem ser generalizadas, uma vez que diversas práticas são semelhantes não somente no Brasil, mas na cultura ocidental (Keller, 1998; Keller, Kärtner & Yovsi 2010; Rogoff, 1990), as quais devem ser olhadas com mais atenção e crítica.

A separação da mãe e do bebê, por exemplo, constitui um cenário que, pelo menos neste trabalho, possibilitou a emergência de grande inquietação do bebê, a qual cessava com a aproximação de alguém. O choro de Marina, por exemplo, não começou de repente em nenhum episódio, nem pareceu estar vazio de sentido, ainda que ela quisesse a aproximação do outro. Qual é o problema de o bebê querer o contato com a mãe ou pai? Por que os adultos podem ser responsivos quando a criança está com fome ou frio, mas não quando ela quer carinho, colo ou presença? Em comparação com outros contextos, como creches e abrigos, observa-se que os familiares, principalmente a mãe, estavam sempre dispostos a cuidar do bebê e responder às suas demandas. No entanto, atenta-se para o fato de que certas demandas foram criadas justamente por Marina permanecer por muito tempo longe da mãe.

Commons e Miller (1998), pesquisadores de Harvard, apontam que o stress precoce causado no bebê, resultante tanto do não contato com os pais quanto da prática “deixa chorar”, muito presente entre os americanos – e brasileiros -, também deixa as suas impressões no cérebro da criança, da mesma forma que o toque e a responsividade dos pais constituem biológica e organicamente o bebê (Gerhardt, 2008, citado por Seidl-de-Moura et al., 2011), cuja plasticidade cerebral no início da vida é notável. Os autores afirmam que essas práticas podem ter consequências permanentes na vida dos pequenos, e que são realizadas pelos pais com o intuito de que os filhos não se tornem dependentes, coincidindo com as pesquisas de Keller (1998).

Miller (1998) afirma que as mães Gusii, do Kenya, dormem com seus bebês e respondem prontamente ao choro deles. Quando as mães dessa cultura assistiram aos vídeos da cultura americana expostos pelos pesquisadores, elas ficaram contrariadas ao verem o tempo que as mães ocidentais levavam para atender os filhos quando choravam.

No acompanhamento de pais e mães, percebe-se que eles têm muitas dúvidas sobre essas questões, indagando como proceder na educação dos bebês. Muitas vezes, mesmo contrariados, cedem aos apelos sociais, sejam de médicos ou não. Existe um discurso social que reforça a independência precoce, num momento em que os bebês necessitam de atenção, toque e responsividade. Nesse sentido, considera-se que este trabalho colabora para essa discussão, explicitando, em conjunto com outros trabalhos e ações, que o bebê dá pistas de suas insatisfações antes de chorar. Como foi encontrado neste estudo, o último recurso utilizado por Marina nos momentos de desprazer foi o choro. Antes disso, ela exprimia corporal e vocalmente seus incômodos, com movimentos de esticar e dobrar pernas e braços ou batê-los de forma inquieta, gemendo e choramingando.

Discute-se, no entanto, que não existe um modelo certo ou único no cuidado de bebês, mas que as práticas e os modos de relação construídas com eles constituem quem eles são e como se manifestam. Assim, o ditado “quem não chora não mama” está circunscrito em uma sociedade onde é necessário chorar para mamar ou ser pego, ensinando aos bebês, relacionalmente, determinadas formas de expressão. O bebê, por sua vez, nesse emaranhado de relações e práticas, é ativo em suas respostas e aprendizagens, não existindo uma determinação pelo meio, mas uma co-construção complexa e articulada, como já foi discutido no decorrer do trabalho.

Dado o volume de informações construídas através da análise do material empírico, e o desafio, inclusive teórico, de articular as diferentes formas de expressão aqui investigadas, facial, vocal e corporal, emergentes, ainda, nas relações sociais, não se pretende esgotar o tema ou propor conclusões generalizadas. No entanto, reconhece-se a sua importância no campo, pela sua contribuição metodológica, teórica e prática.

Na revisão de literatura sobre as expressões emocionais em bebês, publicada por Mendes e Seidl-de-Moura (2009a), discutem-se “as lacunas encontradas na literatura voltada para expressões faciais de emoção em bebês, e a conveniência de se adotar uma perspectiva sociocultural e evolucionista na formulação de hipóteses e produção de novos estudos empíricos” (p. 307), deixando evidente a necessidade de estudos longitudinais e realizados em ambiente natural.

Nesse sentido, esse trabalho apresenta sua contribuição metodológica por ser um estudo longitudinal, compreendendo todo o primeiro ano de vida, em contexto natural, com observação de muitas horas de vídeo, combinando análise quantitativa e qualitativa. Segundo Fernández-Dols e Crivelli (2013), os estudos sobre expressão emocional realizados no ambiente natural não conseguem testar causalidades ou controlar variáveis, mas são mais consistentes para mostrar que as expressões emocionais possuem muitas causas, funções e significados.

O presente trabalho apresenta ainda uma contribuição teórica por focalizar as expressões de desprazer, cuja investigação é mais restrita e menos realizada pelos pesquisadores (Mendes & Seidl-de-Moura, 2009a, 2009b; Messinger, 2000); e, pela combinação entre as diferentes formas de manifestação emocional, buscando compreender que a emoção não se manifesta somente na face, mas no corpo todo. Além disso, sua perspectiva teórica metodológica possibilita a compreensão dos processos emocionais como emergentes nas interações sociais, numa relação dialética e dialógica entre biologia e cultura.

Ainda, este trabalho tem sua contribuição prática, por oferecer subsídios empíricos para a discussão dos cuidados e educação de bebês, tanto em famílias quanto em outros contextos, como creches, abrigos e escolas, possibilitando que se discutam as formas de expressão do bebê durante o primeiro ano de vida e como as ações dos parceiros de interação circunscrevem as manifestações emocionais dos pequenos.

Mesmo considerando essas contribuições, sabe-se que essa pesquisa tem suas lacunas, limites metodológicos e teóricos. Nos escritos de Wallon, observa-se seu esforço e capacidade de lidar de forma complexa e multidisciplinar com um tema complexo como a emoção. Ele busca estudos desde a fisiologia, passando pela psicobiologia e chegando a Freud, construindo dialógica e dialeticamente suas ideias acerca das manifestações emocionais como estando na gênese dos processos de desenvolvimento do bebê. Da mesma forma, é importante salientar que este trabalho é apenas um recorte do que pode ser observado sobre as emoções, especialmente no primeiro ano de vida. Diversos estudos em diferentes áreas têm sido conduzidos e a riqueza está em poder articular esses conhecimentos, de forma que se possa compreender melhor o desenvolvimento dos bebês e, conseqüentemente, dos seres humanos. Além disso, pode-se ter a possibilidade de contribuir com práticas educativas mais responsivas e condizentes com os mecanismos dos processos observados. Nesse sentido, entende-se que esta pesquisa é uma peça de um grande quebra-cabeça, que há décadas tem sido construído por diversos – e renomados – cientistas.

Referências Bibliográficas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alfaya, C. & Lopes, R. D. C. S. (2005). Repercussões do comportamento interativo de mães com depressão no desenvolvimento do comportamento exploratório do bebê. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 15, 69-81.
- Amorim, K. S. (2002). *Concretizações de discursos e práticas histórico-sociais, em situações de frequência de bebês a creche*. Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Amorim, K. S. & Rossetti-Ferreira, M. C. (2008). Corporeidade, significação e o primeiro ano de vida. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60, 67-81.
- Amorim, K. S. (2012). *Linguagem, comunicação e significação em bebês*. Tese de Livre-docência, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Amorim, K. S., Rodrigues, L., Costa, C., Moura, G. G., Ferreira, L. D. P. M. (2012). O bebê e a construção de significações, em relações afetivas e contextos culturais diversos. *Temas em Psicologia*, 20(2), 309-326.
- Arruda, S. L. S. & Andrieto, E. (2009). Mães psicóticas e seus bebês: uma leitura winnicottiana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61, 97-106.
- Atkinson, L. et al. (2009). Attachment and selective attention: Disorganization and emotional Stroop reaction time. *Development and Psychopathology*, 21(1), 99-126.
- Bergamasco, N. H. P. (1997). Expressão Facial Como Acesso À Consciência do Recém-Nascido. *Psicologia USP*, 8, 275-286.
- Blasi, A. et al. (2011). Early specialization for voice and emotion processing in the infant brain. *Current Biology*, 21, 1220-1224.
- Bowlby, J. (1969/1990). O vínculo da criança com a mãe: comportamento de apego. In J. Bowlby, *Apego e Perda* (Apego, vol. I). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Branco, A., Fekete, S. M. W., Rugolo, L. M. S. S., & Rehder, M.I. (2006). Valor e variações da frequência fundamental no choro de dor de recém-nascidos. *Revista CEFAC*, 8(4), 529-535.

- Brophy-Herb, H. E. et al. (2011). Toddlers' social-emotional competence in the contexts of maternal emotion socialization and contingent responsiveness in a low-income sample. *Social Development*, 20(1), 73-92.
- Bussab, V. S. R. & Ribeiro, F. L. (1998). Biologicamente Cultural. In: Souza, L.; Freitas, M. F. Q. & Rodrigues, M. M. P. *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & La Taillade, J. J. (2009). Predictors of coparenting in Mexican American families and links to parenting and child social emotional development. *Infant Mental Health Journal*, 30(5), 523-548.
- Carter, A. S. et al. (2010). Internalizing trajectories in young boys and girls: The whole is not a simple sum of its parts. *Journal of Abnormal Child Psychology: An official publication of the International Society for Research in Child and Adolescent Psychopathology*, 38 (1), 19-31.
- Carvalho, A. M. A., Império-Hamburger, A. & Pedrosa, M. I. (1996) *Interação, regulação e correlação no contexto do desenvolvimento humano: discussão conceitual e exemplos empíricos* (p.1-34). São Paulo: Publicações, IFUSP.
- Carvalho, A. M. A., Pedrosa, M. I. & Amorim, K. S. (2006). Retomando o debate qualidade x quantidade: uma reflexão a partir de experiências de pesquisa. *Temas em Psicologia*, 14, 51 – 62.
- Cavalcante, M. C. B. (2012). Hologestos: produções linguísticas numa perspectiva multimodal. *Revista de Letras*, 1/2(31), 9-16.
- Celeri, E. H. R. V., Jacintho, A. C. D. Á., & Dalgarrondo, P. (2010). Charles Darwin: um observador do desenvolvimento humano. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13, 558-576.
- Chow, S.-M., Haltigan, J. D., & Messinger, D. S. (2010). Dynamic infant–parent affect coupling during the face-to-face/still-face. *Emotion*, 10(1), 101-114.
- Cole, P. M., & Deater-Deckard, K. (2009). Emotion regulation, risk, and psychopathology. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(11), 1327-1330.

- Colus, K. M. (2012). *Processos de estabelecimento da atenção conjunta em um bebê vidente e em outro com deficiência visual severa*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Commons, M. L., & Miller, P. M. (1998). Emotional Learning in Infants: A Cross-Cultural Examination. *The natural child project*. (Paper presented at American Association for the Advancement of Science, Philadelphia, PA, February). Recuperado em 10 de junho de 2013, de http://www.naturalchild.org/research/emotional_learning_infants.html
- Dantas, H. (1992). A afetividade e a construção do sujeito na Psicogenética de Wallon. In La Talle, Y., Oliveira, M.K., & Dantas, H. *Piaget, Vygotsky e Wallon*. São Paulo: Summus.
- Darwin, C. (2000). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Introdução Konrad Lorenz. Tradução Leon de Souza Logo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1872).
- Deloache, J. S., & Lobue, V. (2009). The narrow fellow in the grass: Human infants associate snakes and fear. *Developmental Science*, 12(1), 201-207.
- Dér, L. C. S. (2004). A constituição da pessoa: dimensão afetiva. In Mahoney, A. A.; Almeida, L. R. (Orgs). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola.
- Duarte, M. P. & Gulassa, M. L. C. R. (2000). Estágio Impulsivo Emocional. In Mahoney, A. A.; Almeida, L. R. (Orgs). *Henri Wallon: psicologia e educação*. São Paulo: Edições Loyola.
- Ekman, P. (2011). *A linguagem das emoções: Revolucione sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor*. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: Lua de Papel.
- Farias, E. P., & Turcherman, S. E. (1988). A observação da relação mãe-bebê e a formação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 22(4), 595-609.
- Fernández-Dols, J. M., & Crivelli, C. (2013). Emotion and Expression: Naturalistic Studies. *Emotion Review*, 5(1), 24-29.
- Fogel, A. (2000). O contexto sociocultural e histórico dos estudos do desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(2), 311-318.

- Fogel, A., Nelson-Goens, G. C., & Hsu, H.C. (2000). Do Different Infant Smiles Reflect Different Positive Emotions? *Social Development*, 9(4), 497-520.
- Fogel, A., Nelson-Goens, G. C., Hsu, H.C., & Secrist, C. (2006) Effects of normal and perturbed social play on the duration and amplitude of different types of infant smiles. *Dev Psychol.*, 42(3), 459-473.
- Fuertes, M. et al. (2010). Momentos de interação em que as emoções se apre(e)ndem: estudo exploratório sobre a prestação materna e infantil em jogo livre. *Psicologia USP*, 21, 833-857.
- Galvão, I. (1996). *Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.
- Galvão, I. (2001). Expressividade e emoção: ampliando o olhar sobre as interações sociais. *Rev. paul. Educ. Fís.*, São Paulo, supl.4, p.15-31.
- Garvey, A., Fogel, A. (2007). Dialogical change processes, emotions, and the early emergence of self. *International Journal for Dialogical Science*, 2(1), 51-76.
- Garvey, A., Fogel, A. (2008). Emotions and communication as a dynamic developmental system. *Espaciotiempo* (Dossier: Enfoques de la complejidad y el desarrollo en las Humanidades y las Ciencias Sociales), 2, 62-73.
- Geangu, E. et al. (2010). Contagious crying beyond the first days of life. *Infant Behavior & Development*, 33(3), 279-288.
- Góes, M. C. R. (2000). A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedes*, (50), 9-25.
- Hatzinikolaou, K. (2006). Expressão da capacidade de empatia em bebês de 8 e 18 semanas. *Paidéia*, 16 (33), 43 – 50.
- Hoehl, S. & Striano, T. (2008). Neural processing of eye gaze and threat-related emotional facial expressions in infancy. *Child Development*. 79(6), 1752-1760.
- Izard, C. E. et al. (1995). The Ontogeny and Significance of Infants' Facial Expressions in the First 9 Months of Life. *Developmental Psychology*, 31(6), 997-1013.

- Keller, H. (1998). Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 8, 1-14.
- Keller, H., Kärtner, J. & Yovsi, R. D. (2010). Mother–Infant Interaction During the First 3 Months: The Emergence of Culture-Specific Contingency Patterns. *Child Development*, March/April, 81(2), 540–554.
- Kreppner, K. (2011). *Aplicando a metodologia de observação em psicologia do desenvolvimento e da família*. Tradução de Maria Auxiliadora Dessen. Curitiba, Juruá.
- Koester, L. S., & Lahti-Harper, E. (2010). Mother-infant hearing status and intuitive parenting behaviors during the first 18 months. *American Annals of the Deaf*, 155(1), 5-18.
- Kokkinaki, T. (2010). Inter-subjectivity during free infant-father “protoconversation” and within-“protoconversation” pauses. *Early Child Development and Care*, 180(1-2), 87-106.
- Kopp, C. B. (1982). Antecedents of self-regulation: a developmental perspective. *Developmental Psychology*, 18, 199-214.
- Lenzi, D. et al. (2009). Neural basis of maternal communication and emotional expression processing during infant preverbal stage. *Cerebral Cortex*, 19(5), 1124-1133.
- Leppänen, J. M. (2011). Neural and developmental bases of the ability to recognize social signals of emotions. *Emotion Review*. 3(2), 179-188.
- Lewis, M. (2011). Problems in the study of infant emotional development. *Emotion Review*, 3(2), 131-137.
- Magiolino, L. L. S. (2004). *Emoções: uma discussão sobre modos de conceber e teorizar*. 2004. 119f. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Malatesta, C. Z., & Haviland, J. M. (1982). Learning Display Rules: The Socialization of Emotion Expression in Infancy. *Child Development*, 53, 991-1003.
- Mendes, D. M. L. F. (2008). *Ontogênese do sorriso no contexto da interação mãe-bebê*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- Mendes, D. M. L. F. & Seidl-de-Moura, M. L. (2009a). Expressões faciais de emoção em bebês: importância e evidências. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9, 307-327.
- _____. (2009b). O sorriso humano: aspectos universais, inatos e os determinantes culturais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61, 109-120.
- Mendes, D. M. L. F., Seidl-de-Moura, M. L. & Siqueira, J. O. (2009). The ontogenesis of smiling and its association with mothers' affective behaviors: A longitudinal study. *Infant Behavior Development*, 32(4), 445 – 453.
- Messinger, D. S. (2002). Positive and negative: Infant facial expressions and emotions. *Current Directions in Psychological Science*, Washington, 11(1), 1-6.
- Minagawa-Kawai, Y. et al. (2009). Prefrontal activation associated with social attachment: Facial-emotion recognition in mothers and infants. *Cerebral Cortex*, 19(2), 284-292.
- Moore, G. A. (2009). Infants' and mothers' vagal reactivity in response to anger. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(11), 1392-1400.
- Moura, G. G. (2012). “*Quem não pega, não se apega*”: o acolhimento institucional de bebês e as (im)possibilidades de construção de vínculos afetivos. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Newman, F., & Holzman, L. (2002). Práxis: a metodologia instrumento-e-resultado e a psicologia de Vygotsky. In: Newman, F., & Holzman, L. *Lev Vygotsky – Cientista Revolucionário*. São Paulo, SP: Loyola.
- Oster, H., Hegley, D., & Nagel, L. (1992). Adult judgments and fine-grained analysis of infant facial expressions: Testing the validity of *a priori* coding formulas. *Developmental Psychology*, Washington, 28(6), 1115-1131, 1992.
- Parlade, M. V. et al. (2009). Anticipatory smiling: Linking early affective communication and social outcome. *Infant Behavior & Development*, 32(1), 33-43.
- Pantoja, A. P. F., & Nelson-Goens, G. C. (2000). Desenvolvimento da vida emocional durante o segundo ano de vida: narrativas e sistemas dinâmicos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 13(2), p. 269-280.

- Pía Santelices, M. et al. (2010). Comparative study of early interactions in mother child dyads and care centre staff child within the context of Chilean crèches. *Child Care, Health & Development*. 36(2), 255-264.
- Pedrosa, M. I. & Carvalho, A. M. A. (2005). Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 431-442.
- Rocha, J. M. R., & Kastrup, V. (2009). Cognição e emoção na dinâmica da dobra afetiva. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 14(2), 385-394.
- Rodrigues, L. A. (2011). *O processo de (trans)formação da comunicação ao longo dos cinco primeiros meses de vida: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Rogoff, B., Mosier, C., Mistry, J., Schools, K., & Goncu, A. (1990). Toddler's guided participation with their caregivers in cultural activity. In: E. Forman, N. Minick, A. Stone. (Eds), *Contexts for learning sociocultural dynamics in children development*. NY: Oxford U.P.
- Rossetti-Ferreira, M. C. (1982). *Aumento da interação adulto-criança e criança-criança durante a separação e após o reencontro com a mãe*. Tese de Livre-Docência, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto
- Rossetti-Ferreira, M. C. (1984). O apego e as reações da criança à separação da mãe: uma revisão bibliográfica. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (48), 3-19.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S. & Silva, A. P. S. (2000). Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. *Psicol. Reflex. Crit.* 13(2), Porto Alegre.
- Rossetti-Ferreira, M. C. & Amorim, K. S. (2008). Dialogismo e a investigação de processos desenvolvimentais humanos. *Paidéia*, 18(40), Ribeirão Preto.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Carvalho, A. M., Amorim, K. S. & Silva, A. P. S. (Orgs.). (2004). *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

- Santos, N. M. & Amorim, K. S. (2012) *Transformação do olhar no bebê e a sua relação com o desenvolvimento postural* [Apresentação Trabalho em Disciplina]. Departamento de Psicologia, FFCLRP, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Scola, C., & Vauclair, J. (2010a). Infant holding side biases displayed by fathers in maternity hospitals. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 28(1), 3-10.
- _____. (2010b). Is infant holding-side bias related to motor asymmetries in mother and child? *Developmental Psychobiology*, 52(5), 475-486.
- Seidl-de-Moura, M. L. et al. (2011). Regulação dos estados de vigília de bebês (um e cinco meses) em contextos diádicos mãe-bebê. *Psicologia em Pesquisa*, UFJF, 5(01), 51-60.
- Silva, D. L. (2007). Do gesto ao símbolo: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica. *Educar*, Curitiba, (30), 145-163.
- Siqueira, A. C. R., & Costa, L. H. F. M. (2010). Diferenciação e afirmação do eu: um estudo sobre interações de crianças na creche. *Horizonte Científico*, 4, 1-30.
- Stahl, D. et al. (2010). Eye contact and emotional face processing in 6-month-old infants: Advanced statistical methods applied to event-related potentials. *Brain & Development*, 32(4), 305-317.
- Sullivan, M. W., & Lewis, M. (2003). Emotional Expressions of Young Infants and Children: A Practitioner's Primer. *Infants and Young Children*, 16(2), 120-142.
- Taques, D. C. S. R., & Rodrigues, O. M. P. R. (2006). Avaliação de repertório comportamental de bebês nos quatro primeiros meses de vida: uma proposta de análise. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(2), 77-87.
- Teixeira, E. S. (2003). A questão da periodização do desenvolvimento psicológico em Wallon e em Vigotski: alguns aspectos de duas teorias. *Educação e Pesquisa*, 29(2), 235-248.
- Tomasello, M., Carpenter, M., & Liszkowski, U. (2007). A New Look at Infant Pointing. *Child Development*, 78(3), 705 – 722.
- Vaish, A., & Woodward, A. (2010). Infants use attention but not emotions to predict others' actions. *Infant Behavior & Development*, 33(1), 79-87.

- Vallotton, C. (2011). Babies open our minds to their minds: How "listening" to infant signs complements and extends our knowledge of infants and their development. *Infant Mental Health Journal*, 32(1), 115-133.
- Vieira, N. M. (2004). *EEA: explorando os recursos de um modelo para análise do desenvolvimento da comunicação mãe-bebê*. Tese de Doutorado, CFCH, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1996). *Teoria e Método em psicologia*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Zanella, A. V. et al. (2007). Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. *Psicol. Soc.*, 19(2).
- Wallon, H. (1986a). Sincretismo Diferenciado. In: Werebe, M. J. G.; Nadel-Brulfert, J. (Orgs.). *Henri Wallon*. São Paulo: Ática, 38-49. (Trabalho original publicado em 1941).
- _____. (1986b). Função proprioplástica. In: Werebe, M. J. G.; Nadel-Brulfert, J. (Orgs.). *Henri Wallon*. São Paulo: Ática, 141-148. (Trabalho original publicado em 1941).
- _____. (1971). *As origens do caráter na criança: os prelúdios do sentimento de personalidade*. Tradução: Pedro da Silva Dantas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. (Trabalho original publicado em 1934).
- Webere, M. J. S., & Nadel-Brulfert, J. (1986). Introdução. In: Webere, M. J. S.; Brulfert, J. N. *Henri Wallon*. São Paulo: Ática, 7-36.
- Wendland, J. (2001). A Abordagem clínica das interações pais-bebê: perspectivas teóricas e metodológicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 45-46.
- Yale, M. E., Messinger, D. S., Cobo-Lewis, A. B., Oller, D. K., & Eilers, R. E. (1999). An event-based analysis of the coordination of early infant vocalizations and facial actions. *Developmental Psychology*, 35(2), 505-513.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3ªed. Porto Alegre, RS: Bookman.

Anexos

ANEXOS

ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Luciana A. Rodrigues. Sou pesquisadora do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil e aluna do Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, estou desenvolvendo um projeto de pesquisa de mestrado sobre os “Processos de (trans)formação da comunicação e da linguagem ao longo do primeiro ano de vida: um estudo de caso”, sob a orientação da professora Katia de Souza Amorim.

Nesse projeto, pretendemos investigar as formas de comunicação e a linguagem do bebê, além de acompanhar como elas se transformam, ao longo do primeiro ano de vida. Para isso, estruturamos um projeto em que devemos fazer gravações em vídeo (VHS) da criança, na casa da família participante ou, eventualmente, em outros espaços em que o bebê venha a freqüentar (como a casa de outros familiares, serviço de saúde ou creche, desde que se tenha autorização dos participantes envolvidos). Cada vídeo-gravação terá uma hora de duração em média. Elas deverão ser realizadas uma vez por semana, nos seis primeiros meses de vida do bebê, e uma vez a cada quinze dias, nos seis meses seguintes (totalizando 29 semanas em que ocorrerão gravações).

Para a realização desse objetivo, precisamos contar com a participação de uma família da região de Ribeirão Preto que tenha acabado de ter um filho e que concorde com a sua participação no estudo. Asseguramos às famílias que temos o compromisso de manter a identidade da criança e família em sigilo. Ainda, afirmamos que a participação neste estudo é voluntária, livre e sem remuneração. E, de que é reservado, à família participante, o direito de interromper as gravações em vídeo a qualquer momento ou de recusar a continuidade de participação em qualquer fase da pesquisa, caso sinta-se incomodada ou constrangida, sem qualquer penalização e prejuízo. Informamos, finalmente, de que não haverá qualquer risco na participação da pesquisa. Caso os familiares tenham interesse, após termos finalizado o estudo, poderão ter acesso a este trabalho.

A família participante poderá fazer perguntas sobre o estudo a qualquer momento. Caso tenha algum problema ou perguntas adicionais, eu (Luciana A. Rodrigues) estou à disposição nos telefones (16)3621-6467 ou (16) 9228-3227. A minha orientadora, a professora Katia de Souza Amorim, também se coloca à disposição para esclarecimentos, caso isso se faça necessário, podendo ser encontrada no telefone (16)3602-3850.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa

Eu, _____, RG _____, aceito participar do projeto de pesquisa intitulado “Processos de (trans)formação da comunicação e da linguagem ao longo do primeiro ano de vida: um estudo de caso”. Este estudo deverá gravar em vídeo meu bebê, _____, ao longo de todo o primeiro ano de vida, de modo a acompanhar o processo de desenvolvimento da comunicação e da linguagem. Eu afirmo ter compreendido que a nossa participação é voluntária, livre e não remunerada, que nossa identidade será mantida em sigilo e que poderemos interromper nossa participação a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, caso desejemos, sem penalização alguma e sem qualquer prejuízo. Ainda, compreendi que a pesquisa não terá qualquer risco para nós e que será garantido e respeitado o aspecto ético. Caso tenhamos interesse em conhecer o resultado do estudo, teremos acesso ao material relacionado ao mesmo.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

Data: ____ / ____ / ____

ANEXO B

Aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Of.CEtP/FFCLRP-USP/017/-jsl

Ribeirão Preto, 29 de março de 2011.

Prezada Pesquisadora,

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "EMOÇÃO NO PRIMEIRO ANO DE VIDA: MANIFESTAÇÕES E PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO" foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 536/2010 - 2010.1.2090.59.9.

Atenciosamente,


Prof.^a Dr.^a ANA RAQUEL LUCATO CIANFLONE
Coordenadora

Ilustríssima Senhora
Ludmilla Dell'Isola Pelegrini de Melo Ferreira
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP - USP

Com cópia para a orientadora:
Prof.^a Dr.^a Kátia de Souza Amorim
Departamento de Psicologia da FFCLRP - USP

ANEXO C

PEQUENOS FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DO CASAL JÚLIA E PEDRO

Júlia (mãe de Marina) estava com 36 anos no início da coleta e é a filha caçula de Mirian e João. Esta última sempre esteve a serviço do lar e de seu marido, que está atualmente aposentado, ele tendo trabalhado, durante toda a vida, com estruturas metálicas. Além de Júlia, o casal teve um filho e uma outra filha. Já Pedro, pai de Marina, estava com 40 anos no início da coleta de dados. É o filho mais velho de uma família inicialmente formada por mais dois filhos. Quando Pedro estava com 12 anos, seu pai faleceu e, de novo casamento, sua mãe teve mais um filho. Com mudança de sua mãe de cidade, ele passou a morar com a uma tia, irmã de seu pai.

Júlia e Pedro estão casados civilmente há nove anos. Namoraram por dez anos, antes de se casarem. No início do namoro, ela tinha dezessete e ele dezenove anos. Tão logo iniciaram o namoro, ela passou a trabalhar na prefeitura da cidade como auxiliar de dentista, onde permaneceu por quatro anos. No meio desse tempo, iniciou um curso de graduação em História, em uma universidade particular, sem ter conseguido concluí-lo. Quando saiu daquele emprego, passou a ser sócia de seu irmão mais velho, em uma estamperia. Com problemas de relacionamento neste local de trabalho, ela abandona a sociedade e arruma um emprego em uma franquia, sem que lhe oferecessem boas perspectivas de crescimento profissional.

Já no início do namoro, Pedro começou a formação civil de piloto de avião em um aeroclube da cidade. Seu pai era piloto de avião e, desde pequeno, freqüentava esse local. Quando terminou essa formação, ele trabalhou para algumas empresas até arrumar um emprego de piloto comercial, em uma cidade do Mato Grosso. Este foi considerado um emprego muito bom pelo casal, apesar de ter uma carga horária de trabalho bastante extensa. Foi nesse momento em que Pedro deixa a casa da tia, onde morava, para viver junto de Júlia – que já trabalhava na franquia. Mudam-se para uma nova cidade, em 1997, tendo ele se transferido para lá antes dela. Alugaram um apartamento e compraram apenas alguns itens básicos para o recém formado lar.

Após três meses da mudança de Júlia, os sócios da firma onde Pedro trabalhava se desentenderam, levando ao encerramento dos serviços oferecidos. Pedro fica desempregado e, estando Júlia sem trabalhar, retornam à cidade de origem. Já na cidade, morando juntos, ela

descobre o oferecimento de um curso de auxiliar de enfermagem que atendia às suas necessidades, iniciando-o em seguida. Por seu lado, Pedro faz vôos como *freelancer*.

Alguns funcionários de uma empresa onde Pedro trabalhara antes de se mudar para o Mato Grosso ensinaram-no a pilotar, especificamente para fazer vôos vinculados ao trabalho na agricultura – é o voar agrícola de que Júlia fala. Com essa habilidade adquirida, ele arrumou um emprego em uma cidade do Mato Grosso do Sul, mudando-se para lá. Júlia permaneceu na cidade de origem para terminar o curso que tinha iniciado. Esse período de separação durou cerca de um ano, quando finalmente ela concluiu o curso e mudou-se para o Mato Grosso do Sul. Como o emprego de Pedro era mais estável, em vista do tempo já transcorrido, e com a mudança dela para junto dele, resolveram se casar, em meados de 1999.

Permaneceram no Mato Grosso do Sul por quase três anos. Júlia não encontrou um emprego como auxiliar de enfermagem que lhe agradasse. Iniciou o curso de graduação em Educação Física e começou a fazer trabalhos voluntários em um orfanato. Logo em seguida, passou também a dar aulas de ginástica em casa. No final do ano de 2001, os amigos de Pedro, que o ensinaram a “pilotar agrícola”, abrem uma empresa na cidade de origem do casal e lhe oferecem uma proposta de trabalho. O casal a aceitou, na medida em que poderiam retornar para a cidade onde estava grande parte de seus familiares e amigos. Lá permanecem até hoje.

Júlia trancou a faculdade por um semestre, durante a transição provocada pela mudança, retornando no semestre seguinte em um centro universitário da cidade. Pedro passou a pilotar na nova empresa, além de continuar fazendo alguns vôos como *freelancer*. Iniciou também a formação formal para conseguir a habilitação específica para vôos agrícolas. Em 2004, ela concluiu a faculdade, ao mesmo tempo em que se envolveu ativamente na construção da residência atual do casal.

Durante o período de construção de sua casa, entre 2004 e 2005, Pedro permaneceu em viagens a maior parte do tempo, chegando mesmo a morar alguns meses no Rio Grande do Norte. Com o final da construção e conclusão da graduação de educação física, Júlia passou a trabalhar em uma clínica médica como auxiliar cirúrgica. Quando surgiu a oportunidade de ser montado o setor de estética da clínica, envolveu-se nesta empreitada, tornando-se sócia do médico na compra de alguns instrumentos do novo setor. Trabalhou diariamente e o dia todo, por quase quatro anos, até o pedido formal de demissão quando Marina (sua filha) estava com quase quatro meses.

Segundo Júlia, a decisão de ter uma criança partiu diretamente dela, sem contudo encontrar qualquer restrição por parte do marido. Para ela, a possibilidade de ter sua criança

veio em um momento em que a vida do casal já estava mais estabilizada. Tal estabilidade era percebida através da construção da residência que representava ponto base na cidade, mesmo considerando as constantes viagens do marido. Havia, ainda, a estabilidade profissional de ambos: ele pilotando e ela trabalhando em uma atividade que lhe dava satisfação, mesmo sem ser da sua área de atuação. Havia ainda estabilidade afetiva, por estarem próximos da rede familiar de apoio de cada um deles, bem como da rede de amigos. O fator idade também era algo que preocupava Júlia, na medida em que já estava mais próxima do fim de seu ciclo reprodutivo do que do início. Além de terem refletido sobre o fato de que, se fossem considerar a dinâmica da vida cotidiana, em que são impostas limitações, dificuldades e prioridades, a todo momento, qualquer decisão não teria nunca sido tomada. Julgaram, por fim, que não teriam outro momento, a não ser este, para a vinda da criança.

Júlia resolveu parar de tomar anticoncepcional, sem informar esta decisão a ninguém, inclusive a Pedro. Agiu desse modo porque não gostaria de ser pressionada por ninguém, nem gostaria de ficar “naquela neura” de engravidar. A decisão de ter um filho já era de comum acordo a ambos e a gravidez seria a consequência. Antes desta, Pedro gostava de brincar com ela, dizendo que “quando tiver um neném, vai ficar me chamando de vô”. Parou de tomar anticoncepcional em setembro e, em fevereiro, engravidou de Marina.

A notícia da gravidez foi recebida com muita empolgação por toda a família. Júlia relata que viveu uma gravidez da forma exata ao que gostaria de realmente ter vivido, sem nenhum tipo de intercorrência médica, nem mesmo de enjôos. Continuou trabalhando normalmente, inclusive até um dia antes da data marcada para a realização da cesárea. Realizou com regularidade os exames pré-natais, estando na medida do possível sempre acompanhada pelo marido. No dia anterior ao nascimento da filha, preparou toda sua bagagem e da filha. No fim da madrugada do dia nove de outubro de 2008, dia agendado para a cesariana, sua bolsa rompeu. A este fato, Júlia relata que foi Marina quem escolheu, na verdade, o dia de seu nascimento, coincidindo com a escolha feita por ela e marido.

Após perceber que se iniciaram os trabalhos de parto, Júlia telefonou para seu médico obstetra, que a autorizou a ir à maternidade. Preparou sua saída de casa, sendo acompanhada pelo marido. Iniciada a manhã, já na maternidade, Júlia foi internada e questionada a respeito de seu desejo de fazer a cesariana. Mantém a decisão tomada inicialmente de realizar esse tipo de parto. E, sem nenhum tipo de problema durante o parto, Marina chega ao mundo às 13 horas e 59 minutos, do dia nove de outubro de 2008, uma quinta-feira. Júlia ainda relata que o atendimento na maternidade foi muito bom, ancorando-se realmente numa concepção de atendimento humanizado. O fato de a anestesia ter sido local garantiu que ela tivesse

condições de perceber e viver “Um momento divino, único! É o filho da gente que está vindo ao mundo”.

Marina nasce com um pouco mais de dois quilos e meio e com quase cinquenta centímetros de comprimento. Ela é um bebê miúdo, de pele clara e cabelos abundantes, os quais são bem lisos e de cor castanho escuro. Tem pequenos olhos castanhos, levemente puxados.

ANEXO D

Cronograma do registro da situação

1º Mês	1	15/10/08	Meio da tarde	1h 02 min	Residência da família	Mãe / avó materna	6 dias
	2	21/10/08	Meio da tarde	1h 01 min	Residência da família	Mãe	12 dias
	3	29/10/08	Final da tarde	45 min	Residência da família	Mãe / pai	20 dias
	4	04/11/08	Início da tarde	1h	Residência da família	Mãe	26 dias
2º Mês	5	12/11/08	Meio da tarde	1h	Residência da família	Mãe / avó materna	1 mês e 3 dias
	6	21/11/08	Meio da tarde	57 min	Residência da família	Mãe	1 mês e 12 dias
	7	29/11/08	Meio da manhã	35 min	Residência da família	Mãe / pai	1 mês e 20 dias
	8	05/12/08	Meio da tarde	40 min	Clínica	Mãe / avó materna	1 mês e 26 dias
3º Mês	9	11/12/08	Final da manhã	1h	Residência da avó	Mãe / avó materna	2 meses e 2 dias
	10	18/12/08	Início da tarde	1h	Clínica	Mãe / avó materna	2 meses e 9 dias
	11	23/12/08	Início da tarde	1h 02 min	Residência da família	Mãe / pai	2 meses e 14 dias
	12	30/12/08	Final da manhã	53 min	Residência da família	Mãe	2 meses e 21 dias
	13	07/01/09	Meio da tarde	50 min	Clínica	Mãe / avó	2 meses e 28 dias
4º Mês	14	15/01/09	Meio da manhã	1h 04 min	Residência da família	Mãe / avó materna	3 meses e 6 dias
	15	21/01/09	Meio da manhã	1h	Residência da família	Mãe / avó materna	3 meses e 12 dias
	16	28/01/09	Meio da manhã	1h	Residência da família	Mãe / avó materna	3 meses e 19 dias
	17	05/02/09	Meio da manhã	1h	Residência da família	Mãe / avó materna	3 meses e 27 dias
5º Mês	18	11/02/09	Meio da tarde	51 min	Residência da família	Mãe	4 meses e 2 dias
	19	19/02/09	Meio da manhã	1h	Residência da família	Mãe / avó materna	4 meses e 10 dias
	20	27/02/09	Meio da manhã	58 min	Residência da família	Mãe	4 meses e 18 dias
	21	05/03/09	Início da tarde	46 min	Residência da família	Mãe	4 meses e 23 dias
6º Mês	22	12/03/09	Meio da tarde	45 min	Residência da família	Mãe	5 meses e 3 dias
	23	20/03/09	Início da tarde	1h	Residência da família	Mãe	5 meses e 11 dias
	24	26/03/09	Final da manhã	1h 02 min	Residência da avó materna	Mãe / avó materna	5 meses e 17 dias
	25	02/04/09	Fim da manhã	1h 01 min	Residência da avó materna	Mãe / avó materna	5 meses e 23 dias
7º Mês	26	08/04/09	Meio da manhã	1h 01 min	Residência da família	Mãe	6 meses

	27	23/04/09	Início da tarde	1h 01 min	Residência da avó materna	Avó e avô maternos / mãe	6 meses e 13 dias
8° Mês	28	07/05/09	Meio da manhã	1h	Residência da família	Mãe / pai	7 meses
	29	21/05/09	Início da manhã	58 min	Residência da família	Mãe / pai	7 meses e 12 dias
	30	04/06/09	Meio da manhã	1h 01 min	Residência da família	Mãe	7 meses e 26 dias
9° Mês	31	18/06/09	Fim da manhã	1h	Residência da família	Mãe / pai	8 meses e 9 dias
	32	02/07/09	Fim da manhã	1h 03 min	Residência da família	Mãe	8 meses e 23 dias
10° Mês	33	18/07/09	Início da manhã	1h	Residência da família	Mãe	9 meses e 9 dias
	34	31/07/09	Início da manhã	1h 03 min	Residência da família	Mãe / pai	9 meses e 22 dias
11° Mês	35	14/08/09	Início da manhã	1h 09 min	Residência da família	Mãe / pai	10 meses e 5 dias
	36	02/09/09	Início da manhã	1h	Residência da família	Mãe	10 meses e 24 dias
12° Mês	37	21/09/09	Meio da manhã	1h 02 min	Residência da família	Mãe / pai	11 meses e 8 dias
	38	09/10/09	Meio da tarde	1h	Residência da família	Mãe / pai	1 ano

Apêndices
